

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Larissa Soares Franco Miranda

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESSOAS IDOSAS SOBRE
TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO: oficinas de informática para a terceira idade
de uma instituição pública de São José dos Campos-SP**

Taubaté – SP

2024

Larissa Soares Franco Miranda

**SOCIAL REPRESENTATION OF OLDER PEOPLE ABOUT
THE IMPACTS OF INFORMATION AND COMMUNICATION
TECHNOLOGIES: computer workshops for seniors at a public
institution in São José dos Campos-SP**

Dissertação apresentada à Defesa da Universidade de Taubaté, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Linha Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Diana Edith B. de S. e C. Ortiz Monteiro.

Taubaté – SP

2024

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

M672r Miranda, Larissa Soares Franco

Representações sociais de pessoas idosas sobre tecnologias digitais da informação e comunicação : oficinas de informática para a terceira idade de uma instituição pública de São José dos Campos-SP / Larissa Soares Franco Miranda. -- 2024

162f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Diana Edith Belfort de Souza Camargo Ortiz Monteiro, Departamento de Gestão e Negócios.

1. Representações Sociais. 2. Pessoas Idosas. 3. Tecnologia Digital da Informação e Comunicação. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano.

II. Título.

CDD-305.26

LARISSA SOARES FRANCO MIRANDA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESSOAS IDOSAS SOBRE OS
IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO: oficinas de informática para a terceira idade de
uma instituição pública de São José dos Campos-SP**

Dissertação apresentada à Defesa da Universidade de Taubaté, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Linha Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Diana Edith B. de S. e C. Ortiz Monteiro.

Data: 26/02/2014

Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Diana Edith B. de S. e C. Ortiz Monteiro - Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Profa. Dra. Mirian Cristina de Moura Garrido – Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Profa. Dr. André Felipe Costa Santos – Universidade Estácio de Sá

Assinatura: _____

Dedico não só esse trabalho, mas toda a minha vida aos meus mais ardentes e fiéis torcedores,
meus amados pais: José Miranda e Helena Franco.

“Na era da informação, a invisibilidade é
equivalente à morte”.
(Zygmunt Bauman)

RESUMO

O aumento da expectativa de vida e a revolução tecnológica, produtos da sociedade contemporânea, são vivenciados ao longo das três últimas décadas pela população brasileira. O primeiro fenômeno é consequência da melhoria nos condicionantes sociais e de saúde e o segundo provém do advento da internet e da evolução das tecnologias digitais da informação e comunicação. Esses dois fatos impactam significativamente nas relações sociais, principalmente no que se refere ao grupo geracional com menos potencialidades na apropriação das ferramentas tecnológicas, devido às características físicas, sensoriais e cognitivas naturais ao processo de envelhecimento: as pessoas idosas. Por isso, as novas interações, produzidas pelas tecnologias digitais, precisam ser discutidas. Essa pesquisa busca analisar as representações sociais, à luz da abordagem processual, de 22 pessoas idosas sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação, tanto por aqueles que já tiveram oportunidade de se capacitar em algum objeto tecnológico, quanto pelos que não tiveram essa experiência. A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição pública federal, da região metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo, que oferece oficina de informática para pessoas idosas. A pesquisa é do tipo exploratória e descritiva, com abordagem de natureza qualitativa e utiliza como procedimento para coleta de dados as análises documentais e a aplicação de questionários e entrevistas. Para a análise dos dados coletados, foram utilizadas a análise de conteúdo e a triangulação de métodos. O processamento desses dados recorreu ao software IRAMUTEQ. Os resultados possibilitaram conhecer o perfil sociodemográfico dos sujeitos participantes. Além disso, apreendemos as representações sociais das pessoas idosas pesquisadas sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação, que incluem, entre outras coisas: a percepção de que podem aproximar distâncias e/ou afastar pessoas; melhorar e/ou prejudicar relações íntimas de afeto e familiares; facilitar a aprendizagem e o acesso a novos conhecimentos e habilidades; garantir entretenimento; escancarar a desigualdade social no seu acesso diante dos mais pobres; acelerar a divulgação de fake news e o acesso a dados pessoais; produzir dependência e gerar adoecimento mental. A análise dos dados permitiu identificar a necessidade de: promoção de oficinas de instrumentos tecnológicos que atendam, na prática, as expectativas das pessoas idosas, por intermédio de linguagem acessível e atenção focada no processo de ensino-aprendizado adequado; respostas do sistema mercadológico, de bens e serviços, às especificidades desse grupo geracional; fomento e estímulo ao empoderamento das pessoas idosas no uso das tecnologias digitais; e, por fim, desenvolvimento de políticas públicas de acessibilidade às novas tecnologias e à internet, bem como de políticas de privacidade para proteção de dados. Com essa investigação, buscamos contribuir com o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o tema, devido a sua pertinência e atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Pessoas Idosas. Tecnologia Digital da Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The increase in life expectancy and the technological revolution, products of contemporary society, have been experienced over the last three decades by the Brazilian population. The first phenomenon is a consequence of improvements in social and health conditions, while the second stems from the advent of the internet and the evolution of digital information and communication technologies. These two factors have had a significant impact on social relations, especially concerning the generational group with less potential for appropriating technological tools, due to physical, sensory, and cognitive characteristics inherent in the aging process: the elderly. Therefore, the new interactions produced by digital technologies need to be discussed. This research aims to identify and analyze the social representations of elderly people regarding digital information and communication technologies, as by those who have already had the opportunity to familiarize themselves with some technological object as by those who have not had this experience. The study was conducted in a federal public institution in the metropolitan region of Vale do Paraíba and the North Coast of São Paulo State, which offers an informatics workshop for elderly individuals. The research is exploratory and descriptive, with a qualitative approach, and uses document analysis and the application of questionnaires and interviews as data collection procedures. Content analysis and triangulation of methods were employed to analyze the data collected. IRAMUTEQ software was used to support the processing of these data. The results provided insights into the sociodemographic profile of the participants. Additionally, the social representations of the researched elderly individuals regarding digital information and communication technologies were captured, including perceptions such as bridging distances and/or creating separation among people, improving and/or harming intimate affection relationships and family relationships, to ease learning and access to new knowledge and skills, ensuring entertainment; exposing social inequality in access among the less privileged, accelerating the spread of fake news and access to personal data, generating dependency, and causing mental health issues. Data analysis identified the need for: workshops promoting technological tools that practically meet the expectations of elderly individuals through accessible language and focused attention on the appropriate teaching-learning process; responses of the goods and services market system to the specificities of this generational group; encouragement and empowerment of elderly individuals in the use of digital technologies; and, finally, the development of public policies for accessibility to new technologies and the internet, as well as privacy policies for data protection. Through this survey, we aim to contribute to the development of further research on the topic, given its relevance and contemporary.

KEYWORDS: Social Representations. Elderly Individuals. Digital Information and Communication Technology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da localização do município de São José dos Campos	17
Figura 2 – Mapa da localização da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte	18
Figura 3 – Mapa da localização do Estado de São Paulo	19
Figura 4 – Análise por triangulação de métodos	70
Figura 5 – Dendograma com a porcentagem de UCE	72
Figura 6 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por gênero	74
Figura 7 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por idade	75
Figura 8 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por escolaridade	77
Figura 9 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por estado civil	78
Figura 10 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por residente	80
Figura 11 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por renda	84
Figura 12 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por ocupação	87
Figura 13 – Gráfico da distribuição dos sujeitos diagnosticado com doenças	89
Figura 14 – Gráfico da distribuição dos sujeitos que fazem uso de remédios	90
Figura 15 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por doenças diagnosticadas	91
Figura 16 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por deficiências diagnosticadas	94
Figura 17 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por participação em Grupos de Convivência	95
Figura 18 – Principais pontos da CHD	98
Figura 19 – Dendograma com palavras com maior qui-quadrado (χ^2)	99
Figura 20 – Nuvem de palavras	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Banco de dados da pesquisa bibliográfica

24

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

BDTD	-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
CETIC	-	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CPI	-	Comissão Parlamentar de Inquérito
DCNT	-	Doença Crônica Não Transmissível
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	-	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
SciElo	-	Scientific Electronic Library
OMS	-	Organização Mundial de Saúde
PTTC	-	Prestador de Tarefa por Tempo Certo
PNAD TIC	-	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, no módulo Tecnologia da Informação e Comunicação
ST	-	Segmentos Textuais
TC	-	Teste seu Cérebro
TDIC	-	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TRS	-	Teoria das Representações Sociais
TNL	-	Transtorno Neurocognitivo Leve

SUMÁRIO

RESUMO.....	
ABSTRACT.....	
LISTA DE FIGURAS.....	
LISTA DE ABREVIÇÕES E SIGLAS.....	
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Problema.....	15
1.2 Objetivos.....	16
1.2.1 Objetivo geral.....	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 Delimitação do estudo.....	16
1.4 Relevância do estudo/Justificativa.....	20
1.5 Organização do trabalho.....	22
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	23
2.1 Panorama das pesquisas existentes sobre o tema estudado.....	23
2.1.1 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).....	26
2.1.2 Scientific Eletronic Library (SciElo).....	27
2.1.3 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).....	28
2.1.4 Biblioteca Virtual da Universidade de Taubaté.....	31
2.1.5 Desafios das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida da população idosa.....	31
2.2. Envelhecimento e velhice.....	34
2.2.1 Velhice e mídias.....	38
2.2.2 Pessoas idosas no Brasil e inclusão digital.....	41
2.3. Tecnologias digitais da informação e comunicação.....	47
2.3.1 Uso das tecnologias digitais da informação e comunicação pelas pessoas idasas.....	51
2.4 Teoria das representações sociais	55
3 METODOLOGIA.....	58
3.1 Delineamento da pesquisa.....	58
3.2 Tipo de pesquisa.....	60

3.3 População.e amostra.....	61
3.4 Instrumentos de pesquisa.....	62
3.5 Procedimentos para coleta de dados.....	65
3.6 Procedimentos para análise de dados.....	66
3.7 Preparação para análise de dados.....	70
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	73
4.1 Caracterização sociodemográfica das pessoas idosas.....	73
4.1.1 Gênero.....	74
4.1.2 Idade.....	75
4.1.3 Escolaridade.....	77
4.1.4 Estado civil.....	78
4.1.5 Residentes com quem?	80
4.1.6 Renda.....	84
4.1.7 Ocupação.....	87
4.1.8 Saúde.....	89
4.1.9 Convivência sociocomunitária.....	95
4.2 Análise das entrevistas com as pessoas idosas.....	97
4.3 Preparação para análise.....	97
4.4 Análise de dados do <i>corpus</i> textual.....	101
4.4.1 Classe 1 – APRENDER.....	101
4.4.2 Classe 2 – DIFICULDADE.....	106
4.4.3 Classe 3 – REDE SOCIAL.....	115
4.4.4 Classe 4 – CASA.....	121
4.4.5 Classe 5 – PESSOA.....	129
4.4.6 Classe 6 – EXISTIR.....	138
4.5 Fechamento capitular: as rerepresentações sociais sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação para pessoas idosas.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	149
APÊNDICES.....	157
ANEXOS.....	161

1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais ocorridas no mundo e, especialmente, no Brasil, vêm impactando significativamente na vida das pessoas. O retrato dessas alterações são as mudanças no padrão da evolução demográfica e os avanços das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na sociedade contemporânea. Esse cenário de transição populacional e os novos modelos de comunicação e novas formas de decodificar informações para construção de significados, vivenciado ao longo dos anos, influencia o desenvolvimento humano.

De acordo com o levantamento de dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), à época da pesquisa, a população idosa brasileira representava apenas 7,32% da população total, com uma projeção de aumento desse público para 8,94% em 2017. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios (IBGE, 2017), o Brasil superou essa expectativa, logrando a marca de 30,2 milhões de idosos em 2017, ou seja, 14,6% do total da população, representando uma expectativa de vida de 75,9 anos. Em 2023, temos, no país, 33,6 milhões de indivíduos acima dos 60 anos (IBGE, 2023).

A previsão, conforme o IBGE (2022), é de que essa população chegue a 45,5 milhões (19% do total de habitantes) em dez anos. A Organização Mundial de Saúde afirma que, até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de pessoas idosas (OMS, 2005). Em 2031, o IBGE estima que o número de seniores (43,2 milhões) supere pela primeira vez o número de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos (42,3 milhões). Em 2042, a projeção do Instituto é de que a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões de pessoas idosas (24,5%). Acredita-se que, antes de 2050, esse grupo já será maior do que o da parcela da população com idade entre 40 e 59 anos e que chegue a uma expectativa de vida de 81,3 anos. Projeta-se que o percentual de pessoas idosas acima dos 60 anos de idade chegue em 2060, a 32,1% da população geral (Mellis, 2018).

Paralelamente a essa realidade de mudança populacional, a ascensão das tecnologias tem mediado as relações sociais atuais entre os seres humanos e entre esses e o mundo. Isso tem se revelado nas novas formas de acesso às informações e nos novos processos comunicacionais, que imputam adaptações na vida dos indivíduos, especialmente do grupo da sociedade que naturalmente tem menos capacidades se comparado aos mais jovens. Para eles, são necessárias apropriações de novas habilidades, decorrentes das características físicas, sensoriais e cognitivas naturais ao processo de envelhecimento (KACHAR, 2003).

A percepção do aumento da expectativa de vida ao longo dos tempos colabora para inferirmos que, provavelmente, haverá também o aumento do acesso à rede pelas pessoas. Além disso, novas possibilidades e invenções tecnológicas devem surgir, implicando em novas formas de interação social e, por isso, cabe pensar no processo evolutivo das tecnologias digitais da informação e comunicação com as pessoas idosas e estudar formas para ampliar a participação ativa dos não “nativos digitais” (PRENSKY, 2001) na era digital.

O fato de que uma parcela significativa da população vem acessando cada vez mais as TDIC despertam o interesse em compreender essa relação no contexto de inserção das pessoas idosas na atual lógica digital, justificando o presente estudo.

O uso da internet é considerado uma atividade clinicamente significativa por estimular o desenvolvimento e o ganho cognitivo, conforme estudo de Krug, D’orci e Xavier (2019). Além disso, Silveira e Portuguez (2017) afirmam que o uso do computador melhora o estado emocional, a qualidade de vida e a habilidade motora manual, ou seja, contribui positivamente para a funcionalidade da pessoa idosa.

Entretanto, Santos *et al.* (2018) comprovaram que existe um ponto relevante na relação das pessoas idosas com o avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação: a dificuldade nos processos interativos, em especial, no que diz respeito às relações familiares por meio dos aparelhos tecnológicos. Essa dificuldade é resultante da redução das capacidades físicas e cognitivas das pessoas idosas. Por isso, de acordo com Freitas (2019), os longevos devem, habitualmente, se manterem ativos em suas relações sociais e culturais, garantindo um envelhecimento saudável, especialmente, para os com mais de 80 anos de idade.

Embora estejamos no século XXI, permeado de possibilidades, trazidas pelas tecnologias modernas, nem todos os indivíduos passam por esse processo social e usufruem de forma igualitária das possibilidades disponíveis. No cotidiano, muitas pessoas idosas mostram-se resistentes em face ao contato e ao uso dos recursos tecnológicos. A situação se agrava pela exigência do aprendizado contínuo que as tecnologias impõem, devido ao avanço desenfreado da era digital, que nos obriga a adotarmos uma postura de acompanhamento permanente frente às inovações. Isso porque se busca a interação frequente nas novas relações sociais e que sejamos socialmente ativos, especialmente as pessoas idosas.

As associações e influências recíprocas com as práticas sociais (interação dinâmica entre os sujeitos, o objeto e a sociedade) são aspectos relevantes para a Teoria das

Representações Sociais. Nesse trabalho, interessa-nos discutir de que forma as pessoas idosas¹ representam as tecnologias digitais da informação e comunicação e de que maneira essas representações influenciam em suas práticas sociais e são influenciadas por elas. Partimos do pressuposto de que, nas ciências sociais, “[...] a identificação e aprofundamento das representações sociais existentes são fundamentais na compreensão das práticas sociais, do saber, do senso comum partilhados pelos membros de um mesmo grupo sobre um objeto” (CLAY; CHAMON; RODRIGUES, 2016, p. 262).

Assim, o trabalho que ora se apresenta discorre sobre a tendência de envelhecimento da população brasileira, como apontam os dados estatísticos de censos e a contínua evolução das tecnologias, bem como traz reflexões sobre as compreensões que as pessoas idosas têm na era da informação, a partir da identificação e análise das representações sociais dos sujeitos da pesquisa sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação.

É na análise desses aspectos que propomos adotar, na perspectiva da psicologia social, a Teoria das Representações Sociais, a partir da abordagem processual de Denise Jodelet, como fundamentação teórica à construção da nova produção acadêmica aqui idealizada.

Por fim, o compromisso desse trabalho é estudar representações sociais, tecnologias digitais da informação e comunicação e pessoas idosas, bem como entender o processo de envelhecimento da população brasileira na era digital. Por isso, a importância de pensarmos em alternativas de atenção e de estímulos para que as pessoas idosas continuem sendo participativas e colaboradoras em contextos sociais de alterações significativas. Reconhecer e aceitar esse fenômeno multigeracional, que mobiliza toda a humanidade, é um desafio.

Ainda, cabe destacar a relevância de tal assunto para a conscientização das pessoas sobre o processo ativo de envelhecimento saudável vinculado às novas tecnologias digitais da informação e comunicação, uma vez que, na condição de estar vivo, envelhecer parece ser uma acalentada esperança e é preciso fazê-lo, antes de tudo, com dignidade e respeito pelos seus benefícios a toda a população. Ademais, o presente estudo é importante para o meio acadêmico por contribuir para a literatura científica das Ciências Sociais e Humanas, especialmente na área do Desenvolvimento Humano, e diversificar as fontes de pesquisa relacionadas ao tema proposto.

1.1 Problema

¹ Nesse trabalho, definimos pessoa idosa como o indivíduo com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, conforme dispõe o Estatuto da Pessoa Idosa.

Com o desenvolvimento das tecnologias modernas e o advento da internet, a popularização dos meios e das formas de comunicação avança velozmente e precisa ser acompanhada por todos os segmentos da sociedade. De modo particular, aqueles que naturalmente têm mais dificuldade no domínio das ferramentas tecnológicas, por motivo de redução cognitiva com o avanço natural da idade (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005), as pessoas idosas, não podem ser excluídas desse processo.

A apropriação de novos conhecimentos por esse segmento social pode ter dois desdobramentos relevantes à sociedade brasileira: servir de meio para a promoção social de pessoas idosas ou ser uma ferramenta que fortalece o isolamento social desse público, que tende a sofrer interferências sociais e ocupacionais à medida que algumas limitações físicas e cognitivas surgem com o processo natural de envelhecimento.

Isso posto, temos como ponto de partida a seguinte problematização: Quais as representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação para as pessoas idosas?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar as representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa;
- Discutir os desafios das TDIC na vida da população idosa imersa na era digital;
- Compreender o universo dos significados, das aspirações, das crenças e dos valores das pessoas idosas sobre as TDIC;
- Conhecer os elementos que levam (ou não levam) as pessoas idosas a participarem de oficinas de formação em informática.

1.3 Delimitação do estudo

Esse estudo se situa no campo da Representação Social e se ancora teórico-metodologicamente na abordagem processual dos estudos de representações sociais de Denise

Jodelet, desenvolvendo uma discussão das representações sociais sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação sob a ótica das pessoas idosas.

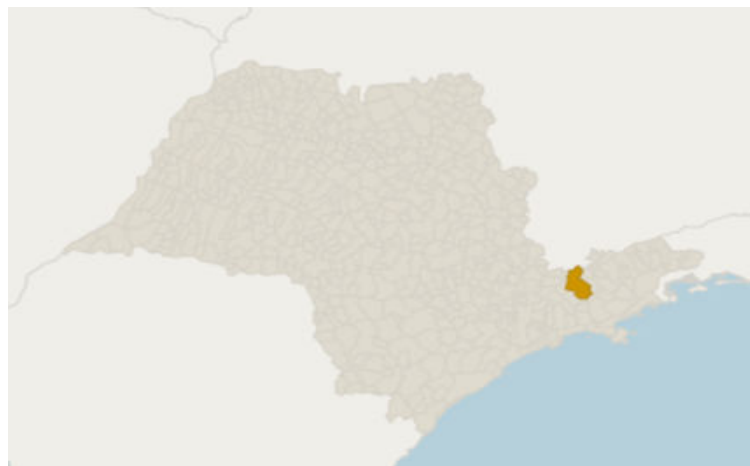
A Psicologia Social, como uma ciência social, cujo objeto é o estudo das relações sociais cotidianas produzidas na realidade social, entende o comportamento social, presente na maioria dos problemas e fatos socialmente relevantes, como parte das suas atividades centrais (PALMONARI; CERRATO, 2014). É a partir desses pressupostos e compartilhando outros surge a Teoria das Representações Sociais “[...] com o propósito de oferecer outros caminhos para o estudo tradicional dos fenômenos sociais e psicossociais” (PALMONARI; CERRATO, 2014, p. 407).

Jodelet (1991) define representações sociais como sendo uma forma de conhecimento social do senso comum sustentado por três pilares: a comunicação, a (re)construção do real e o domínio do mundo. Conforme a autora, as representações sociais são moduladores do pensamento social e atuam como guias da interpretação e da organização da realidade, fazendo com que os sujeitos construam e reconstruam essa realidade a partir da interação social dos indivíduos/grupos com os objetos sociais, por meio da troca e compreensão de códigos, ou seja, da comunicação, permitindo, portanto, ao indivíduo se situar no mundo e, assim, dominá-lo.

Para a realização dessa pesquisa, selecionamos um grupo de 22 pessoas idosas, das quais sete já tinham participado de oficinas de informática anteriormente e 15 nunca participaram. O objetivo de se pesquisar um grupo com esses dois tipos de experiências foi para analisar as representações sociais das tecnologias digitais da informação e comunicação, tanto para pessoas idosas que tiveram capacitação sobre as tecnologias modernas, quanto para as que não passaram pelo processo ensino-aprendizagem de ferramentas tecnológicas. Conseguimos, assim, extrair informações para produzir conclusões a respeito da relação das tecnologias digitais com as pessoas idosas.

As pessoas idosas convidadas para a pesquisa são as vinculadas a uma instituição pública do município de São José dos Campos- SP (Figura 1) e o grupo de convivência selecionado como referência de estudo que teve acesso à capacitação é o vinculado à Oficina de Informática para Terceira Idade do Serviço Social dessa instituição.

Figura 1 – Mapa da localização do município de São José dos Campos/ SP



Fonte: IBGE (2020).

São José dos Campos é a principal cidade da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (figura 2), ao leste do Estado de São Paulo (figura 3).

Figura 2 – Mapa da localização da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte



Fonte: Atlas Desenvolvimento Humano do Brasil (2020).

Vale destacar que, foi a partir da instalação do complexo de unidades militares da Força Aérea Brasileira, em 1950, que o processo de industrialização da cidade de São José dos Campos tomou impulso. Por essa razão, o município foi colocado numa nova era de desenvolvimento tecnológico e da cidade, no geral, atraindo milhares de moradores. São José dos Campos é a segunda cidade de interior mais populosa do Brasil, atualmente, com 697.054 habitantes, sendo a população idosa representada por 12% de seniores joseenses, conforme o IBGE (2022).

Figura 3 – Mapa da localização do Estado de São Paulo



Fonte: IBGE (2020)

De acordo com a pesquisa documental (2020), realizada por nós na instituição escolhida, a oficina de informática estudada nessa pesquisa faz parte de um projeto social de convivência sociocomunitária para pessoas idosas vinculadas à instituição, que promove sociabilidade, educação, saúde e qualidade de vida, sendo coordenado pelo setor de Serviço Social. Esse projeto social costuma ser ofertado anualmente e seu período de duração é de sete meses, sendo três meses no primeiro semestre (março, abril e maio) e quatro meses no segundo semestre (agosto, setembro, outubro e novembro). Os encontros normalmente são semanais, às segundas-feiras, das 13h30min às 15h00min.

A escolha dessa oficina de informática como campo da pesquisa foi motivada pela quantidade de pessoas idosas vinculadas administrativamente a essa instituição, uma vez que existem 1.591 militares da Força Aérea Brasileira na reserva ou reformados²; 1.787 servidores civis, do Ministério da Ciência e Tecnologia aposentados; 896 pensionistas de militares e 852 pensionistas de servidores civis, pertencentes à instituição.³

Essas 5.126 pessoas vinculadas à instituição pesquisada não necessariamente são idosas, porém é expressiva a representatividade de indivíduos com mais de 60 anos. O setor de recursos humanos da instituição informou, à época da pesquisa, que ela possui 1.762

² Vale a pena esclarecer que militares não se aposentam, mas sim vão para a reserva, ou seja, depois de cumpridos, no mínimo, 35 anos de serviço, vão para a inatividade, podendo ser acionados para retornarem à ativa em caráter excepcional. Já a condição de reformado, refere-se àqueles militares com comprometimento de saúde, impossibilitados de exercer as atividades inerentes à missão institucional da Força Aérea Brasileira ou aqueles afastados por determinações previstas em regulamento próprio (Lei nº 6.880/1980).

³ Dados atualizados em 08/09/2021, conforme informações fornecidas pela Seção de Aposentados, Inativos e Pensionistas da instituição pesquisada.

indivíduos com 60 anos ou mais dos 2.487 militares e pensionistas de militares, ou seja, 70,84% de idosos desse grupo pertencem ao meio militar. Do público dos aposentados e pensionistas de servidores civis, o setor informou que não disponibiliza ferramentas para mensurar quantos possuem 60 anos ou mais dos 2.639 indivíduos desse grupo. Conseqüentemente, se a instituição possui 972 militares na reserva ou reformados e 790 pensionistas de militares acima de 60 anos, a instituição possui, no mínimo, portanto, 34,37% de idosos do total de pessoas vinculadas a ela.

O Serviço Social da instituição pesquisada tem como finalidade atuar frente às demandas sociais daqueles que muito já contribuíram com ela. Nessa perspectiva, o referido setor auxilia na aquisição de novas potencialidades aos pertencentes ao efetivo da instituição, a partir da promoção de espaços para implementação de projetos sociais que atendam as suas necessidades sociais (NSCA 163-1/2020).

Adaptar-se às transformações sociais é uma demanda social latente, especialmente no que tange às tecnologias modernas para públicos vulneráveis. Pensando nisso, o Serviço Social da instituição em apreço disponibiliza oficinas de informática para as pessoas idosas vinculadas a sua organização militar, por meio do ensino da informática e do acesso às ferramentas tecnológicas. Essa atitude torna possível descortinarem-se novas perspectivas de interação social e de participação no mundo, facilitando o acesso à informação e à tecnologia, diversificando a comunicação e aumentando a independência e a autonomia da pessoa idosa. Portanto, o fomento de espaços para inclusão ou participação digital de pessoas idosas está intrinsecamente relacionado à noção de cidadania e à qualidade de vida, objetivos do setor, conforme compreendido na pesquisa documental realizada.

1.4 Relevância do estudo/Justificativas

A tendência de aumento da expectativa de vida da população carrega desafios a serem enfrentados e novos contextos a serem considerados. O processo de globalização, por sua vez, impõe à sociedade moderna constantes adaptações. Em vista disso, é imprescindível o reconhecimento da sociedade sobre a longevidade e a valorização da pessoa idosa, proporcionada, por exemplo, pela sua inclusão no mundo digital.

Esse estudo é relevante por trazer ao debate as possibilidades de intervenção das entidades no campo do bem-estar social direcionadas à pessoa idosa. Esperamos que essa pesquisa fomente o debate em torno da suposta relação paradoxal existente entre

envelhecimento e modernidade, trazendo reformulações de políticas públicas e a elaboração de estratégias que ensejem qualidade de vida, saúde e promoção social, a partir da discussão quanto à importância das ferramentas tecnológicas no processo de envelhecimento dos indivíduos. Com essa discussão, almejamos abrir novas perspectivas e contribuir para a construção da terceira e da quarta idade como etapas da vida, nas quais se pode verdadeiramente usufruir com dignidade, liberdade, respeito e realizações.

No âmbito teórico, essa pesquisa tem relevância, ainda, para a discussão da Teoria das Representações Sociais, haja vista a pesquisa poder trazer à baila a relação entre o objeto (tecnologias digitais) e o sujeito (pessoas idosas), cuja existência é afetada por diferentes elementos em seu cotidiano, uma vez que o estudo das Representações sociais:

“[...] permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo” (JODELET, 2009, p. 697).

Nossa pesquisa busca responder a exímia presença de estudos voltados para as manifestações das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida das pessoas idosas no Brasil, conforme constatado no levantamento bibliográfico realizado (a seguir). Por isso, temos como propósito contribuir para o debate sobre o objeto estudado, caracterizando o nível de conhecimento e produção acumulada sobre a temática, divulgando mais estudos acadêmicos sobre a valorização do velho como cidadão idoso que muito colabora com o progresso da sociedade contemporânea, ampliando o saber científico disponível e avançando metodologicamente nas pesquisas da área das Ciências Humanas, das Ciências Sociais Aplicadas, do Desenvolvimento Humano e da Gerontologia. Assim, almejamos reduzir lacunas deixadas pelas pesquisas antecedentes, como observaremos no levantamento bibliográfico apresentado no capítulo subsequente.

Ademais, a justificativa de escolha desse tema deve-se à nossa trajetória pessoal, acadêmica e profissional, vinculada ao segmento social das pessoas idosas. Essa trajetória inclui bacharelado em Serviço Social; pós-graduação em Políticas Públicas e Direitos Sociais; especialização em Gerontologia; coordenação de programas sociais voltados para o desenvolvimento da sociabilidade sociocomunitária da pessoa idosa; supervisão de projetos sociais de oficinas de informática e inclusão digital para envelhecidos, bem como aptidão técnica e motivação cativa por conhecer esse segmento social: tais razões são os fundamentos que nos levam à escolha e à curiosidade por investigar esse assunto.

Visto que todo cientista social tem o compromisso e a responsabilidade de publicizar os dados coletados não só aos participantes da pesquisa, mas também à sociedade em geral, esperamos que, esse estudo, após divulgar seus resultados, contribua para a ampliação de políticas públicas, fortalecendo, especialmente, os eixos estruturantes e os objetivos da Política Nacional de Educação Digital. Ainda, que a solidariedade intergeracional de fato aconteça, demarcando o avanço civilizatório voltado às potencialidades humanas, assim como seja um instrumento para auxiliar as pessoas idosas a descortinarem possibilidades de cidadania.

É mister a divulgação de dados e estudos sobre os novos estilos de vida das pessoas idosas a partir do leque de alternativas trazidas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação, almejando a redução dos danos nessa etapa da vida. Isso porque, teremos um quantitativo significativo de pessoas idosas nos anos futuros, imersas num mundo cada vez mais digital e informatizado, sendo necessário acolhê-las e incluí-las.

1.5 Organização da dissertação

Esse trabalho se organiza da seguinte forma: Introdução, Revisão de literatura, Metodologia, Resultados finais e discussões, Considerações finais e Referências.

A Introdução subdivide-se em cinco subseções: Problema, Objetivos geral e específicos, Delimitação do estudo, Relevância do estudo/Justificativa e Organização do trabalho.

A Revisão de literatura apresenta um panorama das pesquisas recentes sobre os conceitos de Representações sociais, Pessoas idosas e Tecnologias digitais da informação e comunicação. Aborda a base teórica que fundamenta a pesquisa empírica com a apropriação de conceitos e pontos relevantes referentes aos temas da pesquisa.

A Metodologia subdivide-se em quatro subseções: Tipo de pesquisa, População e amostra, Instrumentos de pesquisa, Procedimentos para coleta de dados e Procedimentos para Análise dos dados.

Em seguida, apresentam-se os Resultados finais e discussão, seguido das Considerações finais e das Referências. Nos Apêndices, constam os instrumentos que elaboramos para dar suporte à nossa investigação e nos Anexos outros documentos relevantes para a pesquisa, que não são de nossa autoria.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Panorama das pesquisas existentes sobre o tema estudado

Conforme Minayo (2001), a pesquisa bibliográfica precisa ser disciplinada, crítica e ampla. Disciplinada porque exige uma prática sistemática com escolhas de textos e autores a partir de critérios claros. Crítica por estabelecer o diálogo reflexivo entre a teoria e os outros estudos vinculados ao tema. E ampla por se esperar que a pesquisa contemple o todo do objeto no tempo atual da busca.

A opção metodológica utilizada para o levantamento e a avaliação do conhecimento sobre o tema ora proposto foi do tipo “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, que, como Ferreira (2002) afirma, tem como desafio:

[...] mapear e [...] discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (p. 258).

O levantamento bibliográfico foi realizado de maio a junho de 2020, nas bases de dados, disponibilizadas no Google Acadêmico, das plataformas *on-line* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da *Scientific Electronic Library* (SciELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Biblioteca Virtual da Universidade de Taubaté. Selecionamos publicações que contemplassem a temática das representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas.

Inicialmente, buscamos a partir dos seguintes descritores: representações sociais; tecnologia de informação e comunicação; e idosos. Os critérios utilizados para a seleção dos trabalhos foram serem: artigos, teses e dissertações, publicados entre os anos de 2015 e 2020, em língua portuguesa, disponibilizados gratuitamente e na íntegra, que discorressem sobre a relação entre as tecnologias digitais da informação e comunicação e os idosos.

A partir da ausência de produções pela combinação dos descritores supracitados em algumas plataformas, como demonstrado nos Bancos de Dados do Quadro 1 e discriminado

nas seções seguintes, estabelecemos novas combinações, com outras palavras-chaves assemelhadas, com vistas a encontrar publicações que subsidiassem este trabalho. Assim, elegemos as seguintes combinações: representação social e pessoa idosa, representação social e melhor idade, representação social e terceira idade; representação social e as TIC's, representação social e informática; representação social e internet; TIC's e pessoa idosa, TIC's e idosos; informática e idosos, internet e idosos.

Para o total de produções encontradas nas plataformas a partir das combinações acima descritas, realizamos a primeira seleção. Nela utilizamos como critério a filtragem do tema de forma mais específica, por meio da leitura dos títulos de cada trabalho apresentado na busca. Escolhemos aqueles que obrigatoriamente vinculassem pessoas idosas às tecnologias de forma geral.

Desses trabalhos selecionados, realizamos uma segunda filtragem, com a leitura dos resumos, selecionando apenas as produções cujo conteúdo dos seus resumos trouxesse como discussão primária a relação das pessoas idosas com algum tipo de tecnologia. Dessa forma, excluímos os trabalhos que mencionaram o tema em apreço apenas como parte secundária.

Por fim, entre teses, dissertações e artigos, selecionamos 16 trabalhos, conforme o Banco de Dados da pesquisa bibliográfica, apresentado no Quadro 1. Referidos trabalhos atenderam aos critérios preestabelecidos e supramencionados e compuseram esse estudo, sendo lidos na íntegra e analisados.

Quadro 1 – Estudos selecionados nos Bancos de Dados

Representações Sociais e Idosos/ Pessoa Idosa			
UNITAU	SCIELO	CAPES	BDTD
Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Uso de tecnologias domésticas por idosos. A representação publicitária de idosos utilizando dispositivos móveis: uma análise da velhice retratada na propaganda brasileira. Idosos e Cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação. *
TIC e Pessoa Idosa			
UNITAU	SCIELO	CAPES	BDTD
Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Não foram encontrados estudos com esses descritores.	Idosos e cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação. * O uso das tecnologias digitais

			de informação e comunicação na terceira idade e a vulnerabilidade à engenharia social.
			Letramento Digital e Inclusão Social do Idoso.
			Idosos e internet: mediações nos usos de serviços bancários digitais.
			Tecnologias comunicacionais e idosos: aproximação ou distanciamento? O caso da Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo do Campo/SP.
Informática/ Internet e Idosos			
UNITAU	SCIELO	CAPES	BDTD
Não foram encontrados estudos com esses descritores.	A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento.	Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de software educativo.	“Devagarinho a gente pega o jeito”: um estudo antropológico sobre envelhecimento e mídias digitais.
	Efeitos do Uso do Computador na Cognição, Estado Emocional, Qualidade de Vida e Habilidade Manual de Idosos.	Tecnologias digitais de informação e comunicação via Web: Preferências de uso de um grupo de usuários idosos.	
	Associação entre o uso de internet e a função cognitiva de idosos.	Desempenho cognitivo, estado emocional, qualidade de vida e habilidade motora manual de idosos participantes de oficinas de informática.	
		Processo de formação e inclusão tecnológica para a Terceira Idade.	
		Validação do instrumento “teste seu cérebro” para idosos: versão para ipad.	

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2024).

Identificar na literatura acadêmica nacional os trabalhos já existentes sobre a relação entre representações sociais, tecnologias digitais da informação e comunicação e pessoas idosas é o impulso para a categorização e a organização do conhecimento científico sobre a temática do estudo aqui proposto, o que permite avançar na construção de teorias mais robustas e na proposição de políticas de intervenção às práticas sociais das pessoas idosas com as tecnologias digitais da informação e comunicação.

Os resultados encontrados em nossa busca mostraram uma insuficiente produção científica atualizada sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação na vida das pessoas idosas, demonstrando a necessidade de se pesquisar mais sobre o assunto. Há poucos

dados empíricos na literatura sobre os desafios das tecnologias e os efeitos das oficinas de informática no estado cognitivo e emocional, na qualidade de vida e nas habilidades motoras do idoso. Os poucos estudos disponíveis preocupam-se mais em verificar os benefícios e as dificuldades encontradas pelas pessoas idosas para a sua inclusão digital.

Ademais, realizamos análises documentais para fundamentar as categorias do estudo e para acessar um acervo de informações mais restritas, dando suporte ao processo de historicidade e contextualização do tema. Nesse sentido, foram selecionados documentos como: a Carta Magna, primeiro texto importante que versa sobre a pessoa idosa no Brasil; a Lei nº 8.842/1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso; a Lei 10.741/2003, que legitima o Estatuto do Idoso; bem como dados do Censo Demográfico do IBGE; e legislações e documentos que regulamentam e versam sobre o campo de estudo.

A seguir, serão apresentados os resultados encontrados a partir da busca em produções acadêmicas sobre o tema de estudo, utilizando-se as palavras-chaves combinadas, consultadas nos Bancos de Dados construídos na pesquisa bibliográfica.

2.1.1 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

A busca por referências bibliográficas na base de dados da CAPES, usou como filtro produções acadêmicas por recortes de *Brazil*, temas de Humanas, Envelhecimento e Idoso. Na combinação dos descritores: “representação social” e “pessoa idosa”, não apareceu nenhum trabalho. Por esse motivo, substituímos essa combinação pelo descritor “idosos”, aparecendo oito trabalhos. Três deles em português e cinco, em inglês. Com a leitura prévia do título e do resumo dos trabalhos, porém, verificamos que, não eram de interesse para a fase exploratória dessa pesquisa.

Já na combinação de descritores: “representação social” e “tecnologia da informação e comunicação”, encontramos 77 trabalhos, sendo 46 em inglês e 31 em português, mas nenhum também de interesse para a fase exploratória dessa pesquisa.

Por sua vez, na combinação dos descritores: “tecnologia da informação e comunicação” e “pessoa idosa”, surgiram 24 trabalhos, sendo treze em português e onze em inglês. Visto não aparecer material de interesse nessa combinação, optamos pelo arranjo dos descritores “informática” e “idoso”, aparecendo 49 produções. Dessas, 41 em português e oito em inglês. Selecionamos dessa amostra, cinco artigos para a pesquisa bibliográfica por

evidenciarem uma aproximação com o tema proposto de estudo tanto no título, como resumo do trabalho.

No primeiro artigo, os autores apresentaram como resultados que a utilização dos *softwares* educacionais auxilia os idosos no processo de desmitificação e apropriação de conceitos relacionados ao computador e às ferramentas de informação e comunicação disponíveis na *Web* (SALES *et al.*, 2014). No segundo artigo, concluíram que a preferência do grupo pesquisado era pela utilização de *e-mail* (SALES *et al.*, 2014).

No terceiro artigo, foi identificado que os idosos participantes do grupo de oficinas de informática, após atividade, apresentaram melhora significativa em relação ao desempenho cognitivo total e seus domínios de memória e de linguagem, bem como nos sintomas de depressão, no domínio físico de qualidade de vida, na força de preensão manual e na motricidade fina, quando comparados ao grupo não participante de oficinas de informática (SILVEIRA, 2015).

No quarto artigo, como resultado, os autores evidenciaram que os idosos entravam nos cursos de informática com pouca noção sobre como utilizá-la e, ao final, saíam com conhecimentos mais sólidos dos conteúdos ministrados (PAIXÃO; FREITAS, 2017).

O quinto artigo selecionado evidenciou que: a idade média dos participantes da pesquisa era de 70,3 anos; o aplicativo Teste de Cérebro, um dos instrumentos utilizados na pesquisa, apresentava nível de confiabilidade aceitável; as pontuações gerais dos dois instrumentos utilizados, TC (teste seu cérebro) e MoCA (*montreal cognitive assessment*), demonstraram uma correlação estatisticamente significativa, positiva e classificada como moderada em ambos ($r=0,616$; $p<0,001$); houve a não identificação de influência das variáveis sociodemográficas, como sexo, idade e escolaridade, e sobre a relação de linearidade entre os instrumentos TC e MoCA (FREITAS, 2019).

2.1.2 Scientific Eletronic Library (SciElo)

Na busca de referências bibliográficas na base de dados da SciElo, utilizamos a combinação de descritores “representação social” e “pessoa idosa”, porém não apareceram quaisquer trabalhos. Por isso, substituímos a combinação pelo descritor “idosos”, surgindo 29 trabalhos, sendo 22 em português e sete em inglês. No entanto, sem relação com o objetivo dessa pesquisa, conforme nossa leitura prévia do título e do resumo dos trabalhos.

Já na combinação dos descritores “representação social” e “tecnologia da informação e comunicação”, surgiram seis trabalhos, sendo dois em português, um em inglês e três em espanhol. Igualmente, sem interesse para a fase exploratória da nossa investigação. Isto posto, tentamos a combinação com os descritores “representação social” e “internet”, resultando em oito estudos, sendo quatro em português, um em inglês e três em espanhol, porém também desinteressantes para a pesquisa. Optamos, assim, pelos descritores “representação social” e “informática”, mas não apareceram publicações.

Na combinação dos descritores “tecnologia da informação e comunicação” e “pessoa idosa” não surgiram produções. Utilizamos, então, “tecnologia da informação e comunicação” e “idosos”, surgindo uma única produção, que tampouco atendia os interesses da pesquisa. Trocamos os descritores para “informática” e “idosos”, surgindo nove trabalhos, sendo três em português e seis em inglês, sendo útil apenas um artigo.

Nesse artigo selecionado, os resultados apresentados pelos autores incluíram a percepção sobre: a fragilidade dos participantes idosos em relação aos avanços das tecnologias digitais da informação e comunicação e a dificuldade desse público nos processos interativos, principalmente relacionados à família, decorrentes do uso em grande escala dessas ferramentas. Por intermédio do diálogo, construído na pesquisa esboçada nesse estudo, enunciaram-se temáticas sobre o desvelamento das tecnologias e seu impacto na comunicação dos idosos (SANTOS, 2018).

Arriscamos, ainda, a conjugação das palavras “internet” e “idosos”, oportunizando nove estudos, sendo sete em português, cinco em inglês e um em espanhol, selecionando dois estudos por atenderem aos critérios da busca.

No primeiro estudo, os resultados revelaram que o uso do computador contribuiu positivamente para a funcionalidade cognitiva do idoso, melhorando seu estado emocional, sua qualidade de vida e sua habilidade motora manual (SILVEIRA; PORTUGUEZ, 2017). No segundo, os autores concluíram que existe uma associação significativa entre se manter usando internet e desempenho cognitivo, com chance maior de ganho cognitivo (OR = 3,3; IC95% 1,1 – 9,8) e menor de perda cognitiva (OR = 0,39; IC95% 0,17 – 0,88) para os idosos que se mantiveram usando a internet (KRUG; D’ORCI; XAVIER, 2019).

2.1.3 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Na combinação dos descritores “representação social” e “pessoa idosa”, apareceram 52 trabalhos, todos em português, sendo apenas um de interesse para a fase exploratória da nossa pesquisa. Tentamos também a conjunção de “representação social” e “idosos”, surgindo dois de interesse para o estudo, das 76 publicações encontradas, todas em português.

Na primeira dissertação selecionada, os resultados da pesquisa bibliográfica evidenciaram que, no período compreendido pela investigação, ocorreu um reduzido número de publicações nas diversas áreas de conhecimento relacionadas ao uso de tecnologias no cotidiano de idosos. No que se refere aos artigos produzidos, tendo por base a contextualização das experiências dos idosos participantes com as tecnologias, os autores observaram que: a faixa etária desses idosos variou entre 60 e 81 anos de idade; pertenciam, em sua maioria, a classe média baixa, com renda mensal entre um e dois salários mínimos e eram de baixa escolaridade.

Em suas falas, evidenciaram que o trabalho doméstico permanece sendo feminino após o envelhecimento. As tarefas não executadas pelos idosos são transferidas precipuamente para outras mulheres, reproduzindo, assim, a construção do trabalho doméstico como sendo obrigação da mulher, apesar de uma participação masculina, embora pequena, nas tarefas domésticas. Ademais, perceberam que a incorporação cotidiana de diferentes artefatos tecnológicos pelos idosos se relaciona a fatores de natureza física, psicológica e social (COSTA, 2018).

Na segunda dissertação selecionada, onde constam análises de duas peças publicitárias que integram as campanhas das marcas OLX classificados *online* e Itaú Unibanco, sendo elas Vovô Radial – Headphone – OLX e Chá Digital: App Itaú, respectivamente, veiculadas na televisão aberta brasileira nos anos de 2015 e 2016, que retratam idosos com smartphones, tivemos como resultado duas situações. De um lado, a respectiva reação positivada para o desafio do manuseio de smartphones por idosos, sendo a insegurança superada pelas tentativas de realização e a aceitação de que há limites, mas que tudo ocorre com um tempo diferenciado. De outro lado, há, num primeiro momento, uma adequação comportamental, tanto em níveis domésticos, quanto sociais e, num segundo momento, uma negação da condição de idoso. Nesse caso, os autores inferiram que, de acordo com a teoria psicossocial, há uma crise vital não resolvida, na qual a identidade em formação conflita com a profusão de papéis (BRISOLARA, 2018).

Na terceira dissertação selecionada, os resultados da pesquisa empírica demonstraram a presença, mesmo que insuficiente, de conteúdos considerados como de “engajamento

cívico”, pressuposto como condição para a transformação do *status* de cidadania do idoso, relacionado às categorias “trabalho” e “participação política”.

A categoria “comunicação” teve relevância nesse trabalho por sua importância no auxílio ao idoso em sair de seu isolamento, sua solidão e, muitas vezes, até mesmo de um quadro mais grave de depressão. A categoria “pesquisa” indicou o quanto um celular com internet passou a ser importante na vida do entrevistado idoso ao lhe proporcionar o acesso ao conhecimento. A categoria “relacionamento intergeracional” proporcionou identificar a possibilidade de ressignificação dos relacionamentos entre jovens e idosos. As categorias “autoajuda” e “humor” apareceram como um tipo de conteúdo importante no cotidiano dos idosos ao utilizarem as redes sociais (ARAÚJO, 2017).

Já na combinação dos descritores “representação social” e “tecnologia da informação e comunicação”, surgiram 39 trabalhos, todos em português, mas nenhum de interesse para a fase exploratória da nossa pesquisa, a partir da leitura prévia do título e resumo dos trabalhos.

Na combinação dos descritores “tecnologia da informação e comunicação” e “pessoa idosa”, surgiram onze trabalhos, todos em português, sendo cinco de interesse para a pesquisa bibliográfica. Entretanto, uma dessas cinco produções encontradas já havia sido plotada anteriormente. Logo, debruçamo-nos apenas em quatro estudos da busca.

No primeiro trabalho, que teve como objetivo estudar as relações entre vulnerabilidade à engenharia social e uso das tecnologias de informação e comunicação por idosos, os autores verificaram que os idosos são mais vulneráveis à engenharia social no trato com as credenciais na dimensão coletada de dados de identidade e menos vulneráveis, quando comparados aos respondentes nas demais faixas etárias, na dimensão fabricação (VIANA, 2017).

O segundo trabalho apontou como resultado a semelhança entre os discursos, embora em perspectivas diferentes – um a favor e outro contra às tecnologias digitais. Isso porque os idosos têm consciência de que a sociedade informatizada exige o uso dos aparatos tecnológicos para nutrir um sentimento de pertencimento ao mundo contemporâneo (SANTOS, 2018).

No terceiro trabalho, os resultados indicaram pouco ou nenhum uso dos aplicativos bancários pelas pessoas idosas investigadas. Entre os que utilizam esses aplicativos, a entrega e confiança é menos restrita. Entre os que não os utilizam, a insegurança, nos processos e em si, e a falta de conhecimentos sobre os meios digitais, de maneira geral, parecem impedi-los

de seguir. Na maioria das vezes, a pessoa idosa prefere procedimentos em agências físicas (SIMÕES, 2019).

O último trabalho selecionado naquela combinação, apresentava como escopo compreender a relação entre as pessoas idosas, as tecnologias e o impacto dessa relação em suas vidas. O resultado desse estudo apontou que, para a maioria dos entrevistados, os recursos oferecidos pelas tecnologias satisfazem os participantes conectados às diferentes mídias digitais, como: *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter* e *Skype*. Ademais, os idosos narraram que, muitas vezes, deixam de interagir socialmente por falta de incentivo dos familiares e pelas condições socioeconômicas do país. Outro dado trazido na pesquisa foi o de que metade dos entrevistados (idosos entre 60 e 87 anos, frequentadores de um grupo de terceira idade do município de São Bernardo do Campo) considera que entre os fatores que aproximam e distanciam o contato familiar e social após o uso dessas tecnologias, a inclusão digital seria um dos pontos-chaves de aproximação intrafamiliar e comunitário (SANTOS, 2017).

Também combinamos os descritores “informática” com “idoso”, resultando em 33 trabalhos, sendo 32 em português e um em inglês, mas apenas um de interesse para a nossa investigação.

A pesquisa de interesse selecionada identificou que os alunos idosos recorrem a cursos de informática para ir além da comunicação com familiares e amigos e por almejam autonomia e independência no uso das tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que visam se afirmarem enquanto avós presentes na vida social de seus netos (GAIGE, 2017).

2.1.4 Biblioteca Virtual da Universidade de Taubaté

Realizamos pesquisa nesta plataforma de acervo bibliográfico com o intuito de acessar as produções científicas *Stricto Sensu* do Mestrado de Desenvolvimento Humano da UNITAU, uma vez que essa é a Instituição de Ensino do nosso programa de pós-graduação. Todavia, não encontramos publicações com nenhuma combinação de descritores da pesquisa.

2.1.5 Desafios das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida da população idosa

A partir de um panorama contextualizado da pesquisa bibliográfica, como expresso no Quadro 1 desse trabalho, é possível afirmar que a representação que os idosos pesquisados

têm sobre o que é ser idoso não condiz com a realidade vivenciada por eles, fato evidenciado na obra de Costa (2018). A busca de um discurso atraente e diferenciado parece ser o desafio enfrentado para retratar o idoso na atualidade (BRISOLARA, 2018).

Em Santos *et al.* (2018), os participantes da pesquisa não mencionaram aspectos patológicos, nem discorreram às perdas funcionais do processo de envelhecimento, mas sim estiveram interessados em discutir sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação.

Sendo assim, a relação entre idosos e tecnologias domésticas, por exemplo, insere-se em uma produção subjetiva, social e individual. Ela revela um valor central na forma como os sujeitos se relacionam com os artefatos tecnológicos, em especial os eletrodomésticos utilizados no trabalho doméstico, como mostra o trabalho de Costa (2018).

O estudo supramencionado evidencia o uso cotidiano de tecnologias domésticas por um grupo de idosos e revela os principais fatores apontados pelos idosos participantes na sua relação com o uso atual de diferentes tecnologias. São eles: diminuição das capacidades físicas; elaboração de estratégias de uso; acesso à luz elétrica e gás de cozinha; uso anterior de determinados artefatos; características, como: utilidade, agilidade, facilidade, praticidade; necessidade de romper com determinadas práticas e preparação de alimentos “mais saudáveis”; representação de si e da tecnologia (COSTA, 2018).

A pesquisa de Costa (2018) também explorou a importância de se produzir mais investigações acerca do tema em tela, possibilitando compreender a relação entre envelhecimento e tecnologias, independentemente do tipo. Isso porque sua investigação indica que as mudanças sociais e tecnológicas interferem diretamente em diferentes aspectos da vida cotidiana das pessoas idosas. Essa autora diz ser um equívoco afirmar que a pessoa idosa é incapaz ou impossibilitada de assimilar novas ferramentas tecnológicas, apenas pelas consequências advindas do envelhecimento. Além disso, devemos considerar as estratégias criadas por essa parcela da população para não utilizarem as tecnologias tão impregnadas no nosso cotidiano.

A pesquisa bibliográfica permitiu confirmar que o acesso à internet se dá de forma indiscriminada, sendo mais que uma fonte de pesquisa de receitas, serviços, aprendizado ou diversão para as pessoas idosas. Ela pode ser, juntamente com as novas tecnologias digitais da informação e comunicação, um instrumento de resgate de antigas amizades e de promoção de novas, bem como um facilitador para o estreitamento de laços familiares intergeracionais (ARAÚJO, 2017).

O trabalho de Santos (2018) também corrobora a assertiva de que a internet é fundamental para as pessoas idosas. Os dois tipos de sujeitos participantes da sua pesquisa, tanto o grupo a favor, quanto o grupo contra o uso das tecnologias digitais, afirmaram identificar essas tecnologias como elemento essencial no dia a dia e promotor de interação social.

Não podemos deixar de explicar as contribuições do uso do computador pelos idosos para seu desempenho cognitivo. A pesquisa de Silveira e Portuguez (2017) demonstrou que, o uso desse recurso pelos idosos, comparativamente ao grupo sem uso da informática, impacta positivamente nos domínios de memória e de linguagem; traz ganhos para o sistema neurológico, para a sintomatologia de depressão e para o domínio físico de qualidade de vida, força de preensão manual e motricidade fina. Embora esse estudo apresente resultados significativos quanto ao uso do computador, ele se limita pela ausência de avaliação dos idosos sobre o tema.

O fato de que idosos que utilizam a internet têm chance significativamente maior de apresentar ganho cognitivo e menor de apresentar declínio cognitivo, é ratificado na obra de Krug; D'orci; Xavier (2019). O uso do computador contribuiu positivamente para a funcionalidade cognitiva do idoso, melhorando seu estado emocional, sua qualidade de vida e sua habilidade motora manual (SILVEIRA, 2015). Isso permite concluir que promover o uso da internet em idosos estimula a função cognitiva nessa população.

Para aferição desses resultados, Freitas (2019) recorre a um instrumento, chamado de Teste seu Cérebro (TC), utilizado com segurança para identificar precocemente a presença de Transtorno Neurocognitivo Leve (TNL) na população idosa, que pode evoluir para um quadro demencial em níveis alarmantes, sendo sua execução rápida e a apuração dos resultados de forma imediata. O trabalho desse autor sugere que novos estudos sejam direcionados à validação do instrumento TC na identificação de outros tipos de distúrbios cognitivos, além de TNL.

Viana (2017) se dedica a analisar aspectos para além das capacidades cognitivas e do enriquecimento da qualidade de vida dos idosos. Ela investe num despertar de pessoas e organizações quanto aos perigos (nem sempre evidentes) do uso dos recursos de informática e chama a atenção para o comportamento vulnerável dos idosos no uso de credenciais e sua menor vulnerabilidade às técnicas de engenharia social de personificação e de oportunidades.

Por fim, ao analisarmos a categoria oficinas/cursos de informática no levantamento da pesquisa bibliográfica, apenas dois artigos dedicaram-se a abordá-la, a saber: Santos *et al.*

(2018) e Paixão e Freitas (2017). O primeiro estudo representou a percepção dos participantes nos Círculos de Cultura, evidenciando a relevância de metodologias, como a de Paulo Freire, na discussão de temas que tangem ao cotidiano das pessoas, contribuindo para um processo reflexivo sobre a melhoria da qualidade de vida. O segundo evidenciou que um projeto de informática estimulou o desenvolvimento de competências tecnológicas entre os participantes com ações educativas sobre as mídias e os recursos disponíveis na internet, promovendo meios para que se apropriassem das tecnologias para usufruto pessoal e social.

2.2. Envelhecimento e velhice

O envelhecimento é um processo natural, progressivo, irreversível e inerente à condição humana, uma realidade irremediável, particular e personalíssima de cada indivíduo, influenciado por fatores: biológicos, fisiológicos, morfológicos, psicológicos, políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e normativos. Ele não é um processo único e que apresenta o mesmo padrão de comportamento em todos os indivíduos, mas sim heterogêneo, longitudinal e multifacetado, produto da somatória de vários processos dinâmicos e contínuos, distintos entre si, assumindo características peculiares ao ser humano com o passar do tempo (TORRES *et al.*, 2022).

Para Brisolara (2018), a temática do processo de envelhecimento remete ao pensamento sobre a vida e a finitude humana, sendo campo de estudos multidisciplinares, devido à interface de diversos saberes e influências. Ao pensar em vida, pensamos em todo o percurso. São as escolhas realizadas durante a caminhada da existência humana que irão refletir nos últimos passos da jornada trilhada. A diversidade de capacidades, potencialidades e necessidades, especialmente de saúde dos seniores, não se desassocia dos ciclos de vida anteriores. Na verdade, são frutos de eventos e atitudes assumidas ao longo do curso da vida.

De acordo com Araújo (2017), o processo de envelhecimento está relacionado ao conceito de velhice e seus significados correlatos. Além disso, sua concepção e seus sentidos estão intrinsecamente interligados a momentos conjunturais. Ou seja, a velhice e o ser velho assumem ressignificações na medida em que se inserem num determinado momento social, histórico e cultural, o que impacta na compreensão do envelhecimento numa perspectiva não reducionista, mas sim complexa e contingencial do percurso.

No mundo ocidental, a velhice era entendida como algo ruim e indesejável, representada por múltiplas imagens, numa visão pessimista, discriminatória, estereotipada e

preconceituosa, enraizada de valores desprezíveis e carregada de mitos, difundindo-se que “[...] envelhecer não faz parte da vida como um todo, mas somente a uma parte dela” (ARAÚJO, 2017, p. 20). Por isso, a velhice era perseguida e combatida, como se retirasse a condição de humanidade das pessoas. Retrato disso era o culto grego do corpo, com sua adoração à jovialidade, à beleza e aos prazeres, preservando-se sempre um corpo atlético e saudável (ARAÚJO, 2017).

Já para civilização oriental, especialmente a chinesa, a velhice era vista como condição social respeitável, admirável, de status privilegiado e símbolo de saber. Os chineses compreendiam que “a arte de envelhecer seria descobrir o prazer que todas as idades podem proporcionar” (ARAÚJO, 2017, p.20).

Com a pós-modernidade, criou-se o dualismo entre velhice e juventude. Também surgiram as ressignificações, uma vez que as formações sociais dão novos sentidos aos conceitos de acordo com os interesses presentes. A prova disso é a gestão da velhice, que era pertencente à esfera privada e familiar e, agora, transformou-se em questão pública. Na atual sociedade de consumo, com seus princípios socioculturais, vemos uma nova lógica de conceitos atrelada ao público idoso (ARAÚJO, 2017).

Além disso, observamos que o atual modo de produção capitalista não quer perder nada, nem ninguém, tudo e todos podem ser consumidos e transformados em lucro, basta saber o que usar e como usar, quais relações podem ser feitas em troca de venda e capital.

Na sociedade atual, novas reconfigurações do envelhecimento vêm revisando estigmas e publicizando uma imagem mais gratificante da velhice. Em outras palavras: “a identidade do ancião pouco a pouco teria se modificado [...] teria conquistado seu espaço, respeito e visibilidade coletivos, no entanto, ainda haveria afoitos que se deixariam levar pelo bombardeio da mídia e internalizariam valores relacionados à estética e ao consumo” (NASCIMENTO, 2009, p. 176, apud, ARAÚJO, 2017, p. 21).

Como Neri (2007, p. 32) afirma, “[...] a morte não assusta, pois sabemos que faz parte da vida. No entanto, tememos a dependência, a perda de dignidade, a solidão e o sofrimento que, sabemos, que antecede a morte”. Com isso, cabe uma requalificação discursiva do envelhecimento que desconstrua a prevalência dos rótulos desrespeitosos e das visões negativas tradicionais de incapacidades, declínios, doenças, decrepitudes, debilidades, inutilidades, fragilizações, inseguranças, isolamento, institucionalização, falta de autonomia e independência: a homogeneização entre velhice e morte. Essas representações sociais do envelhecimento carecem de uma reconstrução sobre as significações dessa fase.

A nova retórica de revalorização da velhice surgiu nos anos de 1960, com o termo terceira idade, expressão que trouxe valores positivos para o idoso, com uma compreensão oposta à velhice engessada de outrora, ajudando a desconstruir a visão social estereotipada do termo velho, e tornando pública e legitimada uma nova sensibilidade investida sobre eles (SANTOS, 2018).

A partir da década de 1980, a Gerontologia brasileira tomou novos rumos, motivada pelo Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento, de 1982, que propunha aos países criarem propostas para garantir um envelhecimento com qualidade de vida (ARAÚJO, 2017). Conforme Daniel *et al.* (2016), o conceito de envelhecimento ativo surge na década de 1990, como um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (DEUS, 2023, p. 71).

No entanto, esse conceito emerge como estratégia política global de resposta ao desafio multidimensional da população envelhecida, servindo como “[...] abrigo conveniente para uma grande variedade de discursos políticos e iniciativas relativas às alterações demográficas” (DANIEL *et al.*, 2016, p. 355).

Assim, a imagem da expressão velho como um sujeito antiquado, ultrapassado, desgastado, obsoleto e vulnerável é substituída pelo termo idoso (SANTOS, 2018), que “[...] por sua vez, é a designação dos ‘velhos respeitados’. A expressão ‘idoso’ designa uma categoria social, no sentido de corporação, o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades” (BIRMAN, 1995, p. 23, apud, SANTOS, 2018, p. 35). Recentemente, tivemos um ganho social no Brasil com a mudança de nomenclatura do mais significativo instrumento jurídico legal da atualidade que trata dessa população: o Estatuto da Pessoa Idosa, aprovado pela Lei 14.423, de 22 de julho de 2022, em substituição ao Estatuto do Idoso.

Essa mudança de nomenclatura ressalta a importância de reconhecer o conjunto de indivíduos acima de 60 anos, porém destacamos que, nossa pesquisa, em especial, conecta-se à particularidade do que pensam, sentem, almejam, motivam, ou seja, o que representam as tecnologias de informação e comunicação para as pessoas idosas estudadas.

Não podemos esquecer de que a senescência, como um processo biológico normal, gradual e contínuo do ciclo vital, correspondente a uma fase do desenvolvimento humano, deve ser adaptada às novas exigências postas pela idade. Isso para se transcorrer por essa etapa sem muitos prejuízos ao longo dos anos, uma vez que, nessa fase da vida, são presentes,

em sua maioria, alterações nos domínios: físico, funcional, cognitivo e psicossocial, que acarretam reduções das capacidades em níveis funcionais e estruturais, diminuição das suas redes de relações sociais e aumento crescente de vulnerabilidades (AMORIM, 2022).

Sabemos que, a partir dos 60 anos, as pessoas têm, por exemplo, mais riscos de declínio cognitivo, se comparadas aos mais jovens. O comprometimento do funcionamento cognitivo, de mecanismos como memória, linguagem, atenção, concentração, raciocínio, orientação, capacidade visuoespacial e visuomotora, agilidade perceptiva e compreensiva são fatores que expõem os mais velhos a riscos de prejuízos nas funções executivas, independência funcional, autonomia, qualidade de vida e processos de aprendizagens (KRUG; D'ORCI; XAVIER, 2019) e comunicacionais.

Não podemos generalizar a ideia de que a “[...] velhice é também declínio social, uma perda de poder social” (BOURDIEU, 2003, p. 158). Na verdade, para algumas pessoas idosas, somente nessa fase da vida o indivíduo chega a sua total satisfação pessoal e pode usufruir com dignidade dos meios sociais. Além de viver sua sociabilidade com plenitude e com novas possibilidades de realização a partir do seu tempo livre.

A velhice, para muitos ainda, é estigmatizada como uma etapa da vida de muitas perdas e prejuízos físicos, motores, sensoriais, cognitivos, emocionais, sexuais, relacionais, motivacionais. Em suma, mudanças complexas negativas (SILVEIRA; PORTUGUEZ, 2017), que destacam os idosos como pessoas inválidas e improdutivas (PAIXÃO; FREITAS, 2017), gerando desconforto, sofrimento, discriminação e violação dos seus direitos.

Reis (2013), inclusive, desenvolve o conceito de idadismo ou velhismo para se referir às atitudes e aos comportamentos negativos e preconceituosos contra indivíduos motivados exclusivamente pela idade. Já Paiva, Benedito e Cavalcante (2023) trazem o termo ageísmo para complementar o posicionamento de Reis, acrescentando a noção de culpabilização e responsabilização da velhice, assim como o apelo ao familismo contemporâneo.

Contudo, os últimos autores esquecem de enaltecer os ganhos e os benefícios das experiências vividas, das proteções asseguradas e dos direitos sociais conquistados, da independência financeira atingida, das esperanças de vida, da sabedoria adquirida ao longo dos anos, da produção de conhecimentos e oportunidades possíveis, do bom senso, da serenidade, da maturidade, da dignidade, da autoestima elevada, da perspicácia, do poder e do prestígio social, das histórias vivenciadas, dos recomeços, das cicatrizes representadas (sem figuras de linguagem), nas marcas de expressão do rosto e do corpo. “O idoso deve ser visto não como uma pessoa desnecessária, mas, de forma bem diversa, como alicerce, como

matéria viva de nossas experiências, como ponto chave de uma educação sólida e contundente” (NERI, 2007, p. 9).

Assim, nos tempos atuais, a velhice passa a ser vista não mais exclusivamente como um processo biológico atribuído ao avanço da idade, mas como uma estrutura social multidimensional, devendo ser compreendida em sua totalidade e em suas múltiplas dimensões. Ela é só mais uma fase da vida, assim como a infância e a fase adulta, porém deve ser pensada a partir dos diferentes e desiguais padrões de velhice, já que o sujeito não está alijado de sua história como indivíduo social. Assim, é impossível discorrer sobre um perfil de envelhecimento homogêneo num país como o nosso (PAIVA; BENEDITO; CAVALCANTE, 2023).

Apesar de tentarmos manter a saúde, a autonomia e a independência, envelhecer não significa lutar contra os limites que a idade nos impõe, inclusive, esteticamente, mas sim aceitar as transformações, readaptando-se e as encarando como parte natural da existência humana. Igualmente, é preciso entender que o envelhecimento é um processo de todo o ciclo vital do ser vivo, desde a sua concepção até o último suspiro. Ele não é uma parte integrante da vida, marcada a partir de uma certa idade, mas sim depende dos investimentos dirigidos a si durante todas as fases da vida.

Bom seria se o Tempo não fosse visto como um inimigo e pudéssemos abraçar as rugas e calvícies com a mesma ternura que seguramos a mão de uma criança. Entender a vida como um corpo único talvez fosse um meio de alcançarmos a eternidade, então entenderíamos o Tempo não como algo a ser combatido, mas como um grande amigo que nos abre as portas da sabedoria (NERI, p. 10, 2007).

Por isso, muitos não aceitam envelhecer. Podemos até retardar esse processo, mas jamais pará-lo. Inúmeras pessoas utilizam artimanhas das técnicas e dos artificios da ciência, bem como se munem de pílulas, cremes, ampolas e agulhadas para rejuvenescer a fase adulta, enfrentando a velhice. Com efeito, sujeitam-se a uma guerra ilusória e perda do corpo às tecnologias médicas e farmacológicas e às intervenções estéticas, acreditando miseravelmente na inconsistente possibilidade de se fugir das implacáveis leis da natureza, negando a finitude humana (ARAÚJO, 2017).

2.2.1. Velhice e mídias

Vivemos na sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação. Consoante Simões (2019), a sociedade contemporânea (re)produz suas interações sociais através da

mídia, principalmente a partir do avanço das informações e dos serviços, dando sentido às relações ao ser compartilhada, fazendo circular necessidades e interesses. “A mídia é um fenômeno que põe em causa os modos habituais de conversação social” (p. 16). Isso acontece em decorrência de uma das suas principais características: a penetrabilidade. O processo comunicacional inerente ao aparato midiático penetra nos processos sociais modificando-os e elevando-os a níveis nunca vistos na história humana.

Assim, as mídias sociais se tornam instrumentos indispensáveis ao processo educativo e construtivista de uma nova imagem. Elas são “conteúdos que circulam pela internet com a participação ativa de usuários da rede, seja para conceber conteúdos, seja para fazê-los circular entre grupos de amigos, conhecidos, fãs e gestores de marca” (MOURA, 2017, p. 44).

O papel das mídias é fundamental para que sejam incorporadas novas atitudes no cotidiano, nos valores, e na participação da sociedade, como forma de influenciar e intermediar as diversas informações, visando, assim, a um posicionamento de forma positiva e autônoma (SANTOS, 2018, p. 47).

Debert (1997) aponta para o papel da mídia na transformação da imagem da velhice, juntamente com o discurso gerontológico e a esfera pública, mobilizada para programas da terceira idade, que referencia um novo campo semântico para essa fase, sendo ela mais interessante, prazerosa, feliz e relativamente menos arraigada de preconceitos, “um tempo privilegiado para atividades livres, uma nova etapa, um tempo de lazer com novos valores coletivos” (ARAÚJO, 2017, p. 25). Portanto, engajar-se nessa luta de forma a (re) posicionar cultural e socialmente a velhice é desafiador, porém necessário, aproveitando-se da condição mutável e dinâmica que a sua imagem constitui.

Desse modo, um dos instrumentos propagadores do reconhecimento das transformações societárias frente à imagem da velhice são as tecnologias da informação e comunicação, sendo este termo comumente chamado para se referir a dispositivos eletrônicos e tecnológicos, incluindo-se computador, internet, tablet, smartphone e similares. Contudo, como esse termo também abrange tecnologias mais antigas, como a televisão, o jornal e o mimeógrafo, pesquisadores têm utilizado o termo Novas Tecnologias para se referir às tecnologias digitais (KENSKI, 1998) ou Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC – (BARANAUSKAS; & VALENTE, 2013).

Alem disso, as tecnologias digitais são também meios de sensibilizar a sociedade quanto à naturalidade dessa fase como parte existencial basilar da vida, inclusive,

esteticamente, com vistas ao empoderamento simbólico desse público e, por conseguinte, ao fomento e auxílio para o alcance do exercício da cidadania plena da pessoa idosa.

Beauvoir (1990) é uma fiel defensora do papel da mídia, principalmente a televisiva, como influenciadora de valores, comportamentos e opiniões e construtora de imagens nas sociedades ocidentais. É evidente que as imagens midiáticas das quais tratam o idoso mudaram ao longo dos anos, trazendo uma concepção de velhice mais acalentadora e mostrando a possibilidade de um envelhecimento satisfatório, sadio, ativo, natural e participativo na atualidade.

Assim, a visibilidade social da velhice, sua nova face, apresenta novos aspectos, bem diferentes daqueles do início da cultura de massa do século XX, uma vez que as representações são socialmente construídas e manipuláveis (BOURDIEU, 2003), como anteriormente explanados. Consequentemente, o sistema mercadológico abarcou as necessidades que surgiram com o aparecimento dessa nova caracterização da velhice proporcionada pela cultura midiática.

O mercado não descarta mais qualquer espécie de consumidores, criando necessidades específicas e realizando a inserção social baseada no consumo [...]. Portanto, na busca incessante do lucro, o capital também se veria obrigado a mudar os conceitos do envelhecer (ARAÚJO, 2017, p. 39).

A partir dessa assertiva, podemos entender como o público idoso emerge com uma nova roupagem de identidade, passando a ser considerado como um público potencial para as indústrias de consumo, assumindo uma nova imagem e tendo importância fundamental para o mercado (SANTOS, 2018).

Nesse cenário, a mídia é um relevante aliado para o mercado, pois é ela quem faz circular a imagem que os negócios precisam. E, nesse jogo, é inegável o papel da internet como ferramenta de correlação de forças para a construção de novos modelos (ARAÚJO, 2017). Assim, não podemos desconsiderar as possibilidades do espaço virtual e seu poderio para um discurso midiático influente, com a intencionalidade de ultrapassar a narrativa idadista e estereotipada negativamente vinculada ao idoso e constituir um novo *ethos* em relação ao ser velho.

A velhice tornou-se um fenômeno nas mídias e nas rodas de conversas, objeto de políticas públicas e política, bem como de estudos e pesquisas científicas, impondo-se como um importante ciclo da vida. Contudo, no século XXI, a velhice ainda é visualizada como um estágio contraditório da vida, pois, por um lado, temos uma sociedade que fomenta assuntos

relacionados à longevidade; por outro, temos a negação do valor e mérito social às pessoas idosas.

A negativa do envelhecimento é perceptível na mídia quando ela utiliza expressões para combater ou prevenir esse processo natural do ser humano, ofertando possibilidades de gerenciar, adiar ou evitar (como se fosse possível) a velhice. Ela transforma essa fase da vida num novo mercado de consumo por meio do padrão estético de valorização da juventude. A valorização midiática dos padrões estéticos de juventude divulga ainda a cobrança de uma aparência jovem aos idosos que, na sua mocidade, eram belos (BRISOLARA, 2018). É nesse cenário que percebemos o quanto as representações sociais atribuem significados aos fenômenos em determinados contextos sociais.

A sociedade contemporânea produz esse contexto paradoxal sobre a velhice, ao passo que, as ciências se esforçam para prolongar a longevidade, sendo obscuro o lugar social dos gerontolescentes (BRISOLARA, 2018). Esse paradoxo também é presente nas TDIC, entendidas como alternativa de solução do último problema citado: esclarecer qual o lugar social dos gerontolescentes, pois as tecnologias assumem, simultaneamente, possibilidades, tanto de inclusão, como de exclusão aos velhos (SANTOS, 2018).

Portanto, pensar no processo de envelhecimento é compreender as mudanças societárias, o avanço das ciências sociológicas, a evolução das tecnologias e a familiarização cada vez mais frequente da sociedade com a velhice (SANTOS, 2018). Tudo isso não excluindo o poder e influência que as mídias têm para (re)construir representações sociais sobre a velhice.

2.2.2 Pessoas idosas no Brasil e inclusão digital

Nosso planeta chegou à marca de sete bilhões de pessoas, sendo 213 milhões aproximadamente só no Brasil. Aqui, o aumento da população idosa tem sido muito mais intenso do que no cenário global. A esperança de vida que aumenta significativamente e a taxa de natalidade que progressivamente segue em queda vêm mudando estruturalmente a distribuição etária da população brasileira, evoluindo de um sistema piramidal para o formato ilustrativo de uma pera, ou seja, uniformizando as faixas etárias (IBGE, 2020).

O fenômeno global do envelhecimento humano acontece de forma heterogênea entre os países, não sendo diferente nas regiões do Brasil. Por sermos um país continental, obviamente as diferenças regionais refletem consideravelmente no desenvolvimento das

populações. Vemos isso nos dados seguintes: 8,55% da população possui 60 anos ou mais de idade na Região Norte do país; 11,62% no Centro-Oeste; 12,32% no Nordeste; 15,58% no Sudeste; e 16,09% no Sul, conforme dados do IBGE de 2020.

Essa conquista social, de termos populações com idades cada vez mais longevas, decorre de variáveis inversamente proporcionais, pontuadas no início desse item e advém de melhores condições de vida (moradia, saneamento básico, alimentação etc.) e do desenvolvimento da medicina, da indústria farmacológica e correlatos, bem como do fortalecimento da gerontologia e das políticas sociais (DEUS, 2023). Conseqüentemente, as pessoas idosas, de uma forma geral, estão envelhecendo com mais saúde, bem-estar e qualidade de vida, chegando a idades avançadas, sem precedentes na história. No entanto, essa conquista social acarreta desafios à sociedade. Nesse estudo, abordamos um deles: a relação dessa população com as tecnologias digitais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma sociedade é considerada envelhecida quando sua população atinge mais que 14% dela com pessoas idosas, isso é, sendo sujeitos com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento e 65 anos ou mais em países desenvolvidos. A OMS utiliza esse marcador cronológico como um critério para definir a terceira idade e designar a fase inicial da velhice. Contudo, vale destacar que, o envelhecimento não se dá a partir de uma certa idade legalmente reconhecida, mas sim é um processo contínuo, estabelecendo-se uma faixa etária apenas para categorizar o ser pessoa idosa, ou seja, para legitimar uma construção social (KACHAR, 2003).

No Brasil, pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais. Essa definição e a regulamentação dos direitos que lhes são assegurados, na condição de cidadãos, estão previstos no Estatuto da Pessoa Idosa, regulamentado pela Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Esse Estatuto estabelece não só os direitos dos idosos, mas também as previsões de punições a quem os viole. Em 12 de junho de 2017, o Brasil alterou essa lei, a fim de estabelecer uma prioridade especial para as pessoas maiores de 80 anos de idade, categoria classificada pelos franceses como quarta idade, conforme Brisolara (2018), promovendo, às pessoas idosas mais velhas uma maior e melhor qualidade de vida.

A conjugação de lutas e resistências sociais em prol da defesa e da ampliação dos direitos das pessoas idosas se inicia nos anos 1970 no Brasil, tendo como seus primeiros frutos os artigos que versam sobre esse segmento social na Constituição Federal de 1988. Foi a Carta Magna que culminou na promulgação da Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e,

posteriormente, estabelece base para aquele Estatuto, sendo ele inspirado na Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas de 1948 (AMORIM, 2022).

Em 2019, o número de idosos chegou a 23,9 milhões no Brasil, ou seja, 15,4% da população brasileira é de seniores, incluindo o país na classificação de nação envelhecida (IBGE, 2020), algo jamais visto na história. Logo veremos um tempo de novas experiências, novos desafios, novos projetos e novos trajetos.

O Brasil adotou alguns indicadores sociais que quantificam e classificam os municípios, como o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), uma medida geral e sintética do desenvolvimento humano, embasada pelos pilares da saúde, educação e renda (IDHM, 2013). Conforme dados do IBGE (2021), o lugar onde ocorreu nossa pesquisa, São José dos Campos/SP, apresentou um IDH de 0,807 em 2010 (IDHM entre 0,800 e 1 significa que o município apresenta um alto índice de desenvolvimento humano). A dimensão que mais contribuiu para o IDHM do referido município é a longevidade, com índice de 0,855; seguida de renda, com índice de 0,804; e da educação, com índice de 0,764.

Vale destacar que a dimensão longevidade é composta pelo indicador esperança de vida ao nascer, diferentemente do entendimento de taxa de envelhecimento, que é a razão entre a população de 65 anos ou mais de idade em relação à população total. O resgate cronológico sobre a esperança de vida da população joseense revela que: em 1991, era de 70,2 anos; em 2000, passou para 73,4 anos; e em 2010, para 76,3 anos. Em síntese, a esperança de vida ao nascer cresceu 2,9 anos na década anterior, no município de São José dos Campos. Comparando a nível Brasil, a esperança de vida ao nascer era de 64,7 anos em 1991; 68,6 anos em 2000; e 73,9 anos em 2010 (IBGE, 2021).

A longevidade das pessoas exige “[...] formas de se pensar o envelhecimento humano, as políticas públicas de saúde, bem como a postura dos meios de comunicação como um todo” (ARAÚJO, 2017, p. 26). Sendo assim, é fundamental que o Estado chame para si a responsabilidade de reconhecer as mudanças imputadas pela modernidade, direcionando políticas públicas para atender os anseios da população, em especial dos anciãos, para que participem ativamente da sociedade (SANTOS *et al.*, 2018, p. 2).

Daniel *et al.* (2016) também destacam a importância dos movimentos sociais representantes das pessoas idosas, seja na fiscalização, seja na elaboração dessas políticas públicas de envelhecimento que asseguram os direitos, a participação e a inclusão social dos

envelhecidas. No seu estudo, argumenta-se sobre garantir o direito do público gerontoescente à promoção de letramento digital.

A pessoa idosa vem ganhando lugar de destaque na sociedade de rede ao provar que é sujeita de direitos como qualquer outro cidadão por ser participativa e produtiva (KACHAR, 2003). Uma conquista política que deve ser fortalecida são as legislações que versam e tratam das peculiaridades desse público, uma vez que nem sempre a pessoa idosa é tratada como cidadão, obrigando o constituinte a respeitar o que preconiza. Como exemplo, podemos constatar no capítulo V do Estatuto da Pessoa Idosa, o argumento sobre o direito desse público às questões colocadas pelo mundo digital:

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. (BRASIL, 2003)

A OMS (2007) recomenda, em uma das suas oito dimensões da vida que favorecem o envelhecimento ativo e saudável, o acesso à comunicação e à informação. Recentemente, o Decreto nº 10.113, de 26 de novembro de 2019, instituiu o Programa Viver – Envelhecimento Ativo e Saudável, que objetiva “proporcionar a inclusão digital e social, para possibilitar a participação do idoso em atividades de saúde, tecnologia digital, educação, e a mobilidade física, com a melhoria da sua qualidade de vida” (art. 2º, inciso I). Isso por meio da promoção da “tecnologia digital, com vistas à inclusão digital do idoso por intermédio de cursos que o capacitem para o bom uso dos recursos tecnológicos, como redes sociais, informática básica e smartphones, dentre outros” (art. 3º, inciso I).

Assim, pensar em políticas públicas de formação e inclusão tecnológica para pessoas idosas é um indicador social de desenvolvimento da sociedade e o resultado da pressão política em favor do atendimento da agenda pública de interesse desse segmento social.

É evidente que inclusão informacional e social não pode ser alcançada simplesmente com a participação das pessoas em cursos de informática instrumental, mas sim com acesso regular aos objetos tecnológicos e à internet, bem como ao ensino de práticas associadas às reais necessidades de informações, competências e identidade das pessoas idosas (SANTOS, 2018).

Pensar em inserção das pessoas mais velhas na sociedade tecnologicizada é pensar na obrigatoriedade de acesso à linguagem da informática (KACHAR, 2003). “É preciso ‘educar’ o idoso para o uso das tecnologias digitais, a fim promover a interação social e digital [...] ao permitir que eles interajam com as diferentes informações, pessoas e grupos” (SANTOS, 2018, p. 38, grifos do autor). Isso favorece a sua inserção digital e o rompimento do fardo de ser um “[...] velho ultrapassado e descontextualizado no mundo atual” (KACHAR, 2003, p.53). Aliada a essa inserção, devemos considerar as estratégias de adaptação necessárias às tecnologias para facilitar o seu domínio por esse público.

No entanto, como Lèvy (2000) lembra, não devemos apenas pensar na promoção do acesso às dimensões tecnológicas, geralmente apresentadas pelos programas de inclusão digital das instituições, mas implementar processos que visem o ganho em autonomia e independência pelos envolvidos.

Para Santos (2017), se as organizações, em especial as públicas, não considerarem cuidadosamente essa questão, uma vez que a exclusão/inclusão digital é um problema que extrapola o âmbito individual, irão contribuir para o crescimento dos analfabetos digitais. Essa possibilidade entre as pessoas idosas é um retrocesso aos avanços sociais, com destaque para as representações sociais da velhice, que retoma imagens e estereótipos negativistas anteriores.

Educar os idosos [...] significa acreditar em seu contínuo processo de desenvolvimento e nas possibilidades de sua construção como sujeitos. A educação cria condições para enfrentar preconceitos e a falta de oportunidades em todas as idades, gera aumento de renda, promove a qualidade de vida e favorece o genuíno exercício da cidadania (Cachiono, 2003). A inclusão social dos idosos [...] só poderá ser efetivada quando a sociedade puder oferecer-lhes novas formas e propostas de aprendizagem, que mobilizem seus interesses e ampliem suas possibilidades de desfrutar de boa qualidade de vida (NERI, 2007, p. 79).

Para Kachar (2003), a era digital pode se tornar mais um elemento de exclusão para a pessoa idosa, marginalizando-a a uma geração passada e podando a oportunidade de fazerem parte do presente. Portanto, exclusão digital também se configura com um dos fatores de exclusão social nas sociedades contemporâneas (SIMÕES, 2019). “Romper com a exclusão digital é uma questão pendente das políticas públicas. O acesso aos bens culturais é um direito de todo cidadão” (SANTOS, 2017, p. 31) e “[...] as tecnologias fazem parte dos bens culturais a que todos os cidadãos devem ter acesso” (SANTOS, 2017, p. 39).

Nessa perspectiva, pensar no processo de cidadania é indispensável, uma vez que ela é histórica, cultural e socialmente construída, sendo alcançada à medida que os membros se sentem partícipes e pertencentes a uma comunidade (ARAÚJO, 2017).

O protagonismo, a educação e a possibilidade de construir cidadania de forma positiva, empreendedora e criativa é uma oportunidade de promover uma melhor qualidade de vida, garantindo uma maior liberdade social e individual, sobretudo no poder da autonomia e na busca incessante de gerar conhecimentos e trocas de informações adquiridas através da inserção digital. (SANTOS, 2017, p. 33).

É, também, tendo como norte a relação entre cidadania e inclusão digital, que a presente pesquisa intenciona analisar as representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas.

Como Lévy (2000) afirma, o computador é um novo meio de comunicação que abriga um oceano de informações. Para pertencer à sociedade contemporânea, é necessário estar inserido no mundo digital, visto os meios tecnológicos estarem consideravelmente inseridos na vida das pessoas, “mesmo que nem todos os brasileiros tenham seu aparelho celular conectado à internet, podemos afirmar que as tecnologias digitais estão presentes na sociedade e isso tem causado mudanças em vários aspectos das relações humanas” (COSTA; DUQUEVIZ; PREDZOZA, 2015, p. 605). Por conseguinte, ainda sob a ótica das autoras, “as tecnologias passam a fazer parte da vida das pessoas sem que elas se percebam de que suas relações e interações estão permeadas e influenciadas por estes instrumentos contemporâneos” (COSTA; DUQUEVIZ; PREDZOZA, 2015, p. 606).

Silveira (2015) reforça a importância das mídias no processo de ganho sociocultural quando declara que “os idosos estão se apoderando desses meios de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem de velhice” (p. 22). Essa evidência ressalta a necessidade de proporcionar a esse público o processo de aprendizagem, mediado pelas tecnologias digitais, com vistas a novas formas de inclusão digital, socialização e interação social.

Projetos com esse viés possibilitam, tanto a inclusão tecnológica, quanto a interação social das pessoas idosas, pois “[...] participar de grupos de convivência indica uma ação ativa na vida social e no controle da saúde” (SILVEIRA; PORTUGUEZ, 2017, p. 2). Logo, a convivência sociocomunitária, promovida por programas sociais, projetos de intervenção, grupos de estudo e afins, é outro fator que merece atenção, em decorrência dos impactos positivos no processo de envelhecimento. Ela extrapola o foco de democratização ao acesso à informação e aos artefatos tecnológicos, abarcando a experiência vivida ativa e coletivamente, a interação social e a ampliação do capital social e da participação, inclusive, política.

Para Yassuda e Silva (2010), a participação dos idosos em programas sociais e grupos de convivência indica uma ação participativa na vida social e em serviço da comunidade, impactando muito positivamente na satisfação com a vida, no controle da saúde, uma vez que isso serve de suporte para o bem-estar social e subjetivo na velhice. Sabe-se que as oficinas de informática para idosos proporcionam inúmeros benefícios aos idosos, evitam que se isolem, estimula a memória, proporciona novas amizades, promovem a comunicação e o entretenimento com um círculo de pessoas mais amplo (SILVEIRA, 2015, p. 14).

Assim, a partir do objetivo principal da pesquisa, que é analisar as representações sociais sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) para pessoas idosas, incluindo tanto as que já participaram de oficina de informática em algum momento da vida, quanto as que nunca participaram, poderemos, quiçá, fazer outras tantas análises interessantes sobre a relação do segmento idoso com as TDICs, fortalecendo ou desmistificando a “conspiração do silêncio” esboçada em Beauvoir (1990).

2.3 As tecnologias digitais da informação e comunicação

É evidente que as tecnologias em curso do século XX, as chamadas mídias tradicionais (jornal impresso, rádio, cinema e televisão), provocaram mudanças na economia, na política, na cultura e nas relações sociais. Contudo, com o surgimento da internet, em meados do século anterior, as tecnologias de informação e comunicação (TDIC) deram um salto em todos os sentidos. Os computadores se popularizaram, os recursos de web avançaram e os sistemas de rede emergiram aceleradamente. Assim, as inovações tecnológicas do século XXI alteraram processos comunicacionais e reestruturaram práticas sociais, constituindo a cultura midiática (MOURA, 2017).

A partir do começo do século XXI, as novas tecnologias se inovaram e continuaram a impactar e interferir nas estruturas socioculturais. Com base nisso, Castells (1999) afirmou que a revolução tecnológica penetrou todas as esferas da atividade humana. Essa relação das interações entre a internet e a sociedade gerou uma nova estrutura social articulada, tendo como um de seus pilares as mídias sociais.

Nesse contexto, a internet colaborou não só com a ampliação do uso das mídias sociais, mas também reformulou os processos de comunicação, oportunizando o crescimento do ciberespaço. Para Lévy (1999), esse lugar é associado a redes de comunicações digitais, o que conhecemos hoje como sociedade em rede, que tem como finalidade produzir e disseminar conhecimento. “A sociedade passou a utilizar os recursos de mídias sociais para distribuir, colaborar, publicar e também consumir informações” (MOURA, 2017, p. 47).

Esse avanço se deu porque a primeira geração da web fornecia apenas conteúdo digital estático. À época das mídias tradicionais, não era possível a comunicação participativa dos usuários. Posteriormente, com o avanço da tecnologia, a web se tornou mais dinâmica e possibilitou a interação entre os usuários. As pessoas passaram a praticar e a explorar os conteúdos digitais por meio dessa comunicação interativa, possibilitada pelo desenvolvimento da web. Agora, os usuários não só consomem conteúdos digitais, como também os compartilham e produzem, criando, assim, as comunidades virtuais (MOURA, 2017).

Dessa forma, com o processo de colaboração de redes, os consumidores de mídias passaram a adotar uma postura de cultura participativa, mudando a sociabilidade, o que alterou radicalmente a lógica da comunicação. Como afirma Silveira (2001), houve uma transição da lógica da distribuição de informações, baseada unilateralmente em emissor-mensagem-receptor, para a lógica da comunicação baseada na interação entre emissor de mensagem e receptor. “A internet se diferencia dos meios tradicionais por suas possibilidades de interação, suas características de ser plural, não hierarquizada e rizomática” (ARAÚJO, 2017, p. 60).

A internet se tornou, nas palavras de Lévy (1999), a base de todos os conceitos e das novas relações em que se inserem o “ciberespaço” e a “cibercultura”. Para o autor, o “ciberespaço” se baseia nos princípios: de interconexão, ou seja, comunicação interativa da sociedade por meio da internet; de comunidades virtuais, com os indivíduos comunicando-se reciprocamente por meio de um sistema de rede; e de inteligência coletiva, um processo de cooperação e troca entre usuários para a construção de conhecimentos. Por sua vez, a “cibercultura” é a adoção de uma atitude de cultura participativa pelos consumidores de mídias. Logo, o ciberespaço é alimentado pela cibercultura.

No Brasil, a popularização da internet caminhou juntamente com a implantação das TVs a cabo nos anos de 1980 (SIMÕES, 2019). De acordo com Carvalho (2007), a democratização da internet no Brasil ocorreu de fato a partir de 1995, quando deixou de ser restrita às universidades e aos interesses particulares e passou a ser de acesso público. Nos anos 2000, houve a disseminação de computadores pessoais em larga escala.

Para Santos (2017), a sociedade informatizada é um processo de (re)construção da busca de conhecimentos, que oportuniza o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. Entretanto, para tal, faz-se necessária a experiência real da inclusão digital. Esse autor considera que uma inclusão efetiva não é só ter acesso físico a equipamentos digitais e conexões, mas também adquirir habilidades para o uso das TDICs, acessando as

oportunidades que as tecnologias oferecem e fortalecendo a cidadania. Isso porque a inclusão digital “[...] coloca à disposição dos cidadãos uma série de bens culturais” (SANTOS, 2017, p. 29). E falar em acesso a computadores e seus recursos, significa falar de popularização e democratização tecnológica, mas não inclusão digital.

A partir dessa evolução vertiginosa da tecnologia digital, nunca vista na história, as pessoas tendem naturalmente a se apropriarem desses meios tecnológicos, dentro de suas capacidades, e dessas novas maneiras de processar informações e de se comunicarem.

A comunicação humana é diversa e se desenvolveu ao longo dos anos, passando da linguagem da história oral para a dos aparelhos tecnológicos, e das mais variadas possibilidades advindas na era digital, tornando as relações sociais as mais fluidas possíveis (KENSKI, 1998).

O processo de comunicação é uma “[...] atividade humana determinada pela troca de informação entre pessoas, ou como o modo pelo qual se constroem e se decodificam significados a partir das trocas de informações geradas, sendo um fator determinante para o crescimento e desenvolvimento humano” (SANTOS *et al.*, 2018, p. 2). Consoante aos autores, esse sentido de comunicação está ligado à interação social. A comunicação como elemento constitutivo do diálogo inteligível é o que contribui para o real entendimento e acesso às informações para o empoderamento dos envolvidos, fundando passagens históricas.

Araújo (2017) entende que é por meio da comunicação que os seres vivos sobrevivem, devido à coleta e ao compartilhamento de informações de forma a transcender sua condição de finitude, ou seja, ela é mediatizadora de todas as relações humanas, especialmente a partir da lógica da globalização, bem como é parte integrante e conformadora da cidadania atual. De acordo com o autor, não há cidadania que não implique a presença de processos comunicacionais, sendo eles um processo cultural e simbólico. Em suma, um direito humano fundamental, que carrega em si o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade.

Para Santos (2018), o perfil comunicacional vem se modificando, a partir da evolução acelerada e em escala exponencial das TDIC e das mudanças geracionais ao longo dos anos, obrigando a adaptação aos novos meios sociais por intermédio da apropriação de objetos e redes tecnológicas. É inegável a presença das tecnologias no nosso dia a dia. Por conseguinte, elas alteram as formas de relacionamento, tanto entre as pessoas, quanto destas com o mundo, pois a comunicação intermediada pelo computador, por exemplo, acaba complementando a interação presencial e física (ARAÚJO, 2017).

Esse fator mediador relacional na sociedade contemporânea é o que conhecemos como letramento digital, ou seja, práticas de utilização de ferramentas tecnológicas em meios digitais (computadores e internet) e habilidades e domínios para o correto uso e melhor usufruto desses na rotina. Isso possibilita uma atuação mais ativa e participativa nas relações sociais, já que o não acesso ou distanciamento dos meios tecnológicos afeta de forma negativa os processos interativos (SANTOS *et al.*, 2018). “As pessoas precisam aprender a fazer uso da tecnologia para gerar um benefício ou comodidade para elas [...]. O indivíduo aprende, por exemplo, a procurar uma vaga de emprego pela internet, isto é, a ler o anúncio, a interpretar o que se pede e, então, a candidatar-se à vaga” (SANTOS, 2018, p. 66).

Numa sociedade altamente informatizada e digital como a nossa, vivemos rodeados de tecnologias para suprir nossas necessidades, apoderando-nos de recursos tecnológicos por meio de aparelhos celulares, computadores, tablets, carros, eletrodomésticos, televisões, rádios, caixas eletrônicos, eletroeletrônicos, entre outros. Assim, as TDICs estão se transformando não apenas em mediadoras de comunicações, informação, conhecimento e aprendizagem, mas em meios de interação e de propagação de padrões e valores culturais e sociais (SANTOS, 2018).

Mesmo que nem todos os brasileiros tenham acesso ao celular conectado à internet, podemos afirmar que as tecnologias digitais estão presentes na sociedade e isso tem causado mudanças em vários aspectos das relações humanas como acesso à informação, interação e comunicação (COSTA; DUQUEVIZ; PREDOZA, 2015, p. 605).

Como Castells (1999) postula, o constante fluxo de informações gerado pela sociedade em rede dá margem ao sistema mercadológico para que ele invista em segmentos emergentes, como o público consumidor idoso. Essa demanda por inclusão pelo consumo acaba alterando aspectos comportamentais dos sujeitos e reverbera em novos hábitos de consumo, principalmente, na utilização de tecnologias. O desafio é ofertar bens e serviços ao público idoso que atendam suas especificidades, com alta durabilidade, uso facilitado e utilidade (COSTA, 2028).

Brisolara (2018) aponta que os consumidores idosos se tornam cada vez mais exigentes, a partir do momento em que o envelhecimento passa a ser um novo mercado de consumo, devido ao amplo acesso às informações. Essa autora afirma que a geração em questão exige qualidade, diversidade e competitividade na sociedade de consumo. “É um público com hábitos e comportamentos diferenciados a espera de uma leitura mercadológica adequada às suas necessidades” (BRISOLARA, 2018, p.11).

Dessa forma, não é a tecnologia que determina a sociedade, mas sim a sociedade que determina a tecnologia a partir de suas necessidades, interesses e valores, inclusive sendo efeito do seu próprio consumo.

No presente trabalho, buscaremos entender quais são as necessidades, interesses, valores, oportunidades e fatores limitantes subjacentes às TDIC a partir da visão das pessoas idosas, ou seja, quais as representações sociais que esse público revela sobre as tecnologias digitais.

2.3.1 Uso das tecnologias digitais da informação e comunicação pelas pessoas idosas

Uma sociedade sob a cultura participativa proposta por Lévy (1998) acabou proporcionando o desenvolvimento de uma nova lógica de rede, na qual o usuário quer se manter conectado a outros usuários. Esse novo conceito de cultura e os avanços tecnológicos existentes provocaram o surgimento de novas relações agregadas à vida social e digital das pessoas, propiciando inserção social. Nesse trabalho, destaca-se o enfoque dessas novas relações sobre a vida das pessoas idosas brasileiras e os seus produtos.

Devido à evolução dos computadores de “[...] simples máquinas de calcular a máquinas que transmitem informações interligadas em rede” (SILVEIRA, 2015, p. 22), eles se tornaram cada vez mais presentes na vida das pessoas, indireta ou diretamente. Esse fato fica evidente, inclusive, com o segmento alvo da pesquisa, que está cada vez mais conectado e bem-informado sobre as tecnologias.

De acordo com Meirelles (2016), na primeira década desse século, tínhamos 364 mil pessoas idosas inseridas no mundo digital, já, na segunda década, o quantitativo pulou para 5,2 milhões de seniores que acessam a *web*. “O número de pessoas com mais de 60 anos, com acesso à internet, dobrou de 2008 a 2013, passando de 5,7% para 12,6% (de um total de 13% ou 26 milhões com 60 anos ou mais)” (ARAÚJO, 2017, p. 27). Segundo Moura (2017), no Estados Unidos, em 2013, os maiores de 65 anos foram o grupo demográfico que mais marcou presença nas redes sociais de forma geral.

No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do Módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação, em 2021, pela primeira vez, mais da metade das pessoas idosas acessaram a internet no período de referência da PNAD TIC. O percentual de utilização da internet pelas pessoas com 60 anos ou mais de idade saltou de 44,8% para 57,5%, entre 2019 e 2021.

As pessoas idosas recorrem à internet para diversas finalidades, como: fonte de informação, comunicação, instrumento de trabalho, entretenimento e lazer, práticas de rotina, compra e uso de serviços, bens e produtos, acesso às redes sociais e socialização, demanda de afetividade e sociabilidade, entre outras. Essas manifestações contemporâneas do crescente uso de ferramentas digitais emergem como meios revolucionários de integração social, “[...] representando um processo de ganho sociocultural e de apoderamento considerado como uma nova alfabetização” (SILVEIRA, 2015, p. 23).

Por meio da informática, “[...] eles se desvelam para a vida” (p. 24) e se mantêm vivos e em interação com o mundo (KACHAR, 2000). Essa cultura tecnológica é um fenômeno cada vez mais penetrante na nossa rotina, tendo as pessoas idosas como consumidoras ativas dos recursos digitais.

Conforme Santos (2017), o uso dos aparatos tecnológicos de forma plena, competente e gerando interesse pessoal torna as pessoas idosas mais independentes para a realização de atividades que não só favoreçam sua inclusão na sociedade, como também permitem a criação de novas experiências e a promoção de novos arranjos ocupacionais. Nas sociedades informatizadas, as pessoas que não têm acesso às tecnologias digitais ou não conseguem se apropriar delas totalmente, sentem-se excluídas, apresentando dificuldades em desempenhar atividades básicas, como: comunicar-se com outras pessoas, utilizar serviços por meio de aparelhos e ferramentas tecnológicas, ter acesso à informação, cultura e lazer de forma menos burocratizada, entre outras (SANTOS, 2017). Portanto, as “TDICs têm papel crucial no fortalecimento de identidades, no encorajamento de comportamentos pró-sociais e sentimento de conexão social” (SIMÕES, 2019, p. 27).

Há um mito que precisamos desmistificar sobre o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação pelas pessoas idosas: a sua perda da capacidade de aprender coisas novas. Na verdade, a pessoa idosa não perde essa capacidade, excetuando-se, obviamente, aqueles indivíduos acometidos por doenças gravíssimas e comprometedoras da saúde física e/ou mental.

O que acontece, comumente, é que algumas pessoas idosas podem ter mais dificuldades no processo de aprendizagem do que os mais novos, por conta da redução cognitiva com o avanço da idade. Devemos considerar os declínios naturais do processo de envelhecimento e de algumas situações que o indivíduo carrega, como sua condição de vida particular (seu nível de escolaridade, de renda, sua condição de saúde, entre outros).

Os “nativos digitais”, de Prensky (2001), fazem parte das gerações mais jovens que nasceram juntamente com a disponibilidade de informações altamente velozes e muito mais acessíveis, diferentemente das pessoas idosas da atualidade, que fazem parte de um grupo que, conforme Simões (2019), não nasceu em contato direto com os meios tecnológicos e por isso demonstram níveis diversificados de apropriação e uso.

Dessa forma, é um equívoco afirmar que a pessoa idosa é incapaz de assimilar novas tecnologias apenas pelas conseqüências advindas do envelhecimento (COSTA, 2028). Ela apenas precisa de mais tempo para aprender a manipular essas ferramentas e de exercícios constantes para o não esquecimento do processo de aprendizagem. Logo, não se torna inviável o empoderamento e o domínio das TDICs pelos mais velhos, porém se exige um contexto educacional direcionado para as reais necessidades e as condições que explorem todas as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem deles (KACHAR, 2003).

Pensar na promoção da intimidade das pessoas idosas com as TDICs é primordial, dado que o uso de ferramentas virtuais, como o computador, é um excelente estimulante cognitivo, a partir do trabalho de força de pressão manual, motricidade fina, acuidade e afins, que essas ferramentas exigem em seu uso. Elas têm efeito, tanto de retardar o declínio cerebral, reduzindo chances de um possível surgimento de quadro demencial, como de proteger, estimular e reabilitar o desempenho cognitivo, contribuindo com o desenvolvimento de um envelhecimento saudável (SILVEIRA, 2015).

Um dos maiores ganhos para as pessoas idosas com o uso dos computadores é a coordenação motora, como afirma Silveira (2015). Uma habilidade motora estimulada pelo uso do computador, por exemplo, é a movimentação dos dedos no ato de digitar no smartphone e/ou teclar no computador, pois os movimentos “[...] se ajustam para compor palavras e frases, além de manter o cursor na tela em posição adequada para um correto desempenho” (SILVEIRA, 2015, p. 22).

Outra habilidade motora adquirida pelo uso do computador é a coordenação visuomanual, sendo uma das mais importantes por ser a função sensorial mais afetada pelo processo de envelhecimento. Além disso, o uso do mouse do computador auxilia na preensão manual, o que estimula a força muscular da pessoa idosa. Conforme Krug, D’orci e Xavier (2019), o uso do computador “[...] melhora a criatividade, a flexibilidade cognitiva, a atenção, a execução de tarefas e outras habilidades cognitivas” (p. 2).

Assim, a motricidade fina (interação entre o objeto, o olho e a mão) exigida para o uso das TDIC serve de estimulante para o desempenho cognitivo e sensorial, conseqüentemente

para a qualidade vida, bem-estar, autonomia, independência e melhor estado emocional na velhice (SILVEIRA, 2015). Esses fatores são essenciais para o processo de envelhecimento saudável, uma vez que proporcionam muito mais qualidade na execução de atividades diárias básicas, como: cortar alimentos, conduzir os alimentos no prato e os levar do talher à boca, escrever, abrir potes, abotoar roupas, escovar os dentes, lavar objetos, entre outras atividades rotineiras da vida dos idosos (SILVEIRA; PORTUGUEZ, 2017).

Além disso, as tecnologias digitais são ferramentas de comunicação facilitadoras da integração social com grupos de seu interesse, seja familiar, comunitário, de trabalho, entre outros, contribuindo, também, com um envelhecimento digno. Se uma pessoa idosa estabelece novas relações a partir das tecnologias, de acordo com Santos (2017), ela se sente socialmente integrada, o que repercute e melhora sua autoestima.

Quanto a esse último sentimento, Brisolara (2018) afirma que a inclusão digital de pessoas idosas proporciona autonomia e independência na vida diária, elevando a autoestima deles dada às conquistas alcançadas. Uma das conclusões do trabalho de Costa (2018), inclusive, é que a presença de tecnologias domésticas tem papel importante no cotidiano da pessoa idosa, reverberando em sua autonomia.

Com o avançar do processo natural de envelhecimento do ser humano, surgem perdas psicomotoras. Algumas pessoas idosas tendem a se afastar/isolar socialmente e restringir seus papéis sociais, sendo as TDIC consideradas um importante instrumento de promoção de qualidade de vida nesse momento. Isso ocorre porque promovem domínio físico e de desempenho cognitivo para a execução da motricidade fina e a pressão manual, que as TDIC exigem. Conseqüentemente, colaboram para a realização das outras atividades de vida diária dos seniores com mais autonomia e independência, como postulam Silveira (2015) e Silveira e Portuguez (2019).

Portanto, as TDIC carregam em si aspectos positivos e negativos. Lèvy (1999) afirma que elas têm mais benefícios que malefícios, pois o não acesso a elas representa uma limitação de inserção em outras formas de aquisição de conhecimento, informação e interação. Elas ascendem a um conjunto vasto de informações e de possibilidades de comunicação e interação, favorecendo uma maior participação social e rejeitando um possível isolamento social, favorecendo novas aprendizagens, habilidades e atitudes, que impactam positivamente na autorrealização, independentemente da idade (SANTOS, 2017).

Cabe dizer, sem a audácia de tentar esgotar o tema trazido para discussão, que pensar no posicionamento da terceira e da quarta idade frente às inovações tecnológicas é um recorte

geracional que responde ao cenário contemporâneo. Nosso esforço tem sido o de compreender as transformações sociais provocadas pelas TDIC, especialmente na vida dos sujeitos mais velhos, com expectativas positivas frente ao desafio de adaptar os projetos sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais para esse público. Dessa forma, buscamos subsídios para analisar as representações sociais sobre as TDIC por pessoas idosas.

2.4 Teoria das representações sociais

Émile Durkheim abordou a temática das representações sob a ótica coletivista, postulando que o indivíduo pautava suas condutas pela influência direta das metalinguagens do grupo ao qual pertencia e da sociedade na qual o grupo se inseria, baseando-se nos processos de socialização e sociabilização associados à identidade coletiva. O contexto histórico desse autor, início do século XX, era influenciado pela sociologia como ciência social e pelas ideias socialistas, o que contribuiu sobremaneira para sua obra. Posteriormente, ela influenciou na elaboração da teoria das representações sociais como fenômeno coletivo (CHAMON; LACERDA; MARCONDES, 2017).

Tendo como base o conceito de representação coletiva de Durkheim, o psicólogo social Serge Moscovici, em 1961, afirmou que não apenas a coletividade constrói e determina as representações do grupo, mas, ao contrário, a individualidade seria um fator endógeno primordial para a construção de símbolos, conhecimentos e linguagens a serem utilizadas na formação do grupo (CHAMON; LACERDA; MARCONDES, 2017).

O estudo das representações sociais tem procurado compreender como os indivíduos, em interação social entre si, o objeto e a sociedade, pensam sobre as realidades, expressam suas visões de mundo e o modo como constroem teorias sobre objetos sociais, bem como a relação entre os seus significados. Assim, as representações sociais são traduzidas pela conceituação formal, que é a forma como um indivíduo externaliza sua percepção sobre o outro, validada pela sociedade. Essa modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, contribui para a construção de uma realidade comum a todos, classificando e categorizando fenômenos. Ela seria a versão contemporânea do senso comum, permitindo que ideias sejam postas em prática (MOSCOVICI, 1978).

Bauer e Gaskell (1999) complementam o pensamento de Moscovici quando afirmam que o conhecimento sempre é construído e produzido não só por meio da interação, mas também por um elemento fundamental nas relações sociais: a comunicação. Num contexto em

que pessoas unem satisfação/frustração e interesses e desejos é que surge o conhecimento e é nesse novo contexto criado que surgirão expressões do conhecimento, frutos de um grupo específico em circunstâncias específicas.

Não obstante, Moscovici (1978) vai além, e postula que as interações sociais são dinâmicas e perenes, sendo constantemente atualizadas de acordo com o momento e a situação histórica apresentada aos indivíduos que integram determinado grupo. Por conseguinte, essa interação modifica esses indivíduos e os grupos.

As representações sociais operam como reguladoras dessa interação, na medida em que o conhecimento construído pelo grupo social sobre um objeto dá origem às representações sociais, ao mesmo tempo em que as representações sociais orientam a forma de conhecer do grupo social (CLAY; CHAMON; RODRIGUES, 2016, p. 261).

Esse processo de construção das representações sociais acontece num contexto social determinado, composto por ideologias, atitudes, valores e sistemas que (re)produzem as relações sociais. Por isso, elas são um processo social que se constitui como um conhecimento orientado para a compreensão do mundo e para a viabilidade da comunicação, construindo objetos socialmente valorizados por sujeitos sociais, reorganizando suas formas de pensar e de sentir.

Moscovici (1978) afirma que, até então, o conhecimento científico e acadêmico era tido como o único meio aceitável para compreender e justificar os comportamentos dos grupos com fulcro nas representações que esses adotavam. No entanto, o conhecimento popular e os “sábios de rua”, para ele, também integravam esse emaranhado de conhecimentos e símbolos, alimentando as teorias científicas, as concepções ideológicas, as experiências de vida e as trocas cotidianas.

Esses saberes – “popular, tradicional, de senso comum, religioso, místico” (CLAY; CHAMON; RODRIGUES, 2016, p.262) possuíam um caráter não apenas subsidiário, como também integrador e interdependente ao conhecimento acadêmico, sendo utilizados para avaliar situações, realizar julgamentos e dirigir ações, alimentando as representações sociais e sendo alimentados por elas.

É a partir da análise desses processos que se tornam viáveis a comunicação e o desdobramento dos comportamentos, uma vez que irão influenciar as práticas sociais de um grupo e essas práticas sociais serão reconstruídas, dada às constantes modificações de concepções do grupo. Essas modificações acontecem pela interação entre o sujeito, o objeto e a sociedade, interligados na composição das próprias realidades sociais do indivíduo, e

retornam para o grupo para influenciar novamente os seus comportamentos e operar sobre as novas práticas sociais, orientando as crenças e os valores e dirigindo as suas ações.

Um dos objetivos das representações sociais é transformar em conhecido e habitual algo até então ignorado, ou seja, elencar, pormenorizar e ressignificar fatos contemporâneos e conceitos aos quais não sabíamos de suas existências. Desse modo, há oportunidade de compreender e transitar de forma transversal nos recentes acontecimentos e pensamentos a partir de opiniões, princípios e teorias preexistentes, enraizados pelo grupo e largamente adotado pela sociedade (MOSCOVICI, 2011).

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa (MOSCOVICI, 2003, p. 43).

De acordo com a abordagem mais recente acerca do tema e os conceitos extraídos das obras de Moscovici, a teoria das representações sociais dialógica pode ser definida como a reunião de saberes práticos e conhecimentos socialmente produzidos por indivíduos e grupos num determinado contexto sociocultural por meio de ícones, símbolos, representações, cognições dos sujeitos ou qualquer outro de tipo de manifestação da linguagem inteligível, cuja relevância social é oferecer um instrumento de orientação dos comportamentos.

Os grupos sociais constroem as suas especificidades, suas conotações simbólicas e suas vivências particulares. O que nos leva a dar atenção sobre a velhice como uma categoria socialmente produzida (DEBERT, 1994) e, assim, o entendimento de que as sociedades erguem seus modelos de envelhecimento que variam entre as gerações e, portanto, reconstroem-se (SANTOS, 2017, p. 42).

À luz dessa compreensão, nossa pesquisa se interessa por analisar o que pensam e como pensam socialmente as pessoas idosas de um determinado grupo específico sobre as TDIC no tempo presente de suas vidas.

Dessa maneira, uma investigação que se atente sobre as interpretações subjetivas e intersubjetivas das pessoas idosas selecionadas na pesquisa frente ao universo social marcado pelas tecnologias digitais é um momento paradoxal de construção (compreensão das relações postas) e desconstrução (rompimento de pensamentos limitantes e julgamentos inapropriados).

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamento da pesquisa

A mais relevante característica da ciência é sua capacidade de explicar e prever os fenômenos. Isso só é validado quando os dados coletados são obtidos por experiências adquiridas da observação e do experimento. A ciência é objetiva e confiável por produzir conhecimento científico provado, não cabendo opiniões, predileções ou suposições (CHALMERS, 1993).

Entretanto, a cientificidade é revestida de conhecimento aproximado e construído. No caso das Ciências sociais, o seu objeto é um ser histórico, existindo uma identidade entre o sujeito e o objeto. Ainda, é uma ciência impossível de ser neutra por trazer um posicionamento ideológico e por ser essencialmente qualitativa. Além disso, devido à impossibilidade de abarcar um objeto na totalidade da vida social, as Ciências Sociais apropriam-se de instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da realidade, mas de forma ainda incompleta, imperfeita e insatisfatória, exigindo-se, assim, a contínua produção de conhecimento científico (MINAYO, 2011).

Vale dizer que “a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos” (MINAYO, 2011, p.12). Logo, entendemos por pesquisa a “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade [...] que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 2011, p. 16). Ainda, a pesquisa se apoia em fundamentos teóricos que sustentam a formulação de um problema e na adoção de técnicas e instrumentos escolhidos para operacionalizar essa pesquisa.

Para se realizar com sucesso esse tipo de trabalho, cabe ter claro o caminho a ser percorrido, desde o pensamento até a prática exercida na realidade. “Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (MINAYO, 2011, p. 14). A metodologia “[...] inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade” (MINAYO, 2011, p. 15).

A estudiosa mencionada batiza o processo da pesquisa como *Ciclo da Pesquisa*, pois o processo de pesquisa científica de abordagens qualitativas começa com uma pergunta e

termina com uma resposta. A partir disso, gera outras inquietudes, não havendo o fechamento desse ciclo, pois, apesar de ser um trabalho em espiral, com começo, meio e fim, ele é provisório, produzindo sempre novas construções. Essa autora separa a pesquisa em três etapas: fase exploratória; trabalho de campo; e análise e tratamento do material empírico.

A fase exploratória consiste na produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo. É tempo dedicado – e que merece empenho e dedicação – a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a colocar hipóteses ou alguns pressupostos para seu encaminhamento, a escolher e a descrever os instrumentos e operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra qualitativa (MINAYO, 2011, p. 26).

Já o trabalho de campo consiste em conciliar a construção teórica elaborada na primeira etapa e o levantamento de material documental com a prática empírica, por meio da utilização de instrumentos de pesquisa e da interlocução com os sujeitos pesquisados, entre outros. Essa fase é um momento relacional e prático de cotação exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e de elaboração de teoria.

Análise e tratamento do material empírico e documento, diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo. Podemos dividir esse momento em três tipos: ordenação dos dados; classificação dos dados; e análise propriamente dita (MINAYO, 2011, p. 26-27).

Ainda na fase exploratória, tomada a decisão das escolhas teóricas-metodológicas que irão delinear todo o percurso da pesquisa, temos também, no campo da observação, a definição e o entendimento dos locais e dos sujeitos que serão incluídos. Vale ressaltar que, os motivos escolhidos para inclusão e exclusão das fontes precisam ter critérios claros e objetivos, assim como proporções coerentes (MINAYO, 2011).

Após essa etapa, adentramos no processo de trabalho de campo, que “[...] nos leva, frequentemente, à reformulação de hipóteses ou, mesmo, do caminho da pesquisa. Enquanto construímos dados colhidos e os articulamos a nossos pressupostos exercitamos nossa capacidade de análise que nos acompanha em todas as fases” (MINAYO, 2011, p. 75). De acordo com a autora, o trabalho de campo é o momento relacional da teoria com o empírico, o espaço que frutifica a perspectiva da observação e a compreensão dos dados coletados, gerando as informações que serão analisadas e interpretadas na fase seguinte.

Por fim, temos o momento da análise e interpretação dos dados da pesquisa qualitativa, que não objetiva contar as opiniões das pessoas, mas sim explorar o conjunto de falas, expressões e representações sociais dos interlocutores sobre o tema que se pretende investigar (BAUER; GASKELL, 2002).

Minayo (2011) diferencia conceitualmente os termos descrição, análise e interpretação. A descrição é a apresentação fidedigna das opiniões dos interlocutores; a análise, o trabalho de decompor os dados apresentados e a relação entre eles; e a interpretação, a busca de sentidos para as falas e para os dados com o fito de compreender e/ou explicar o fenômeno.

Esse último momento é aquele em que o pesquisador tende a finalizar seu trabalho, articulando a fundamentação teórica e todo o material coletado com os propósitos da pesquisa. Se, nessa fase final da investigação, percebemos que as informações são insuficientes para a produção de dados ou que não é possível interpretar os dados apresentados com as referências teóricas trabalhadas, devemos retornar para as fases anteriores (MINAYO, 2011). A solução que a autora dá para não incorrer nesse erro é realizar constantemente a atividade de avaliação, evitando que o material disponível não atenda a uma discussão sólida e ao estabelecimento de conclusões.

3.2. Tipo de pesquisa

A partir da compreensão e da familiaridade com o problema que a pesquisa do tipo exploratória e descritiva tendem a produzir, por serem seu objetivo central, o estudo busca coletar dados da interpretação e da descrição das características de uma determinada população ou fenômeno (GIL, 2002). Consoante Minayo (2011), a pesquisa exploratória e descritiva tem a finalidade de tornar o tema mais explícito, propondo um novo discurso interpretativo sobre o objeto.

Ademais, o desígnio dessa pesquisa é fundamentar proposições de ações de enfrentamento do problema em questão, haja vista se tratar de uma pesquisa aplicada, segundo a forma de utilização dos resultados encontrados.

O tipo da pesquisa, quanto à natureza de sua abordagem, caracteriza-se por ser qualitativa, uma vez que nos preocupamos com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-nos na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos,

aspirações, crenças, valores e atitudes, um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos – que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em suma, por se tratar de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva quanto ao seu objetivo, do tipo aplicada quanto ao seu propósito e de abordagem qualitativa quanto a sua natureza, a coleta de referências teóricas, o levantamento de informações e de dados atualizados acerca de conhecimentos que versam sobre a temática para fundamentação teórica e uma posterior construção da literatura de base se deu por meio da pesquisa bibliográfica e documental, segundo os procedimentos técnicos adotados.

A pesquisa bibliográfica [...] abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meio de comunicações orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais; filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferência seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS, 2003, p. 183).

[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa... Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, etc. (GIL, 2002, p. 51).

Para fomentar a produção e a compreensão da relação entre as tecnologias digitais da informação e comunicação e as pessoas idosas no Brasil, foi necessário confrontar ideias acerca do tema e analisar os conceitos teóricos com as narrativas das entrevistas realizadas com os dois grupos de amostras selecionados na pesquisa: um com pessoas idosas que já participaram de algum tipo de capacitação digital, sendo sete pessoas; e o outro com pessoas idosas que nunca participaram de nenhum tipo de processo de ensino tecnológico, sendo quinze pessoas. Logo, o levantamento de campo também foi adotado como procedimento técnico para essa produção científica.

3.3. População e amostra

Minayo (2011) defende que nas pesquisas sociais é incoerente falarmos de amostragem, uma vez que “[...] o ‘universo’ em questão não são sujeitos em si, mas as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes” (p. 48, grifos da autora).

Logo, opta por definir a quantidade “[...] de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar a priori o número de participantes) que é interrompida pelo critério da saturação, ou seja, quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação” (p.48).

O universo estudado em nossa investigação foram as pessoas idosas vinculadas a uma instituição pública federal localizada na cidade de São José dos Campos/SP, que conta com 5.126 pessoas, usuárias do Serviço Social da referida instituição, setor que coordena grupos de convivência sociocomunitários voltados para a inclusão digital.

Essas pessoas estão inseridas num grupo que, na maioria das vezes, apresenta características em comum, como: necessidades particulares ao processo de envelhecimento e experimentação, dada à redução das capacidades físicas, cognitivas e sensoriais, do processo universal de deterioração do organismo, quando comparadas às pessoas mais jovens.

Para analisar as representações sociais sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas, foram convidados a participar da pesquisa: os indivíduos com idade igual ou superior a sessenta anos do banco de dados de participantes dos projetos sociais do Serviço Social, que à época da pesquisa eram 87 pessoas idosas, e que aceitaram assinar o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido.

O estudo de corte foi o banco de dados do Serviço Social da instituição no ano de 2019 e a quantidade de voluntários foram 22 sujeitos, dos quais sete já tinham participado de oficinas de informática anteriormente e 15 nunca participaram. Essa quantidade foi definida pelo método de saturação das entrevistas de Bauer e Gaskell (2002), compondo o grupo da amostra da pesquisa.

[...] As entrevistas limitam-se no critério de saturação quando pode ser aplicada a lei da diminuição de retornos, pois, mesmo que a amostra seja ampliada, as diferenças serão mínimas e as representações não serão diferentes, segundo os autores, a saturação é observada a partir de 25 a 30 entrevistas (p. 59).

Tivemos acesso aos contatos do público-alvo dessa pesquisa por meio de solicitação formal à instituição, que nos forneceu os seguintes dados: nomes, endereços e telefones, tanto dos que já cursaram a oficina de informática promovida pelo Serviço Social da instituição, quanto dos que nunca cursaram. Os dados referidos foram disponibilizados pelos setores responsáveis pelos bancos de dados dos usuários que compõem o universo da pesquisa.

3.4. Instrumentos de pesquisa

Para Almeida (2005), uma pesquisa é considerada boa quando as características do objeto investigado orientam a escolha das técnicas e métodos de pesquisa, elucidando esse objeto. Para o estudo das representações sociais nessa pesquisa, utilizamos os instrumentos: questionário e entrevista para o procedimento de operacionalização dos métodos adotados para a coleta de dados. Conforme afirma Palmonari e Cerrato (2014), a multidisciplinaridade teórica e metodológica constitui uma das características essenciais da teoria das representações sociais e acreditamos que os instrumentos citados poderiam melhor aprofundar os dados trazidos pelos participantes.

O questionário, composto por onze questões, foi do tipo fechado e aberto, ou seja, algumas respostas estavam limitadas aos itens preestabelecidos; em outras, o interlocutor formulou suas respostas. As entrevistas voltaram-se para a produção de dados primários, isso é, aqueles produzidos pela interação direta da pesquisadora com “[...] os sujeitos através de entrevistas, observação e aplicação de questionário” (MINAYO, 2011, p. 49).

A finalidade do questionário aplicado foi caracterizar o perfil sociodemográfico e de saúde dos participantes da pesquisa, incluindo variáveis como: sexo, idade, estado civil, escolaridade, condições de renda e trabalho, socio-habitacionais, sociofamiliares, situação de saúde e socioassistencial, tomando como base o instrumental próprio da instituição pesquisada: a Ficha Social do SESO. Ela é utilizada para compreender a realidade sociofamiliar dos usuários participantes dos projetos sociais do Serviço Social da instituição (Anexo I). Para Almeida (2005), o questionário um instrumento privilegiado no estudo das representações sociais.

A importância de caracterizar os sujeitos pesquisados se dá pela motivação de se evidenciar os aspectos “[...] discriminantes de uma dada população (análise intragrupo) ou entre populações (análise intergrupos), situar as posições dos grupos estudados em relação aos eixos explicativos” (ALMEIDA, 2005, p. 137). O questionário:

Consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assuntos que os informantes saibam opinar ou informar (CHIZZOTTI, 2010, p. 55).

Já a entrevista é um rico instrumento de coleta de dados por trazer à tona as experiências, as memórias e a identidade dos sujeitos pesquisados, contribuindo para a compreensão sobre as representações sociais dos participantes:

É um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las. As informações colhidas sobre fatos e opiniões devem construir-se em indicadores de variáveis que se pretende explicar. É, pois, um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho (CHIZZOTTI, 2010, p. 57).

A entrevista do tipo semiestruturada, composta por dez questões, foi gravada por meio de aparelho celular, utilizando-se o aplicativo “gravador”, a partir da prévia concordância e autorização dos participantes.

Vale destacar que utilizamos um Roteiro (Apêndice II) de perguntas, previamente definido, para amparar e nortear a coleta de dados a partir dos instrumentos supramencionados. O Roteiro serviu como base de orientação para a identificação, compreensão e análise sobre as representações sociais das TDIC pelas pessoas idosas.

Essas técnicas de coleta de dados e de levantamento do conteúdo das representações escolhidas por nós são complementares e permitem controlar e aprofundar as informações recolhidas. Outrossim, foram as ferramentas utilizadas para colher os dados necessários que, posteriormente, passaram pelo processo de tratamento, análise e interpretação, ou seja, pelo método de Análise de Conteúdo de Bardin (1979).

É interessante reforçar que os instrumentais têm que ser claros, coerentes e capazes de encarar os desafios da prática pelos impasses teóricos (MINAYO, 2011). Para uma padronização dos resultados, todos os instrumentos foram aplicados a todos os entrevistados pela mesma pesquisadora.

O nosso contato prévio com os sujeitos pesquisados deu-se por meio de contato telefônico. Nesse contato, apresentamos os objetivos da pesquisa e a proposta de trabalho. A partir do aceite de participação pelas pessoas idosas contactadas por telefone, de forma remota, convidamos os participantes para um encontro presencial para a assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (Apêndice I). Assim, demarcamos nosso respeito às orientações de biossegurança do Ministério da Saúde durante o período de pandemia do covid-19.

No encontro presencial, tomamos as mesmas precauções com a doença citada. Nesse, orientamos os pesquisados sobre a coleta dos dados, que se daria através do questionário e da entrevista. Esclarecemos, ainda, que eles poderiam optar por participar da coleta de dados através dos dois instrumentos citados, de forma remota, via telefone, ou por qualquer outro meio sugerido por eles, não havendo prejuízo para a pesquisa. Todos os participantes, porém, optaram pela coleta de dados presencialmente.

3.5. Procedimentos para coleta de dados

De início, realizamos uma solicitação formal à instituição de interesse, tendo acesso aos dados das pessoas idosas dentro do perfil selecionado. Após, obtivemos autorização da pesquisa e do acesso às informações pertinentes para seu desenvolvimento (Apêndice III).

Com a apreciação e autorização da instituição (Anexo II), a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU) por utilizar seres humanos para a coleta de dados. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da investigação dentro de padrões éticos.

Os aspectos éticos respeitados no projeto de pesquisa, nortearam toda a pesquisa em si e seguiram as orientações da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, buscando garantir a execução de uma pesquisa ética. Nela, preocupamo-nos em resguardar a dignidade e o bem-estar dos participantes (BRASIL, 2002), assim como contribuir para o enriquecimento do campo de estudos do Desenvolvimento Humano.

Assim, essa pesquisa buscou não oferecer riscos à integridade física, mental e/ou emocional dos participantes. No mínimo, pode ter provocado algum desconforto pelo tempo exigido para discussão das perguntas ou algum constrangimento pelo teor delas. Com vistas a evitar essas situações, esclarecemos aos pesquisados que eram livres para retirarem sua permissão de participação a qualquer momento, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo para si ou quaisquer tipos de penalidades.

Vale destacar que, ao aceitarem participar, os participantes estavam cientes da sua contribuição para a compreensão das representações sociais sobre TDIC. Ainda, enfatizamos que tinham o direito de serem atualizados sobre os resultados parciais e finais da pesquisa e que sua participação não lhes traria custos ou compensação financeira.

Após a autorização da instituição e de posse dos documentos que solicitamos a ela, iniciamos o procedimento de coleta de dados a partir da análise dos dados secundários, aqueles produzidos “[...] a partir de acervo já existente, tais como banco de dados, revistas, jornais, coleções de artefatos etc.” (MINAYO, P. 49, 2011). No caso da pesquisa documental, os dados secundários referidos foram os documentos próprios da instituição, de relevância para a pesquisa.

De acordo com Chizzotti (2010), as bases de dados “[...] são conjuntos de dados organizados em fichários automatizados com a finalidade de serem utilizados em programas, de modo a facilitar a interdependência dos dados e programas informatizados” (p. 118). Por sua vez, para o autor:

Bancos de dados reúnem conjuntos de dados relativos a um domínio de conhecimento e incorporam as informações em fichas estruturadas, segundo códigos informatizados de classificação. Esses dados são arquivados em memória de computador para oferecer aos usuários um acesso imediato às informações, quando da sua manipulação automática (CHIZZOTTI, 2010, p. 118).

Através desses instrumentos, realizamos a pesquisa documental. O banco de dados da instituição contribuiu com o acesso aos dados relacionados aos contatos das pessoas idosas pesquisadas, sendo possível efetuar comparações e aferições entre os sujeitos. Em posse dos contatos dos possíveis sujeitos da pesquisa, estabelecemos, conforme mencionado, o contato prévio por telefone, para a apresentação da proposta e dos objetivos da pesquisa, a fim de convidá-los a compor a amostra.

Os questionários e as entrevistas foram aplicados individualmente e pessoalmente àqueles que aceitaram o convite e a proposta metodológica. Programamos com eles: o melhor dia, horário e local. Respeitamos as medidas de biossegurança de controle e prevenção do coronavírus, preocupando-nos com o distanciamento de dois metros entre pesquisadora e pesquisado, a utilização de máscaras cobrindo nariz e boca e o uso de álcool nas mãos.

Cabe informar que, obtivemos parte substancial dos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, colaborando para o aprofundamento das categorias pensadas para a pesquisa. A opção pela entrevista semiestruturada se deu porque ela “[...] combina perguntas abertas e fechadas, em que o entrevistador tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2011, p. 64).

Em síntese, após os trâmites legais e devidamente cientes e autorizados pelos órgãos competentes, os dados foram coletados por aqueles que voluntariamente se dispuseram a participar da pesquisa e foram armazenados em dispositivos físicos (notebook, pen drive, celular) e *on-line* (*e-mail* e drive). As informações coletadas e transcritas em meio digital foram armazenadas de forma segura, garantindo o anonimato dos participantes, por um prazo de cinco anos, seguindo as orientações do CEP, sendo posteriormente destruídas.

3.6. Procedimentos para análise de dados

O percurso teórico-metodológico adotado perpassou pelos métodos das pesquisas bibliográfica e documental com o levantamento de campo, tendo como base a teoria das representações sociais, a partir da abordagem processual de Denise Jodelet, e o procedimento de análise adotado foi a realização de uma análise transversal entre a Análise de Conteúdo e o software IRAMUTEQ.

Como Minayo (2011) afirma, a análise qualitativa “[...] não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações” (p. 27). A compreensão e interpretação dos dados da pesquisa se deram à luz da teoria das representações sociais, segundo mencionado.

Os procedimentos de análise dizem respeito às formas de organização dos dados e os passos empreendidos para a produção de inferências explicativas ou de descrição. Esses procedimentos devem ser descritos minuciosamente, deixando transparente o processo de interpretação que será adotado pelo pesquisador (BAUER; GASKELL *apud* MINAYO, 2011, p. 49).

O procedimento adotado para tratamento, análise e interpretação do acervo de dados coletados foi a Análise de Conteúdo, com vistas à organização e à categorização deles. Segundo Bardin (1979), esse tipo de análise:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p.42).

Em outras palavras, aplicamos essas técnicas à análise de textos escritos e de toda forma de comunicação: oral, visual ou gestual, que contenha informações sobre um determinado fenômeno, comprovadas por fontes documentais. Essa técnica apropria-se de diferentes procedimentos para decodificar um documento, buscando alcançar os significados mais profundos cifrados nas comunicações. “A escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do pesquisador” (CHIZZOTTI, 2010, p. 98).

Seu objetivo central, além da pura e simples decodificação das comunicações, “é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2010, p. 98), permitindo descortinar o aparente e ir além do que está posto nas falas.

Bardin (1979) indica algumas maneiras de analisar o conteúdo dos materiais pesquisados, quais sejam: análise de avaliação ou representacional; análise de expressão; análise de enunciação; e análise temática. A última foi a utilizada no presente trabalho por entendermos que:

[...] o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura [...] os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para a objectivo analítico escolhido (BARDIN, 1979, p.150).

Ademais, Bardin (1979) difere as fases da análise de conteúdo na perspectiva qualitativa para a trajetória da análise de conteúdo temática em: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Minayo (2011) também caracteriza quatro procedimentos metodológicos da técnica de análise de conteúdo, que não necessariamente seguem uma trajetória sequencial. São eles: categorização; inferência; descrição; e interpretação.

A categorização é a classificação de elementos constitutivos de um todo, que posteriormente serão reagrupados por categorias previamente definidas. A inferência é a dedução lógica empregada no conteúdo que está sendo analisado, em virtude de proposições já aceitas como verdades, a partir da prévia noção do contexto no qual o material é analisado. A descrição é a “[...] enumeração das características do texto, resumida após o tratamento analítico” (MYNAIO, 2011, p. 90). A interpretação é a atribuição das significações mais amplas aos conteúdos analisados, relacionando as estruturas semânticas às estruturas sociológicas.

Chizotti (2010) argumenta que: “essa técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitem passar dos elementos descritivos à interpretação” (p. 99). Minayo (2011) complementa essa assertiva, ao relatar que, chegamos à interpretação dos dados quando se consegue fazer uma síntese entre a questão da pesquisa, os resultados encontrados a partir da análise dos materiais coletados, das inferências realizadas e da fundamentação teórica adotada.

Logo, o método de análise de conteúdo é perfeitamente compatível com a teoria das representações sociais pelo fato de a pesquisa ter como objetivo analisar dados qualitativos do objeto investigado, ou seja, “enfocar como pensam os indivíduos (quais são os processos

psicológicos e sociais que possibilitam a construção ou a gênese deste conteúdo)” (ALMEIDA, 2005, p. 124-125).

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977, p.21).

Já para a realização das análises estatísticas sobre o corpus textual e as tabelas de palavras produzidas pelas narrativas oriundas das entrevistas semiestruturadas, utilizamos, após a transcrição dos áudios gravados, o software IRAMUTEQ (Interface de R para Análises Multidimensionais de Textos e Questionários). Essa ferramenta de apoio ao processamento de dados na pesquisa qualitativa possibilita diferentes formas de análise de dados textuais. São elas: Análises Lexicográficas Clássicas, Especificidades e Análise Fatorial de Correspondência, Análise de Similitude, Nuvem de Palavras e Método de Classificação Hierárquica Descendente, da qual emergem classes de palavras e ligação entre elas, permitindo, portanto, a análise dos dados com segurança e credibilidade (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O IRAMUTEQ “torna seus resultados instrumentos de exploração, busca e associação de material da pesquisa” (SOUZA *et al.*, 2018, p. 2). Souza *et al.* (2018) ainda afirmam que o papel do pesquisador é valorizado por esse *software*, pois ao mesmo tempo em que aquele segue conduzindo a pesquisa, tem seus resultados mais bem interpretados e processados com rigor científico pelo IRAMUTEQ.

Sabendo que essa pesquisa analisa os dados qualitativos coletados, prezamos por cumprir o percurso planejado e desenvolver o entendimento de como se diferenciam os procedimentos para a análise dos dados. Dessa forma, o *software* citado cooperou para uma interpretação minuciosa dos discursos dos sujeitos.

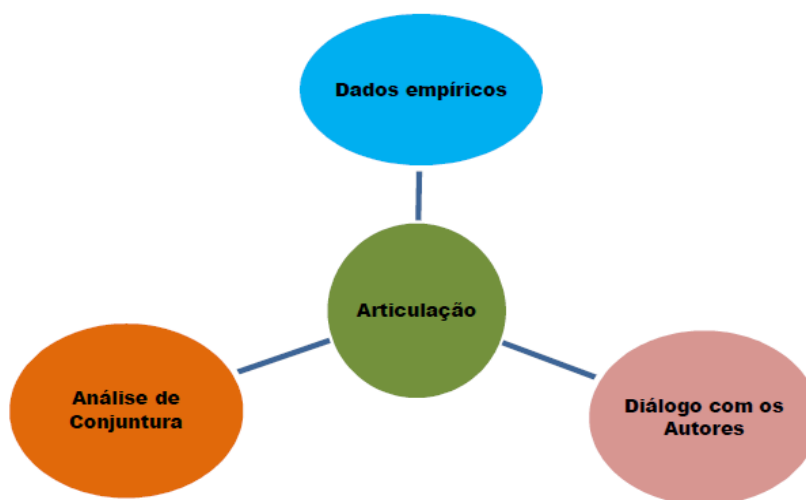
Para finalizar essa etapa de interpretação de dados analíticos, utilizamos a triangulação de métodos, procedimento eficiente nos estudos de abordagem qualitativa (MARCONDES; BRISOLA, 2014).

[...] O pesquisador, na análise de dados, utiliza-se de uma variabilidade de sequências de combinações desses dados, bem como da intuição e da análise reflexiva, necessárias às pesquisas sociais, sem uma linearidade, isto é, seguindo a lógica dos objetivos da pesquisa que norteiam as análises (LACERDA, 2016, p.129).

A adoção desse recurso foi necessária para mitigar as lacunas deixadas nos procedimentos anteriores no que diz respeito aos estudos dos dados relacionados às representações sociais trazidas na pesquisa. Consoante Minayo (2005), a triangulação de dados consiste em “[...] quantificar dimensões objetivas e interpretar facetas subjetivas do processo social estudado” (p. 29).

O procedimento de triangular os dados encontrados na pesquisa percorreu o caminho seguinte: coletar dados empíricos extraídos das narrativas apresentadas nos discursos dos sujeitos entrevistados; realizar o retorno às discussões defendidas pelos autores que subsidiaram as temáticas circunscritas ao objeto de pesquisa, isso é, representação social, TDIC e pessoa idosa; e, finalmente, empreender à análise conjuntural do objeto pesquisado, na inter-relação dos dados encontrados com a realidade abstrata e objetiva vinculada ao objeto.

Figura 4 – Análise por triangulação de métodos



Fonte: Marcondes; Brisola (2014).

3.7 Preparação para análise de dados

Para realizar as análises estatísticas das narrativas coletadas com as entrevistas semiestruturadas foi preciso, inicialmente, transcrevê-las e depois tratar o material verbal transcrito. Para isso, conforme informado anteriormente, utilizamos o recurso livre do *software* IRAMUTEQ. Para a instalação desse sistema operacional, antes instalamos o *software* R, um programa gratuito para estudos multidimensionais, que realiza os cálculos e prepara os gráficos do IRAMUTEQ. Assim, o primeiro se utiliza do segundo para processar

suas análises. E o segundo permite a visualização dos resultados e gera a interface com o usuário por meio da linguagem *Phyton* (CHAMON; CHAMON, 2021).

Após transcrevermos na íntegra as entrevistas no *LibreOffice Writer*, esse material foi transferido para o Bloco de Notas do computador, suprimindo-se as perguntas. Esse texto inicial foi tratado para a construção do *corpus* textual de análise da pesquisa, compilado em um único arquivo de texto para ser exportado para o *software* IRAMUTEQ. Em seguida, efetuamos uma revisão geral do material analisado para enquadrá-lo adequadamente nas normas de processamento dos dados pelo *software*. “A análise é sensível à estruturação do estímulo que produz o material textual, e isto é uma importante fonte de invalidação das conclusões” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 5).

Camargo e Justo (2013) explicam que o *corpus* textual de análise é formado pelo conjunto de unidades de textos que se pretende analisar, ou seja, cada texto corresponde a uma entrevista. As unidades que compõem um texto correspondem às respostas dadas pelos pesquisados. Dentro dos textos, há os segmentos de textos (ST) e é a partir da associação entre eles que se compõem as classes de palavras, obtidas a partir do texto. Elas apresentam vocabulário semelhante entre si e diferentes dos segmentos de texto das outras classes.

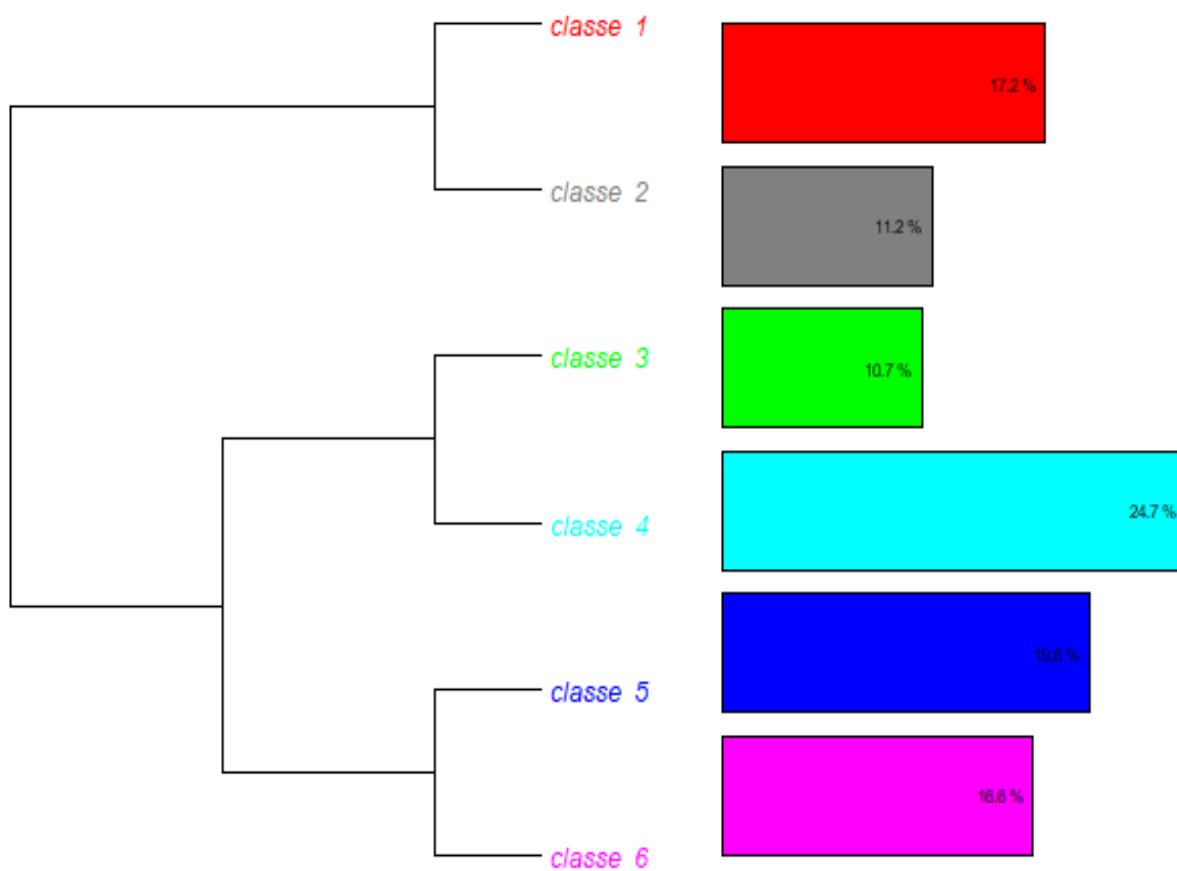
Posteriormente, separamos esses textos por linhas de comando, totalizando 22 textos, que identificavam o entrevistado por ordem cronológica de realização das entrevistas. Nessa pesquisa, utilizamos a seguinte linha de comando monotemática (busca de classificação em grandes categorias dos significados encontrados em um texto): “***** *PESSOA IDOSA_n”, cujo “n” corresponde ao número do entrevistado. “Numa análise padrão (*standart*), após reconhecer as indicações dos textos (pelas linhas com asteriscos) é o software que divide o material em segmentos de textos” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 6).

De acordo com os referidos autores, quando o delineamento é comparativo entre textos de grupos heterogêneos, como é o caso da nossa investigação, já que entrevistamos grupos diferentes (um formado por pessoas que participaram de oficinas de informática e outro composto por pessoas que nunca participaram de cursos de capacitação em tecnologias digitais), sugerem-se 22 textos para cada grupo minimamente.

Adiante utilizamos o leque de possibilidades de análise de dados textuais que o IRAMUTEQ oferece, desde as formas mais simples, apresentando apenas a frequência de palavras encontradas, até as mais multivariadas, ofertadas por gráficos altamente complexos e completos.

Por fim, realizamos o processamento e o agrupamento da força associativa quanto às ocorrências das palavras, ou seja, a partir da análise das classes geradas pelo *software*. A Classificação Hierárquica Descendente produziu um diagrama denominado pelo sistema de dendrograma equivalente a uma análise sobre os segmentos de texto, delimitados pelo IRAMUTEQ (Análise *Standart*), conforme ilustrado na Figura 5 (CAMARGO; JUSTO, 2013):

Figura 5 – Dendrograma



Fonte: IRaMuTeQ (2020).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, expusemos os resultados parciais encontrados com o uso do primeiro instrumento, o questionário. Ele foi elaborado por meio de um roteiro com questões fechadas e abertas, com o fito de caracterizar o perfil sociodemográfico da população pesquisada.

Vale ressaltar que, esses dados são de fundamental importância para compreendermos quem são e quais são os fatores objetivos e subjetivos influenciadores dos sujeitos da pesquisa. Analisar as representações sociais sobre TDIC por pessoas idosas sem as mediações relacionadas aos condicionantes sociais e de saúde pode nos levar a falsas impressões. Segundo Paiva, Benedito e Cavalcante (2023), as concepções que se processam entre homens e mulheres, de classes sociais distintas, inseridos em diferentes fases da velhice, de escolaridade A ou B, com saúde/deficiências ou não, entre outros condicionantes, são diferenciadas e desiguais. Silva (2023) afirma que não considerar as interseccionalidades dificulta a identificação das necessidades de cada grupo social.

Nesse sentido, as representações sociais são fruto de tudo que os sujeitos pesquisados vivenciaram no curso de suas vidas. Estudar uma produção social sem considerar os recortes pontuados nos tópicos seguintes pode incorrer na homogeneização dos processos. Logo, pautar o estudo em indicadores sociais e de saúde é fundamental (PAIVA; BENEDITO; CAVALCANTE, 2023).

Outrossim, serão expostos e discutidos os resultados advindos com o segundo instrumento aplicado para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada. A partir da sua análise, foi possível aprofundar o conhecimento sobre as representações sociais sobre as TDIC por pessoas idosas, por intermédio da triangulação dos dados com as narrativas.

4.1 Caracterização sociodemográfica das pessoas idosas

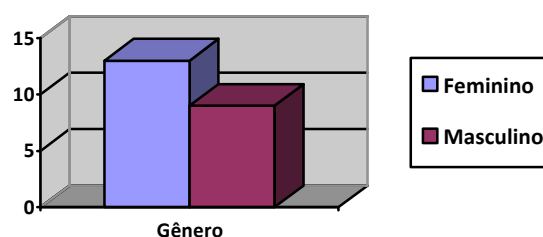
Para fomentar uma apreensão mais eficiente sobre as análises propostas sobre o objeto pesquisado, consideramos como universo da pesquisa o total de indivíduos acima de 60 anos, usuários do Serviço Social da instituição pesquisada, nos últimos sete anos. Esse critério cronológico se deu devido ser o registro temporal que o setor possui. Assim, até o momento da pesquisa, contávamos com 87 pessoas idosas, das quais 22 destas (25,3%) participaram da pesquisa, respondendo ao questionário e à entrevista.

Com vistas a permitir uma melhor visualização dos dados quantitativos, optamos por apresentar gráficos que, por sua estética simples, ilustram os resultados encontrados e possibilitam uma melhor leitura dos elementos questionados.

4.1.1 Gênero

Em uma população total de 22 sujeitos da pesquisa, 13 (59%) declararam-se do gênero feminino e 9 (41%) declararam-se do gênero masculino. Os dados podem ser observados na Figura 6 e no quadro abaixo.

Figura 6 – Figura da distribuição dos sujeitos por gênero



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Feminino	59%	13
Masculino	41%	9
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

Observamos certa disparidade entre os participantes com relação ao gênero, constatando uma predominância de pessoas idosas do sexo feminino. A presença quantitativa de mais mulheres do que homens na população acontece no mundo todo, inclusive no Brasil, com exceção dos estados do Acre, Rondônia, Roraima e Tocantis (BRASIL, 2023).

Esse resultado sugere que a relação de gênero encontrada na pesquisa acompanha o da população brasileira e, especificamente, do município pesquisado. Segundo dados do IBGE (2021), há 109.045.796 de mulheres na população brasileira (ou seja, 51,1% do total da população), enquanto 104.271.843 de homens (ou seja, 48,9%). Especificando para o município de São José dos Campos, esta proporção é de 321.297 mulheres (51%) para 308.624 homens (49%) do total da população municipal (IBGE, 2010).

Os dados estatísticos supramencionados refletem o que pontua Neri (2007), ao afirmar que as mulheres são mais longevas, estão numericamente mais presentes na população e, em virtude do processo de transição de gênero, prevê-se que a feminização do envelhecimento se

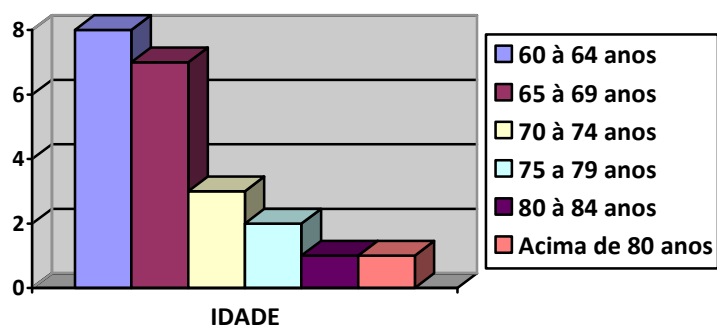
tornará mais nítida até 2050. Além disso, elas têm uma expectativa de vida maior do que os homens, sendo 80 anos para as mulheres e 73 anos para os homens, conforme dados do IBGE (2022).

Daniel *et al.* (2016) utilizam o termo “olhar genderizado” para tratar de concepções diferenciadas entre homens e mulheres idosas, sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas. Esse termo é relevante em nossa pesquisa por seu universo experimentar um processo de envelhecimento heterogenicamente condicionado pelo contexto e pela cultura. Os dados por gênero nos ajudam a compreender que os processos sociais não são uniformes entre homens e mulheres, visto assumirem papéis assimétricos na sociedade. Por isso, cabe entendermos essa variável sociológica.

4.1.2 Idade

O segundo elemento levantado na pesquisa sociodemográfica foi a idade dos sujeitos pesquisados. Consoante a Lei 10.741/2003, pessoa idosa é o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos. Assim, nessa pesquisa, a variação de idade e de fases da velhice das pessoas idosas pesquisadas circunscreveu-se, respectivamente, na janela temporal da Figura 7 e na janela representacional do quadro a seguir:

Figura 7 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por idade



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
60 à 64 anos	36%	8
65 à 69 anos	32%	7
70 à 74 anos	14%	3
75 à 79 anos	9,5%	2
80 à 84 anos	4,5%	1
Acima de 85 anos	4,5%	1
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

A média de idade das pessoas idosas à época da aplicação do questionário era de 68 anos. Mais especificamente, três idosas (14%) tinham 60 anos, um idoso (4,5%) disse ter 62 anos, uma idosa (4,5%) declarou ter 63 anos, três pessoas idosas (14%) afirmaram ter 64 anos, três pessoas idosas (14%) tinham 65 anos, uma idosa (4,5%) disse ter 66 anos, um idoso (4,5%) declarou ter 67 anos, um casal (9%) de idosos afirmou ter 69 anos, um idoso (4,5%) afirmou ter 71 anos, uma idosa (4,5%) informou ter 73 anos, um idoso (4,5%) esclareceu que tinha 74 anos, uma idosa (4,5%) disse ter 76 anos, uma idosa (4,5%) declarou ter 77 anos, um idoso (4,5%) afirmou ter 80 anos e, por fim, um idoso (4,5%) disse ter 85 anos.

Percebemos que a janela representacional da idade dos sujeitos da pesquisa está enquadrada majoritariamente na primeira fase da velhice, que corresponde à idade de 60 a 64 anos. Dados da pesquisa de Meireles (2016), mostram que 51% dos sujeitos por ele pesquisados estavam também inseridos na faixa etária de 60 a 64 anos de idade, enquanto 27% dos sujeitos estavam na faixa etária de 65 a 69 anos de idade e 22%, tinham idade igual ou superior a 70 anos.

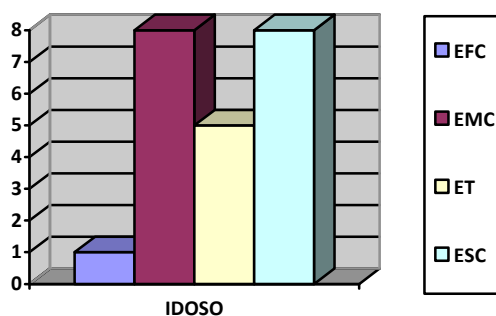
Esse resultado pode estar vinculado ao maior número de idosos presentes na terceira idade, que corresponde a 12,50% de seniores com idade de 60 a 79 anos, em relação à população brasileira, contra apenas 2,16% de anciões na quarta idade, ou seja, com idade acima de 80 anos, de acordo com fontes do IBGE (2021).

É importante destacar que, a população mais crescente entre as pessoas idosas, atualmente, é a dos mais velhos, isto é, as pessoas de 80 anos ou mais (BRASIL, 2023). Segundo Costa (2018), até 2050, esse grupo poderá quadruplicar, modificando a composição etária dentro do próprio segmento.

4.1.3 Escolaridade

Ao questionarmos os participantes quanto à escolaridade no ensino formal brasileiro, não houve grandes disparidades quanto aos níveis escolares entre eles, mas sim uma equivalência entre o número de pessoas idosas com ensino superior completo e o número de pessoas idosas com ensino médio completo. Assim, uma idosa (5%) tem o ensino fundamental completo, oito idosos (36%) possuem o ensino médio completo, cinco idosos (23%) possuem, além do ensino médio, curso técnico de aperfeiçoamento, e oito idosos (36%) concluíram o ensino superior, tendo, inclusive duas pessoas idosas (10%) doutoras como formação educacional.

Figura 8 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por escolaridade



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Ensino Fundamental Completo	5%	1
Ensino Médio Completo	36%	8
Ensino Técnico	23%	5
Ensino Superior Completo	36%	8
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

Esses resultados diferem dos encontrados na pesquisa de Meirelles (2016). A pesquisa dele traz o perfil das pessoas idosas de mais de 60 anos que usam a internet no Brasil, mostrando que 39% delas possuem o ensino superior completo, 33% concluíram o ensino médio e 28% possuem apenas o ensino fundamental.

A importância de se pontuar acerca desse elemento constitutivo da caracterização dos sujeitos da pesquisa é porque acreditamos, seguindo Silveira (2015), que junto às variáveis de saúde física e estilo de vida, é possível mensurar as diferenças significativas no desempenho cognitivo das pessoas idosas, a partir do elemento educação formal.

Além disso, a escolaridade é um dado importante para o estudo da velhice, pois permite compreender como influências culturais, interligadas ao aporte educacional do indivíduo, atuam no comportamento individual, contribuindo com a desmistificação da homogeneidade do envelhecimento e do desenvolvimento de uma sociedade (NERI, 2007). De acordo com Neri (2007, p. 117), “[...] sabe-se que quanto mais alto o nível de escolaridade, maior a probabilidade de preservação das capacidades intelectuais até idade avançada”. Logo, o nível de escolaridade possibilita melhores condições para o processo de ensino-aprendizagem de ferramentas tecnológicas pelas pessoas idosas.

É lógico que, conforme você vai estudando, se aperfeiçoando profissionalmente, você melhora e passa a usar mais (*a tecnologia*), mas isso depende de cada profissional, de cada um (Pessoa Idosa nº 12 – nunca cursou oficinas de informática).

No que diz respeito a esse fator, na concepção dos entrevistados do presente estudo, o nível de escolaridade de uma pessoa impacta na sua relação com as tecnologias digitais da informação e comunicação e na forma de uso dessas, como narrado pelo discurso de 18% dos pesquisados. Vejamos:

As pessoas que não sabem escrever, hoje, falam por telefone, por áudio e convivem tranquilamente. Por áudio, você entende melhor do que pela escrita. Da escrita, você acaba dando risada da pessoa (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

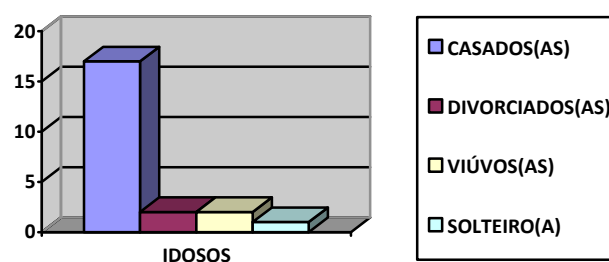
Eles (*peçoas com baixa escolaridade*) não sabem mexer direito (*nos aparelhos tecnológicos*), porque muitos são analfabetos. Eles não sabem ler. Podem até saber mexer no básico, mas têm outros que não, e é isso aí que limita. Os idosos mais velhos gostam mais de televisão, porque não tem o que aprender a mexer, igual tem no celular. Eles não vão atrás de aprender, porque não sabem ler, aí ficam só com a TV mesmo, ou tem aquele celular que serve só para ligar e desligar (Pessoa idosa n° 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Há também o analfabeto, as pessoas que não têm conhecimento de utilizar, não tem dinheiro e nem o recurso intelectual para usar (*aparelhos tecnológicos*). Em 100%, eles não usam [...]. Tenho funcionários aqui no condomínio que não tiveram a oportunidade de ter conhecimento, eles só mandam mensagens por áudio. Se você escrever algo, não adianta, mas eles usam o áudio, têm acesso e resolve, de forma parcial, o problema (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Conforme as transcrições acima, o grupo pesquisado entende que quanto menor o nível de escolaridade, mais difícil é usufruir das possibilidades trazidas pelas diversas ferramentas tecnológicas, limitando, inclusive, as pessoas a aparelhos que exigem pouco entendimento para o uso. Ao passo que, reconhecem que essas mesmas ferramentas, que podem acabar se tornando instrumentos de exclusão para certos grupos, possuem recursos que acabam sendo utilizados pelos menos desprovidos de estudo como estratégia para minimizar as limitações na apropriação dos equipamentos tecnológicos. Isso seria fruto do baixo nível de escolaridade. Pontuam ainda os ganhos promovidos por esses recursos para a sociabilidade.

4.1.4 Estado civil

Sobre o mapeamento do estado civil dos sujeitos da pesquisa, evidenciamos que os idosos são, predominantemente, casados, sendo 17 (77,5%) deles incluídos nesse estado civil. Ainda, dois idosos são viúvos (9%), duas idosas são divorciadas (9%) e uma idosa (4,5%) informou ser solteira. Esses dados estão representados no Gráfico 9.



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Casados (as)	77,5%	17
Divorciados (as)	9%	2
Viúvos (as)	9%	2
Solteiros (as)	4,5%	1
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

Esse resultado faz interface com a convivência sociofamiliar, que será discutida no tópico subsequente. Ele pode se relacionar à qualidade de vida da pessoa, uma vez que pode trazer pontuações quanto aos sentimentos de solidão, abandono ou de realização pessoal. Cabe enfatizar que, conforme afirma Capitanini (2000), pessoas solitárias não são sinônimos de pessoas isoladas. As pessoas idosas podem ser integradas na família, na comunidade, estarem convivendo com outras pessoas, inclusive serem casadas e possuírem filhos, mas se sentirem solitárias, assim como pessoas que vivem sozinhas e possuem o hábito de se isolar não se sentem solitárias. Essa condição é totalmente particular de cada indivíduo. Logo, “[...] solidão e isolamento não são prerrogativas da velhice” (CAPITANINI, 2000, p. 29).

A variável estado civil abrange relações sociais de convivência e de afetividade e pode sofrer influências das TDIC, tanto positivamente, quanto negativamente. No que tange ao aspecto positivo, vejamos o posicionamento da Pessoa idosa nº 02:

Com essa tecnologia que os carros hoje em dia oferecem, a gente consegue viajar mais, aproveitar mais a nossa aposentadoria. Hoje, a gente pega o carro e vai visitar os parentes no Rio de Janeiro. A gente até já foi no Mato Grosso de carro só nós dois, como dois adolescentes apaixonados (Pessoa idosa nº 02 – nunca cursou oficinas de informática).

No que tange ao aspecto negativo, apresentamos as perspectivas que seguem:

[...] Meu esposo, por exemplo, passa o tempo todo no celular, só Deus sabe o que ele está assistindo, eu também não vou olhar (Pessoa idosa nº 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Há também os casais que não conversam mais. A gente vai para algum lugar e estão no celular. Acredito que em casa seja do mesmo jeito (Pessoa idosa n° 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Hoje eu estou aqui no quarto e o Eneas (*marido*) está na sala, eu não grito por ele, eu mando uma mensagem: “Oi, vem dormir”. Eu acho que hoje separa, que se a gente não tiver muito cuidado [...]. Eu acho que prejudicou a família, dentro de casa (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

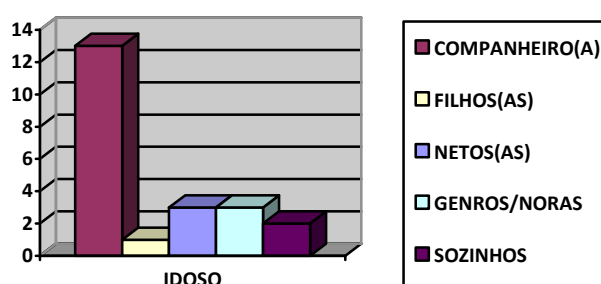
Também houve uma mudança de comportamento em relação ao sentimento das pessoas, elas se afastaram muito. Os sentimentos, acredito, se tornaram mais frios, evasivos. Você não sabe se aquilo que a pessoa está falando é de realidade ou simplesmente ela não tá bem [...], é subjetivo. Você não sabe se é verdade ou não, porque você não olha nos olhos, não ouve a voz. Você não tem relação com as pessoas [...]. É por isso que causa muita depressão nas pessoas, muita tristeza, porque você realmente se individualizou demais (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

Notamos que o grupo de pessoas idosas pesquisadas crê que as novas tecnologias digitais trazem cenários positivos e negativos para a convivência matrimonial. Uma parte enaltece a adoção de atitudes e de novos hábitos permitidos pelas possibilidades trazidas com o avanço da tecnologia, que acabam por promover a aproximação afetiva conjugal, como explanado na primeira narrativa deste item. Outra parte ressalta esse mesmo avanço tecnológico como responsável por produzir, em diversos níveis, afastamento físico e/ou emocional entre os cônjuges, dado os comportamentos mediados pelas tecnologias digitais assumidos pelos companheiros.

4.1.5 Residentes com quem?

Com intuito de levantar as situações de vivências sociofamiliares dos sujeitos pesquisados, o questionário investigou com quem as pessoas idosas moravam na ocasião da pesquisa. Os resultados foram: 13 pessoas idosas (59%) residem apenas com seu companheiro (a); uma idosa (4%) reside com seu companheiro e suas filhas; três pessoas idosas (14%) residem com seu companheiro(a), filhos(as) e netos(as); três pessoas idosas (14%) residem com seu companheiro(a), filhos(as), netos(as) e genro/nora; e duas pessoas idosas (9%) residem sozinhas, sendo uma idosa divorciada e um idoso viúvo. Em ambos os casos, os filhos já são crescidos e moram em outro domicílio. Esses dados encontram-se ilustrados na Figura 10.

Figura 10 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por residente



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Só com o companheiro	59%	13
Companheiro e filhos	4%	1
Companheiro, filhos e netos	14%	3
Companheiro, filhos, netos e genros (noras)	14%	3
Sozinho (a)	9%	2
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

A relação familiar nos estudos sobre velhice é recente na literatura. Foi a partir dos anos de 1970 que as questões sobre família e sociabilidade passaram a fazer parte desse repertório, motivadas pela expansão dos papéis sociais da mulher, que extrapolaram o âmbito doméstico. O peso das relações conjugais e do cuidado dos filhos é um ponto de destaque ao estudarmos família com pessoas idosas no Brasil. Isso porque casamento e reprodução se conectam à trajetória de vida desses sujeitos (NERI, 2007).

Segundo Neri (2007), a composição domiciliar de onde residem pessoas idosas no Brasil revela a questão de gênero, apresentando um recorte evidente entre os sexos. O idoso coabita com a esposa em 71% dos casos, enquanto a idosa coabita com os(as) filhos(as) em 57% das situações e apenas 15% das pessoas idosas afirmam morar sozinhas, sendo prevalente essa condição para as mulheres (SESC/FPA BRASIL, 2006). Essa realidade se justifica pelo fato de as mulheres optarem por não se casarem, na condição de viuvez, à medida que a idade avança. “Em todo o país aumenta o número de idosos que vivem sozinhos, principalmente mulheres, consequência do aumento da longevidade produzido pelos avanços sociais das últimas décadas” (NERI, 2007, p. 56).

Contudo, a realidade descrita acima não condiz com a condição de convivência familiar dos participantes dessa pesquisa. Na realidade, observamos um grupo de pessoas idosas com arranjos familiares compostos por outros membros residindo com elas, especialmente os cônjuges e, inclusive, com outros membros, em alguns casos, consanguíneos, em outros casos, não.

A partir da realidade das composições familiares dos participantes da pesquisa, identificamos que os pesquisados responsabilizam as TDIC pela fragilização dos vínculos familiares na atualidade, provada pela preferência das pessoas em gastarem seu tempo utilizando os equipamentos tecnológicos ao invés de ficarem socializando umas com as outras presencialmente.

Na convivência com meu marido e filhos, não chega a ajudar, mas sim a piorar. Às vezes, em reunião de família, eu digo que vou colocar uma caixa na porta de casa para, quando eles chegarem, deixarem o celular lá, porque é incrível, não tem conversa mais como antigamente, é todo o tempo no celular, direto. Eu acho isso ruim, porque é o momento que você tem para estar com a família e você fica no celular?! Antes dos celulares, era melhor, a gente se reunia e conversava mais. Hoje não, você acha que a pessoa está prestando atenção no que você está falando e a pessoa não está. Meu esposo, por exemplo, passa o tempo todo no celular. Só Deus sabe o que ele está assistindo. Eu também não vou olhar (Pessoa idosa nº 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Quando meus filhos vêm na hora do almoço, cada um fica no celular, fazendo não sei o quê. Quando eles estão, eu também fico. Digo que eu paro na hora que eles pararem. Mas, é extremamente deselegante a gente estar sentado na mesa e estar no celular (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Acabou a convivência, porque o pai fica no sofá mexendo no celular, nas redes sociais, a mãe do mesmo jeito, as crianças nos jogos, nem se falar mais dentro de casa se falam. Só não gosto muito dessa parte. Aqui em casa, é uma ordem, na hora do almoço não quero celular na mesa. Não sou contra você está no celular, vendo um filme na Netflix, mas almoçando?! Há momentos para isso. Para conversar, tem que soltar o celular e ouvir, tem que ser assim (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

Outra percepção trazida pelos sujeitos pesquisados é a de que esse afastamento social, como resultado do uso intenso das TDIC na rotina, não se deu apenas no seio familiar, mas, de forma geral, na convivência em sociedade. As pessoas estão cada vez mais conectadas virtualmente do que sintonizadas pessoalmente, preferindo, por vezes, interagir com os *smartphones*, por exemplo, em detrimento do diálogo e da aproximação física.

As pessoas ficam muito na internet e se distanciam dos outros, dos familiares. Em restaurantes, ônibus, as pessoas estão muito entretidas com o celular. Deveria haver mais um contato pessoal, pois é importante. Com esse distanciamento, as pessoas dão menos assistência para outras, para os familiares, os filhos (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Os jovens de hoje, a criançada, de modo geral, só vive de celular, de joguinho e outras coisas. As pessoas perderam a noção das coisas, ninguém fala com ninguém. Você chega hoje em um restaurante, o garçom traz o cardápio e a pessoa fica ali no celular. Hoje ninguém conversa com ninguém, ninguém mais dá atenção a ninguém, ninguém se comunica verbalmente, só usando o celular, eu acho ridículo! Quando quer chamar alguém aqui, é mandando mensagem pelo celular. Os casais hoje não

namoram, vão para uma pizzaria e ficam sentados no celular (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

Acho que a tecnologia, ao mesmo tempo em que ajuda você se aproximar de outras pessoas por causa da comunicação, ela também afasta um pouco. Quando você passa a usar mais dessa parte técnica, você se afasta mais das pessoas (Pessoa idosa nº 12 – nunca cursou oficinas de informática).

Cabe ressaltar a narrativa trazida por uma idosa solteira que relata a importância na sua vida de uma plataforma de vídeos *on-line*, onde os usuários podem acessar, criar e compartilhar conteúdos. No entendimento dela, o *YouTube* é uma das expressões das TDIC e graças a essa plataforma ela não se sente sozinha. Ela considera a referida tecnologia como uma “companheira”.

O *YouTube* me serve de companhia. A tecnologia é muito bacana para sua companhia, é minha companheira (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Alguns participantes sinalizaram para o fato de que a tecnologia foi um instrumento importante para diminuir o isolamento social durante a pandemia – em respeito às exigências sanitárias. Muitos relataram não se sentirem tão impactados pela ausência de familiares e amigos por usarem a internet, que foi significativa para reduzir o sentimento de afastamento e afogar as emoções produzidas pelo distanciamento social.

Eu fico doida quando estou sem meu *YouTube*. Nessa pandemia que está aí no mundo, eu não saberia o que fazer sem ele, ficaria uma vida vazia dentro casa. A tecnologia do celular é tudo. Usei muito do *YouTube* para ficar mais em casa e não sentir tanto do isolamento (Pessoa idosa nº 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Através do celular, eles (*os filhos*) colocavam retrato, os aniversários se passavam assim, porque eles não podiam vir para evitar se contaminar. Foi muito difícil, mas a tecnologia facilitou porque eu poderia ver eles pelo celular (Pessoa idosa nº 17 – nunca cursou oficinas de informática).

As tecnologias ajudaram a ter contato com familiares, os quais não pude visitar. Passei a ver minha neta, que nasceu depois do isolamento, por vídeos e chamadas (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

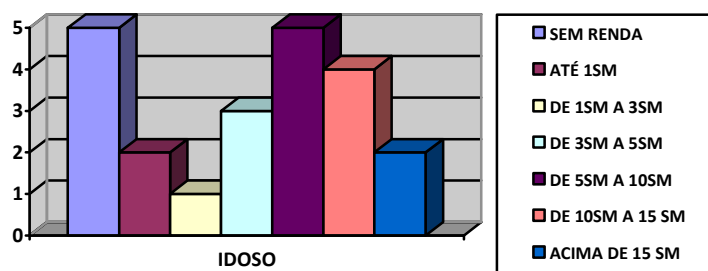
Pelas chamadas de vídeo, eu vejo meus netos e meus filhos. Só de você conseguir ver a pessoa, já melhora muito. Não é como se fosse uma carta. Essa chamada de vídeo aproxima pelo menos um pouco. Minha mãe mora no interior e às vezes eu fico um mês sem nem falar com ela, às vezes mando só mensagem. Então, vai se tornando normal essa comunicação através do WhatsApp (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Conhecer a realidade de inter-relacionamento no dia a dia das pessoas idosas alvos dessa pesquisa, notadamente no que concerne às pessoas com as quais compartilham o espaço doméstico, é importante por influenciar a forma como se relacionam com os outros e com o mundo. Como percebemos nas transcrições, essa questão envolve as TDIC e são sentidas de formas diferenciadas pelas pessoas idosas, havendo as que as identificam como parceiras e as que as visualizam como rivais do fortalecimento das relações afetivas.

4.1.6 Renda

Outro elemento catalogado junto às pessoas idosas pesquisadas foi a renda bruta. Os resultados foram, a saber: cinco idosas (23%) não têm renda; duas idosas (9%) têm renda de até um salário mínimo à época da pesquisa (R\$1.100,00), sendo uma por aposentadoria por idade e a outra por contribuição; uma idosa (4,5%) tem renda de até três salários mínimos (R\$3.300,00), sendo esta por aposentadoria por tempo de serviço; três pessoas idosas (13,5%) têm renda de três a cinco salários mínimos (entre R\$3.300,00 e R\$5.500,00), sendo todas provenientes de aposentadorias por tempo de serviço; cinco idosos (23%) possuem renda de cinco a dez salários mínimos (entre R\$5.500,00 e R\$11.100,00), todos soldos da reserva remunerada; quatro pessoas idosas (23%) possuem renda de dez a 15 salários mínimos (entre R\$11.100,00 a R\$ 16.500,00), sendo soldo da reserva remunerada ou aposentadoria por tempo de serviço mais o atual salário; e duas pessoas idosas (9%) têm renda acima de 15 salários (acima de R\$16.500,00), sendo proventos da aposentadoria por contribuição mais outras fontes de renda e soldo da reserva remunerada mais outras fontes de renda. O gráfico de referência a estes dados pode ser visualizado na Figura 11.

Figura 11 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por renda



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Sem renda	23%	5
Até 1SM	9%	2

De 1 SM a 3 SM	4,5%	1
De 3 SM a 5 SM	13,5%	3
De 5 SM a 10 SM	23%	5
De 10 SM a 15 SM	18%	4
Acima de 15 SM	9%	2
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

De acordo com a classificação de classe social do IBGE (2022), o resultado apurado mostra que 27% dos sujeitos pesquisados pertencem a classe A e B, 23% pertencem a classe C, 27% pertencem a classe D e E, e 23% não possuem rendimentos. A presente pesquisa difere da investigação de Meirelles (2016), que traça o perfil dos idosos brasileiros que acessam a internet. O perfil dos seus participantes revelou que: 76% dos pesquisados pertencem a chamada classe A e B, enquanto 23% pertencem a classe C, e 1% se encontrava na classe D e E.

Para Neri (2007), “as variáveis escolaridade e renda abrem uma janela para a compreensão do fenômeno da exclusão social, uma vez que elas são indicadores poderosos de posição social” (p. 73). Entendemos que quanto maior o nível intelectual construído pelo acesso aos estudos e ao ensino regular formal, mais chances há para se posicionar positiva e favoravelmente no sistema de produção capitalista de compra e venda da força de trabalho. Em consequência, existem mais chances de atingir os mais altos níveis de renda e assumir um bom status social nas primeiras classes.

Em concordância com a autora, uma parcela do grupo pesquisado entende que a condição socioeconômica assimétrica dos indivíduos coloca aqueles menos desprovidos de renda em desvantagem para acessarem as tecnologias por insuficiência financeira, seja para comprarem os equipamentos tecnológicos, seja para pagarem pelo acesso à internet.

A classe que tem mais condições vai ter melhor equipamento, melhor acesso, já a parcela que não condições, vai deixar de crescer, é uma desvantagem imensa (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

A televisão era uma revolução, era motivo de alegria para uns e tristeza para outros, nem todos iriam acompanhar a tecnologia, ela se referia à classe média. E a classe baixa? Como desvantagem, vejo que nem todos têm acesso, por causa da situação financeira (Pessoa idosa n° 16 – nunca cursou oficinas de informática).

Nessas aulas virtuais na pandemia, muita criança deixou de estudar porque além de não ter telefone, não tinha internet. Como uma pessoa pobre vai pagar internet? (Pessoa idosa n° 15 – já cursou oficinas de informática).

Simões (2019) associa a relação do consumo da internet com a questão da renda, indicando que as pessoas idosas são tanto as que menos a consomem, quanto as que menos têm renda. Para ele, elas estão em posição de desvantagem quanto à autonomia e ao consumo de produtos considerados essenciais.

As camadas mais carentes, com certeza, não têm acesso [...]. Tem uns que não sabem nem o que é um rádio, ou que até tem conhecimento do rádio, mas não usa porque não tem dinheiro para comprar. O recurso financeiro é o maior fator limitante (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

No entanto, o grupo pesquisado que abordou as limitações das pessoas às tecnologias por motivação de insuficiência de renda para acessá-las não se percebeu nesse nicho descrito por Simões (2019). Para os entrevistados, eles fazem parte da parcela da população com renda suficiente e são, em sua maioria, os provedores do domicílio, possuindo autonomia para acessarem o que lhes convier a partir dos seus proventos.

A condição financeira é um fator limitante para o uso adequado das tecnologias (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Às vezes as pessoas não conseguem dominar aquilo (*aparelho tecnológico*) porque elas não têm recursos, não têm materiais, como aquelas que não têm condições financeiras (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

Percebemos pelo exposto, que para 59% dos entrevistados, o fator renda tem relação direta com a aproximação das pessoas com as tecnologias digitais da informação e comunicação. Igualmente, a falta de condições financeiras limita o acesso das pessoas aos aparelhos tecnológicos e/ou às facilidades de adentrar no espaço virtual.

4.1.7 Ocupação

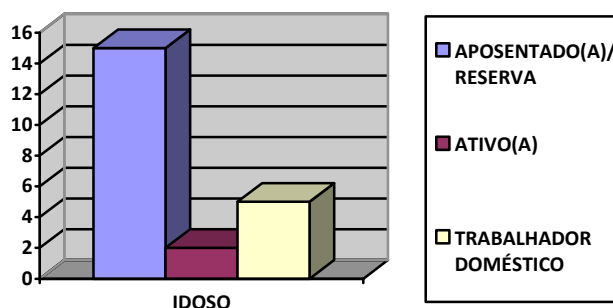
Outro elemento fundamental para a análise sociodemográfica dos sujeitos dessa pesquisa é a definição de ocupação para elas. Dizemos isso, porque colher informações que demonstrem a participação do ser humano no mundo do trabalho ajuda a compreender a familiaridade ou não com as TDIC.

Avaliar esse elemento nos ajuda a pensar em possibilidades de estudos futuros, uma vez que com o aumento da expectativa de vida nos próximos anos, provavelmente haverá uma extensão na idade para as aposentadorias. Isso implicará em mais tempo da vida dedicado ao

trabalho. Consequentemente, é provável a exigência de maior domínio das novas tecnologias digitais e dos avanços que elas proporcionarem.

No que se refere à condição de ocupação dos sujeitos pesquisados, sete pessoas idosas (32%) declararam ser aposentadas, sendo que apenas quatro são por tempo de serviço; oito idosos (36%) informaram estar na reserva remunerada; duas idosas (9%) encontram-se, até o presente momento da pesquisa, trabalhando formalmente; e cinco idosas (23%) são trabalhadoras domésticas, ocupação popularmente conhecida por trabalhos destinados aos serviços doméstico sem remuneração.

Figura 12 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por ocupação



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Aposentado(a)/Reserva	68%	15
Trabalhador doméstico	23%	5
Ativo (a)	9%	2
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021)

Os dados acima correspondem aos da pesquisa SESC/FPA do BRASIL (2006), quando apresentou o evento aposentadoria para 65% das pessoas. No entanto, não podemos afirmar a mesma correspondência entre as pesquisas, quando nos referimos à relação entre gênero e trabalho formal. Na pesquisa SESC, a implicação da aposentadoria foi bastante heterogênea entre os gêneros, atingindo 80% dos idosos homens contra 52% das idosas mulheres (NERI, 2007). Já em nossa pesquisa, houve uma relação mais homogênea dessa relação, haja vista que, dos 68% aposentados (as) e na reserva remunerada, 60% são idosos homens e 40% são idosas mulheres.

No que tange à relação das TDIC com o trabalho, os sujeitos pesquisados trouxeram em seus discursos suas experiências de primeiro contato com elas ou situações de prevalência delas nas atividades laborais. Isso pode ser verificado no posicionamento dos participantes abaixo:

Quando eu trabalhava, eu achava muito estranho os equipamentos que eu trabalhava. Eu via aquela canetinha com laser e eu achava muito interessante aquilo ali. Boa parte do meu trabalho era com laser e, quando chegou aquilo na fábrica, eu achei estranho (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Quando chegou o computador na seção que eu trabalhava, a gente teve que fazer uma capacitação para aprender a mexer. Eu participei dessa capacitação de uma semana há muitos anos (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu fui piloto. Então, a vida inteira sempre mexi e aprendi as primeiras noções de informática. Sempre tive contato com computadores de grande porte. Meu trabalho estava interligado com as TIC (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

O computador, por exemplo, entrou na minha vida por causa do trabalho. Tive que me adaptar também à parte da computação (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Me dei bem com elas (*as tecnologias*), pois passei a trabalhar na área administrativa e comecei a usar o computador. Meu chefe e minha colega me ensinaram a usar. Então, não tive tanto problema quanto a isso (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Usávamos o computador no trabalho, mas só para coisas específicas, tipo relatórios, informação da secretária de saúde, aprendizado e tudo mais (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Meu primeiro contato foi no trabalho. Comecei a usar o computador para programação e relatórios (Pessoa idosa nº 12 – nunca cursou oficinas de informática).

Quando eu comecei a trabalhar tinha somente o giz e o quadro. Depois veio a tecnologia. Ela desenvolveu bastante o aprendizado, ficou mais fácil a aprendizagem do aluno. A tecnologia trouxe muita coisa boa, tornou as coisas mais fáceis, a criança entende melhor. Depois veio a tecnologia do telefone, que melhorou muito nossa vida no trabalho, porque deixamos de ir para uma outra cidade, que ficava a 50 km da minha, para a gente fazer trabalho e quando não tinha esse telefone, tinha que vir um ofício. Muitas vezes ele vinha bolando e quando chegava, a gente até perdia a reunião, porque o ofício chegava atrasado. Aí chegou o telefone e melhorou muito, muito mesmo a nossa vida (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu trabalhava com construção civil. Eu precisava utilizar pesquisa de preços de materiais [...]. No quartel em que eu trabalhei, a internet era muito restrita, poucas pessoas tinham a senha para utilizar (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Entre as respostas, surgiu o tema do valor e da importância das tecnologias digitais para a esfera do trabalho. Para os sujeitos da pesquisa, o domínio sobre as TDIC disponíveis no tempo presente é fundamental para concorrerem no mercado de trabalho em igualdade e serem bem-sucedidos nos espaços laborais.

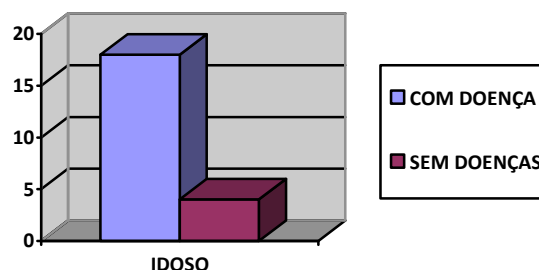
Quem está começando a trabalhar, com certeza, sem tecnologia ninguém consegue sucesso na profissão, ela está muito vinculada ao mundo do trabalho [...] (Pessoa idosa n° 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Esse dado esteve presente nos discursos gravados de forma massiva. Com efeito, 100% das pessoas idosas aposentadas por tempo de serviço e na reserva, bem como a idosa que estava na ativa, até o momento da entrevista, tiveram suas primeiras experiências tecnológicas (nas suas percepções), no ambiente de trabalho e usando as ferramentas modernas, inicialmente, no ambiente profissional.

4.1.8 Saúde

Quando os sujeitos da pesquisa foram indagados sobre a presença de doenças diagnosticadas, 18 pessoas idosas (82%) possuem pelo menos uma doença e apenas quatro pessoas idosas (18%) afirmaram não possuir doença alguma, conforme vemos na Figura 13. Conseqüentemente, elas não fazem uso de nenhum tipo de medicamento controlado, como ilustrado na Figura 14:

Figura 13 – Gráfico da distribuição dos sujeitos diagnosticado com doenças



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Com doenças	82%	18
Sem doenças	18%	4
Total	100%	22

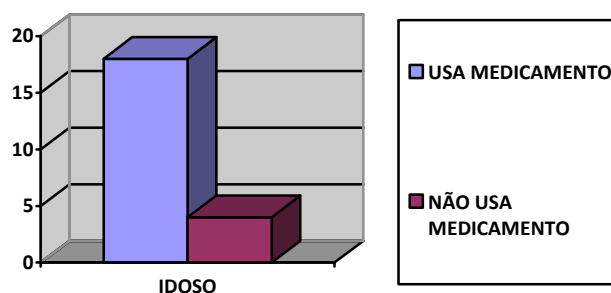
Fonte: O próprio (2021).

Como 82% das doenças listadas são crônicas e exigem acompanhamento contínuo, elas demandam o uso de medicação. Segundo Neri (2007), essa evidência confirma os estudos que apontam o aumento do uso de medicamentos com o avanço da idade.

Esse dado coincide com a pesquisa SESC/FPA do BRASIL (2006), que mostra que o gasto com remédios ocupa a terceira colocação nas despesas domésticas das pessoas idosas,

atingindo a realidade de 59% dos sujeitos pesquisados: 62% idosas e 54% idosos. Isso ratifica que o processo de envelhecimento genderizado é heterogêneo. Em contrapartida, as mulheres buscam mais os serviços de saúde, realizam mais exames e fazem mais prevenção do que os homens.

Figura 14 – Gráfico da distribuição dos sujeitos que fazem uso de remédios



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Usa medicamento	82%	18
Não usa medicamento	18%	4
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

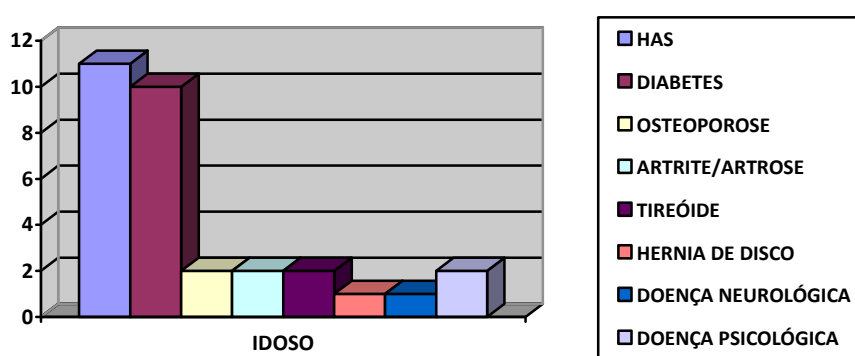
Torres *et al.* (2022) discorrem sobre o fato de que o perfil epidemiológico dos adoecimentos da população mundial está em transição, incluindo o Brasil. O aumento da incidência e da prevalência de doenças que antigamente tinham seu estado como agudo, levando à morte ou à cura, agora passaram ao estado crônico - dado os longos períodos de convivência das pessoas com essas enfermidades. As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) se tornaram as principais causas de morbimortalidade no mundo, quais sejam: as doenças cardiovasculares, cânceres, doenças respiratórias e diabetes.

Na população longeva, a presença dessas doenças ou multimorbidades é marcante, devido a maior exposição aos fatores de risco por um maior período. Diante disso, essas doenças são consideradas uma questão de saúde pública. Suas consequências são: o prejuízo na qualidade de saúde desse grupo, o aumento das limitações e das incapacidades e, por vezes, os principais causadores de mortes prematuras. Na verdade, cerca de 63% no mundo e 72% no Brasil das pessoas idosas falecem por enfermidades agravadas pelas DCNT (TORRES *et al.*, 2022).

A população da nossa pesquisa, ao enumerar a incidência de suas doenças diagnosticadas, deixou claro que segue o dado acima de que os seniores costumam apresentar multimorbidades, haja vista 45,4% dos entrevistados declararem possuir duas ou mais DCNT.

A frequência das DCNT encontrada nesse público é: 11 pessoas idosas (50%) possuem hipertensão arterial sistêmica; 10 pessoas idosas (45%) possuem diabetes; duas pessoas idosas (9%) possuem osteoporose; duas pessoas idosas (9%) possuem artrite e artrose; duas idosas (9%) possuem problemas funcionais na tireóide; uma idosa (4,5%) tem problema de hérnia de disco; um idoso (4,5%) tem diagnóstico de doença neurológica, Parkinson; e duas idosas (9%) são diagnosticadas com doença psicológica, sendo uma ansiedade e a outra transtorno compulsivo por acumulação.

Figura 15 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por doenças diagnosticadas



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
HAS	50%	11
Diabetes	45%	10
Osteoporose	9%	2
Artrite/Artrose	9%	2
Tireoide	9%	2
Hérnia de disco	4,5%	1
Doença neurológica	4,5%	1
Doenças psicológicas	9%	2
Total		22

Fonte: O próprio (2021).

Os resultados encontrados vão ao encontro da pesquisa SESC/FPA do BRASIL (2006) e dos estudos de Torres *et al.* (2022) sobre as incidências das principais DCNT nas pessoas idosas brasileiras. Segundo a primeira pesquisa, o topo do ranking pertence à hipertensão arterial, com 43% de incidência na população; seguida da diabetes, com 13% de incidência; da artrose/problemas articulares, com 11% de incidência; e da osteoporose, com 9% de incidência. Cabe dizer, ainda, que a incidência de todas as doenças listadas é maior no gênero feminino do que no masculino (NERI, 2007).

De acordo com Neri (2007), a hipertensão arterial sistêmica e a diabetes representam os dois principais fatores para doenças cardiovasculares, principal causa de morte no Brasil (28,2%). Além disso, essa autora recorda que a hipertensão não deve ser considerada uma

consequência normal do envelhecimento e os problemas articulares não devem ser associados automaticamente aos velhos, pois existem doenças dessa natureza que atingem, inclusive, recém-nascidos.

Atitudes de portadores de DCNT poderiam controlar de forma responsável o desenvolvimento das doenças, como: a disciplina e o conhecimento sobre o tratamento adequado. É indispensável associar às atitudes comportamentais deles, as ações proativas e à assistência à saúde de qualidade, por intermédio de ações preventivas e promocionais, ou seja, acompanhamentos constantes das doenças com auxílio de profissionais competentes e adoção de tecnologias nos cuidados (TORRES *et al.*, 2022).

Devemos considerar que os atuais veículos de comunicação (sites de revistas, jornais *on-line*, vídeos, matérias e artigos virtuais, entre outros) forneceram às pessoas idosas a possibilidade de adquirir informações e novos conhecimentos sobre o acompanhamento de suas doenças. Essa situação surge nos relatos abaixo, quando os entrevistados pontuam a importância das TDIC nas suas vidas e como essas influenciam sua qualidade de vida e bem-estar.

[A tecnologia] [...] me proporciona bem-estar [...] A tecnologia, no momento, é de primordial necessidade, e graças a ela nós estamos sobrevivendo à pandemia (Pessoa idosa nº 09 – já cursou oficinas de informática).

Hoje você entra no jornal e as notícias estão lá. Ela (*a tecnologia*) influencia muito a buscar mais informações, a estudar. Hoje eu me informo muito mais, tenho muito mais informação no meu dia a dia por conta do acesso ao celular (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Você tem todas as informações imediatamente através de todos esses meios de comunicação, quais sejam: internet, TV, rádio e tudo mais. Coisa que, no passado, não tínhamos nada de tecnologia, nada de informação, era quase que só de boca a boca e hoje não. Você tem todas as informações que está acontecendo no mundo, chega para você e de imediato (Pessoa idosa nº 02 – nunca cursou oficinas de informática).

A tecnologia serve para seu trabalho manual, seu trabalho educativo, de aprendizagem, para a sua alimentação, para seu relaxamento, sua cultura e até exercício físico. Eu faço exercício físico pelo *YouTube* [...]. Realiza também seu trabalho psicológico. Eu faço terapia e tudo pelo celular ou computador (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

A análise da condição de saúde dos sujeitos pesquisados é de fundamental relevância para o estudo da relação das pessoas idosas com as tecnologias, tendo em vista que o progressivo aumento das doenças não transmissíveis é consequência da urbanização e da sociedade moderna, o que pode impactar na autonomia e na independência dos seniores, comprometendo o bem-estar na velhice (NERI, 2007, p. 191).

Todavia, essa condição pode ser positivamente influenciada pelo manuseio dos aparatos tecnológicos, usando-os a favor de medidas preventivas e protetivas de declínios cognitivos, como bem explanadas nas seguintes falas:

Sim, eu aprendi [a] fazer costura no *YouTube*. Quando eu não estou fazendo nada, eu vou para o *YouTube* aprender (Pessoa idosa n° 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu jogo bastante jogos interativos também, para trabalhar a mente e para o lazer (Pessoa idosa n° 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho que porque puxa mais para sua mente, para você ser mais criativo. Às vezes, você está pensando ‘como que fazia isso, eu sabia fazer e agora eu não estou acertando’. Aí você vai lá e acessa a informação e descobre como faz de novo. Para a memória, foi muito bom, o melhor que a tecnologia ajudou (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

O que me motiva a ir atrás das tecnologias é o conhecimento. Eu estando fazendo isso aqui, eu estou prosperando minha vida, a minha mente, eu estou crescendo minha mente que estava apagando as lembranças, a memória. E eu percebo que minha mente fica mais resistente (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Em paralelo, os entrevistados relatam dificuldades na apropriação das tecnologias por sentirem os impactos da redução nas capacidades físicas e cognitivas associadas ao envelhecimento, como mostram os excertos abaixo:

Eu não decoro tão rápido, mas eles (*as TDIC*) são ligeiros, tem que ser devagar para eu poder acompanhar (Pessoa idosa n° 16 – nunca cursou oficinas de informática).

A gente além de não ter o conhecimento, a gente também não consegue acompanhar bem, porque é uma rapidez de informação, é muita informação, a gente esquece (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

Vale ressaltar que essa percepção não é unânime entre os participantes, haja vista a ausência de sentimento de pertencimento ao grupo das pessoas idosas por alguns, imputando aos outros os desafios da velhice associada à apropriação das TDIC.

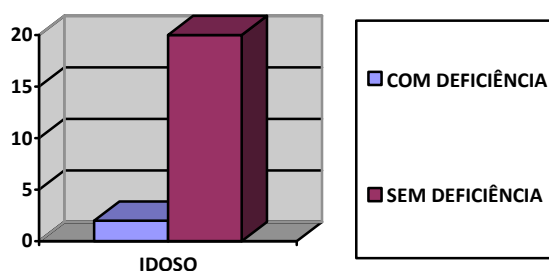
Aqueles de idade bem mais avançada já não conseguiriam (*avançar*) por causa da parte motora, a parte neurológica. É muito dificultoso aprender, ela (*a pessoa idosa*) é lenta, ela demora mais para aprender, teria que ser uma pessoa exclusiva para ela (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Até porque a própria medicina fala que o idoso é mais lento no raciocínio. Ele, se não tiver Alzheimer, tem alguma tendência a ser mais devagar, aí começa a perder a memória um pouco, e, para ele, é mais fácil se limitar, pensar que tem o filho ou o neto do lado para fazer por ele, é mais cômodo para ele, mas também não é porque ele quer, é porque o corpo dele pede calma, pede paz, pede tranquilidade, pois se

sente cansado. Para mim, no início foi assim (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Por fim, perguntamos os sujeitos da pesquisa quanto à existência de alguma deficiência diagnosticada, seja ela: física, mental, sensorial ou intelectual, sendo identificada a presença de duas pessoas idosas (9%) com deficiência sensorial, um idoso com deficiência visual e uma idosa com deficiência auditiva. Situação explanada na Figura 16.

Figura 16 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por deficiências diagnosticadas



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Com deficiência	9%	2
Sem deficiência	91%	20
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

A questão da deficiência nos permite compreender como os processos de comunicação, por exemplo, podem ou não ser facilitados e/ou dificultados pelas novas tecnologias modernas. O interessante é que os próprios sujeitos da pesquisa mostraram essa possibilidade:

O problema é no meu ouvido. Eu não entendo muito ao conversar com a pessoa no telefone. Se eu uso aparelho enquanto converso pelo telefone, dá uma microfonia. Então, eu evito. Quando me mandam viva-voz, eu não escuto direito. Então, mando mais mensagem (Pessoa idosa nº 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não tenho facilidade em manusear um celular ou um computador, devido a minha visão. Então, eu sinto dificuldade. Mensagem não é comigo, principalmente por causa da visão. Tenho *whatsApp*, mas uso pouco. Uso mais mandando mensagem só por voz. Mando áudio porque não consigo enxergar direito as letrinhas pequenas (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

A própria tecnologia veio para ajudar com aqueles fatores limitantes, como as pessoas que têm necessidades especiais, com deficiência auditiva, visual e muitas outras (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Em suma, sobre os aspectos de saúde, doença, deficiência, bem-estar e qualidade vida, observamos, que o grupo de pessoas idosas pesquisadas é motivado a usar cada vez mais as

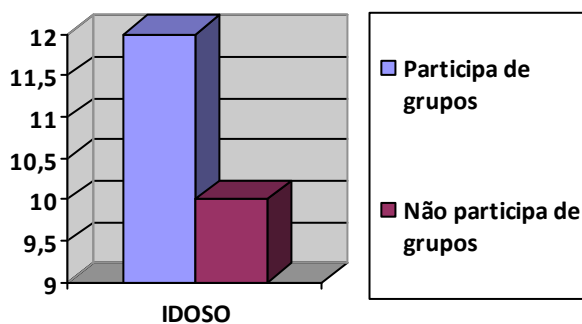
tecnologias digitais pela condição que essas permitem ao acesso de informações atualizadas sobre os aspectos mencionados, promovendo novas atitudes comportamentais que melhoram suas vidas.

Outrossim, as pessoas idosas assumem atitudes de usuários da *web*, plataformas *online*, aplicativos e afins com vistas ao entretenimento e ao lazer, que funcionam como ferramentas para o exercício cerebral, contribuindo para mitigar o declínio cognitivo, bem como estimulá-lo. Além disso, o estudo da categoria saúde mostrou os valores assumidos pelas TDIC para as pessoas idosas, uma vez que as tecnologias são incorporadas como estratégias de comunicação em razão das limitações biofisiológicas.

4.1.9 Convivência sociocomunitária

Ao questionarmos os entrevistados sobre a participação deles em grupos de convivência e/ou em programas e projetos sociais da esfera federal, estadual ou municipal antes da pandemia da covid-19, 12 (55%) pessoas idosas afirmaram frequentar grupos sociais, em contrapartida a 10 pessoas idosas (45%) que disseram não participar com assiduidade de nenhum grupo. Esses dados são apresentados na Figura 17.

Figura 17 – Gráfico da distribuição dos sujeitos por participação em grupos de convivência



Opções de Respostas	Respostas em %	Respostas em Quantitativo
Participa de grupos	55%	12
Não participa de grupos	45%	10
Total	100%	22

Fonte: O próprio (2021).

Ao contrário da relação sociofamiliar, que é marcada por princípios de obrigação e responsabilidade, a esfera sociocomunitária põe em relevo a escolha pessoal. As redes de amizades que os grupos de convivência possibilitam têm papel fundamental na sociabilidade

das pessoas idosas. “O bem-estar emocional e psíquico melhora quando os idosos mantêm vínculos, em primeiro lugar, com amigos, uma vez que os relacionamentos são de livre escolha” (NERI, 2006, p. 149). Exemplo disso consta no relato da Pessoa idosa nº 09:

Eu participava do grupo de vocês por amor a vocês, aos meus amigos, porque eu gostava muito do pessoal do grupo, de conversar, de se encontrar, de bater-papo, eu vinha sempre porque eu dirigia e conseguia vir, agora sem carro que vai ficar difícil.

Esse elemento constitutivo da caracterização dos sujeitos da pesquisa está legislado no artigo 230, da Constituição Federal de 1988; no inciso V, do § 1º do artigo 10 do Estatuto da Pessoa Idosa (1993), bem como na Política Nacional de Assistência Social (2004) como uma das seguranças afiançadas pela proteção social básica.

A segurança do convívio é uma das necessidades a ser preenchida pela política de assistência social. Isto supõe a não aceitação de situações de reclusão, de situações de perda das relações. É próprio da natureza humana o comportamento gregário. É na relação que o ser cria sua identidade e reconhece a sua subjetividade. A dimensão societária da vida desenvolve potencialidades, subjetividades coletivas, construções culturais, políticas e, sobretudo, os processos civilizatórios. As barreiras relacionais criadas por questões individuais, grupais, sociais por discriminação ou múltiplas inaceitações ou intolerâncias estão no campo do convívio humano. A dimensão multicultural, intergeracional, interterritoriais, intersubjetivas, entre outras, devem ser ressaltadas na perspectiva do direito ao convívio (PNAS, 2004, p. 31).

Em consonância com o disposto na Lei Orgânica de Assistência Social (1993), capítulo II, seção I, artigo 4º, a PNAS (2004) rege-se pelos seguintes princípios democráticos e objetivos, respectivamente: “Respeito à dignidade do cidadão, à sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como à convivência familiar e comunitária, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade” (p. 32) e “Assegurar que as ações no âmbito da assistência social tenham centralidade na família, e que garantam a convivência familiar e comunitária” (p. 34).

Não obstante, apesar do direito social à convivência comunitária viabilizado às pessoas idosas, a pesquisa do SESC/FPA BRASIL (2006) mostra que 64% dos seniores pesquisados afirmaram não conhecer nem participar de grupos. Esse dado se aproxima ao que foi revelado em nossa pesquisa. Vale ressaltar que, das 12 pessoas idosas que afirmaram participar de grupos de convivência, sete se referiram a grupos voltados especificamente para o público pessoa idosa. Na verdade, todos os participantes são frequentadores do projeto promovido pela instituição pesquisada: a Oficina de Informática para Terceira Idade.

O aspecto sociodemográfico, estudado no instrumento: Questionário da pesquisa, também perpassa pelo descritor de análise da tecnologia da informação e comunicação ao compreendermos como sua presença e/ou ausência impacta na convivência sociocomunitária dos sujeitos pesquisados. A narrativa dos entrevistados abaixo revela esse fato:

Gosto de andar daqui para ali, de me sentar, ficar num bar conversando, meu negócio é conversar! De manhã, me junto com os coroaos para conversar, tudo pessoalmente, se eu puder presencial, eu vou presencial (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

A gente se comunicava com a igreja e o pessoal pelo celular (Pessoa idosa n° 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu vejo a minha mãe de 85 anos que vive mexendo no *whatsApp*. Acho que isso ajudou muito na velhice deles (*as pessoas idosas*), é como se estivessem antigamente numa casa de repouso conversando com os amigos. Acho que eles se sentem assim ali, passando um *whatsApp* para um e para outro. Acho que na parte da tecnologia com o idoso melhorou muito nessa parte aí, porque tirou muito ele de ficar isolado da sociedade (Pessoa idosa n° 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Torres *et al.* (2022) explanam sobre os desafios das interações familiares e sociais entre as pessoas de diferentes gerações com o avanço das novas tecnologias. Inferimos que, para esses autores, os hábitos, valores e comportamentos diferenciados de cada tempo histórico e social impactam na promoção da convivência saudável e solidária entre as pessoas mais velhas e as mais jovens.

4.2 Análise das entrevistas com as pessoas idosas

Para gerenciar os dados qualitativos com eficiência e agilidade no processo de codificação do *corpus* textual de análise, produto das entrevistas semiestruturadas realizadas no presente estudo, transcrevemos os conteúdos narrativos e os tratamos pelo *software* IRAMUTEQ. Ele auxiliou na organização, separação e categorização dos dados coletados, gerando as classes de significados ou classes de palavras, que possibilitaram a análise estatística do material. Esse posteriormente sistematizou os discursos dos sujeitos da pesquisa com vistas à construção da síntese interpretativa da análise de conteúdo.

4.3. Preparação para análise

Por meio do *software* IRAMUTEQ, a distribuição do vocabulário pode ser organizada de forma facilmente compreensível e visualmente clara com representações gráficas pautadas nas análises lexicográficas, permitindo a análise predominantemente qualitativa dos dados. Classificamos 787 segmentos de textos, dos quais 760 foram aproveitados, ou seja, 96,57% do total do *corpus*, considerado por Camargo e Justo (2013) um índice com bom aproveitamento de ST, haja vista os autores terem como referência de índice bom a partir de 75% de aproveitamento. Na interface de resultados apareceram alguns dados importantes à Classificação Hierárquica Descendente, conforme a Figura 18 mostra.

Figura 18 – Principais pontos da CHD a serem considerados

```

+--+--+--+--+--+
|i|R|a|M|u|T|e|Q| - Sun Dec 5 20:59:16 2021
+--+--+--+--+--+

Number of texts: 22
Number of text segments: 787
Number of forms: 3325
Number of occurrences: 26910
Número de lemas: 2070
Number of active forms: 1822
Número de formas suplementares: 239
Número de formas ativas com a frequência >= 3: 648
Média das formas por segmento: 34.193139
Number of clusters: 6
760 segments classified on 787 (96.57%)

#####
tempo : 0h 0m 23s
#####

```

Fonte: software IRAMUTEQ, 2021.

Analisando o resultado gerado pelo *software*, chegamos a seis classes, formadas a partir da relação dos textos processados e da apresentação de palavras homogêneas. Encontramos, assim, a força associativa quanto às ocorrências das palavras por meio de suas raízes e sua respectiva classe.

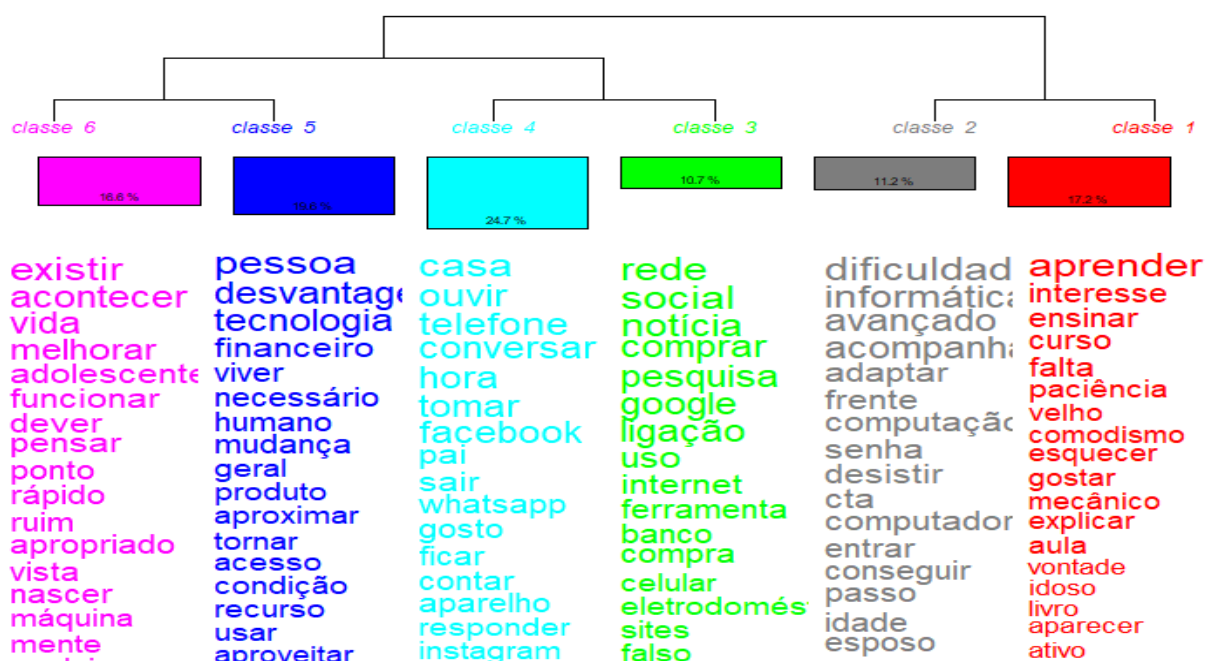
Vale ressaltar que o dendrograma gerado pelo IRAMUTEQ apresentou não só as classes, mas também a aproximação/distanciamento entre elas, uma vez que estão associadas entre si. Cada classe possui uma cor única, sendo padronizada em todos os gráficos produzidos pelo *software*. A leitura da figura, nesse caso, é feita de cima para baixo, visando a compreensão da relação entre as classes.

O *corpus* foi dividido em dois *subcorpus*, que estão em oposição. No primeiro obtivemos a classe 1, com 131 ST e a classe 2, com 87 ST, que correspondeu respectivamente

a 17,24% e 11,18% do total. No segundo *subcorpus* chegamos a uma segunda subdivisão, que englobou a classe 3, com 81 ST e a classe 4, com 188 ST, sendo 10,16% referente à classe 3 e 24,74% à classe 4 do total das ST. Da outra subdivisão, obtivemos a classe 5, com 149 ST, que corresponde a 19,61% das ST e a classe 6, constituída de 126 ST, e que concentra 16,58% das ST do *corpus* total.

O *software* proporcionou a obtenção do dendrograma, utilizando como procedimento o método Reinert (1990). Esse método é capaz de obter classes de segmentos de textos que, ao mesmo tempo, apresentam os vocabulários com maior porcentagem quanto à frequência média entre si e diferente entre elas (CAMARGO; JUSTO, 2013), como visto na Figura 19.

Figura 19 – Dendrograma com palavras com maior qui-quadrado (χ^2)



Fonte: *software* IRAMUTEQ, 2021.

Com base nisso, agrupamos as classes em pares e classificamos cada classe, a partir das interpretações das palavras nos segmentos de textos, possibilitando a contextualização de cada uma delas. Denominamos a classe 1 e 2 de **aprender** e **dificuldade**, respectivamente, em oposição à combinação das classes 3 e 4, chamadas de **rede social** e **casa**. Nomeamos, por sua vez, a combinação das classes 5 e 6, de **pessoa** e **existir**.

Por fim, o *software* disponibilizou um gráfico visual de uma nuvem de palavras, que permite uma análise lexical didática, já que agrupa palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência. Nele, a leitura parte do centro para as periferias da nuvem, conforme vemos na ilustração abaixo (CAMARGO; JUSTO, 2013):

4.4 Análise de dados do *corpus* textual

Após a etapa de processamento dos dados coletados, iniciamos a análise das seis classes fornecidas pelo *software* IRAMUTEQ, utilizando os preceitos da pesquisa qualitativa como base. Os segmentos textuais agrupados em cada classe foram lidos exaustivamente para compreendermos e nominarmos cada classe. Isso foi possível, apropriando-nos do processo de codificação dos dados anteriormente realizado para descrever o cenário das categorias de análise de conteúdo da pesquisa.

As informações coletadas serviram de base para apresentar como as descrições e os temas foram representados nas narrativas qualitativas, com o fito de extrair os significados dos dados. Os significados foram extraídos por meio de interpretação pessoal, sustentada na literatura consultada, à luz da teoria das representações sociais, após a análise das categorias, para apresentação dos resultados.

As inferências produzidas pelos sujeitos da pesquisa sobre o objeto pesquisado possibilitaram a análise dos processos representacionais em torno desse objeto. Para cada classe, o *software* gerou uma rede de palavras conectadas subjacentes às representações sociais construídas pelos sujeitos da pesquisa, que serviram como pano de fundo para elucidar os discursos produzidos. Na sequência, encontramos a análise das respectivas classes.

4.4.1 Classe 1 – APRENDER

A Classe 1 corresponde à 17,2% dos vocábulos e apresenta o terceiro maior número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados. Os vocábulos de maior frequência nesta classe foram, a saber: aprender, interesse, ensinar, curso, falta, paciência e velho, que juntos trazem à tona a interpretação das (des)motivações das pessoas idosas em aprender a usar as tecnologias digitais.

Identificamos nessa Classe dois eixos analíticos de abordagens para discussão. São eles: a justificativa de falta de tempo, ou interesse, ou paciência para aprender a usar equipamentos tecnológicos; e os ganhos na vida das pessoas idosas ao usarem as novas tecnologias digitais disponíveis.

De acordo com Almeida (2005), as representações sociais costumam justificar os comportamentos e os posicionamentos sociais de um indivíduo sobre um determinado objeto,

permitindo que eles consigam explicar e justificar suas ações e, inclusive, preservar o distanciamento social entre grupos diferentes.

Assim, o primeiro eixo apresentado para análise das representações sociais das tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas pode ser interpretado pelos discursos nos quais os sujeitos da pesquisa relatam suas (des)motivações em usarem as tecnologias digitais.

O senso comum, grosso modo, julga que a complexidade das tecnologias digitais é o único fator interventor da sua não utilização pelas pessoas idosas. No entanto, essa percepção incorre num erro de interpretação, caso consideremos os relatos dos participantes dessa pesquisa. Em suas palavras, a recusa ao uso das tecnologias digitais advém da criação de estratégias alternativas a elas, falta de interesse ou mesmo comodismo em superar as dificuldades de aprendizagem de algo novo e visto como difícil.

É o meu modo de ser. Há pouco interesse da minha parte em mexer nas tecnologias, a falta de conhecimento, falo por mim mesma. Há horas em que eu afasto, crio uma barreira e não deixo o conhecimento sobre elas entrar [...]. Não por falta de vontade, e sim de interesse, sei que é errado. Minha própria filha me diz isso, mas eu sou assim, eu não quero (Pessoa idosa n° 17 – nunca cursou oficinas de informática).

O que falta mesmo é interesse de me conectar com esse mundo (Pessoa idosa n° 02 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu nunca mais me interessei por nada, por motivo de sossego mesmo (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu ainda não me enquadrei nisso. Eu acredito que eu não me interesso por isso, por mim tanto faz, tanto fez (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

Eu não faço esses cursos por falta de tempo ou comodismo, eu não sei fazer, mas eu procuro alguém que saiba (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

O comodismo entra muito na gente, a gente se acomoda muito pelo fato de não estar mais disposto (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

Além das justificativas expressas acima, as pessoas idosas entrevistadas relataram falta de tempo, muitas vezes, associada à rotina das obrigações domésticas. Dito de outra forma, os participantes explicam que a desmotivação em não se apropriarem em sua plenitude das oportunidades que as tecnologias digitais ofertam surge pelo peso das obrigações/afazeres, sobretudo, do trabalho doméstico, que os impediriam de se dedicarem a algo novo e tão obscuro quanto às TDIC.

Eu, por exemplo, não me aproprio corretamente das tecnologias por falta de tempo e interesse. Minha vida é muito corrida, arrumando casa, fazendo faxina, comida, cuidando do meu marido, da minha lojinha aqui (Pessoa idosa n° 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não tenho interesse em fazer um curso de informática no momento, porque eu vou ter que ter um tempo para me dedicar e, para isso, vou ter que abrir mão de outras coisas, como: fazer exercício, cuidar da casa, sair com a família, ou seja, é o tempo que eu vou ter que dedicar e, para este momento, eu não tenho interesse aqui (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Para mim, eu não uso mais por falta de tempo, mas tenho interesse. Tenho que arrumar casa, fazer comida... Então, sobra pouco tempo no meu dia para isso (Pessoa idosa n° 10 – já cursou oficinas de informática).

Vale dizer que todos os participantes que relataram falta de tempo atrelada às obrigações domésticas são do gênero feminino, o que confirma a pesquisa de Costa (2018). Nela, a autora evidenciou que as atividades domésticas são praticadas principalmente por mulheres, como resultado de uma construção social e história sobre o papel da mulher na sociedade.

Há, ainda, o fator falta de paciência em aprender coisas novas, especialmente a manusear e a se apropriar das ferramentas tecnológicas. As pessoas idosas entrevistadas relacionaram essa falta de paciência à idade avançada, fortalecendo o idadismo e corroborando a condição de velhice estigmatizada como uma etapa de vida desvantajosa, motivada pela aquisição da característica impaciência e de incapacidades físicas e psicológicas, como expresso nas falas a seguir:

Eu percebo que hoje, porque estou mais velha, falta paciência de pegar e fazer [...]. Eu também não quero. Eu acho chato ter que aprender essas coisas. Acho legal para quem sabe, mas para mim não [...], porque a cabeça dessas pessoas mais velhas já está cansada. Elas não têm o mesmo pique. Quando chega mais ao final da vida, elas não têm mais força. Há idosos bem idosos. Há os mais ativos, mas é mais difícil (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

Eu to perdendo mesmo o interesse, será que eu to ficando é velhinha mesmo, Larissa? (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Se você explica uma coisa para ela (*uma idosa*), daqui a pouco, ela não sabe mais o que você explicou, tem vergonha de falar que não sabe, que não entendeu, então, prefere deixar como está mesmo (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

A gente também não consegue acompanhar bem, porque é uma rapidez de informação, é muita informação para nossa cabeça, a gente esquece (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

Quando analisamos a justificativa de falta de paciência da pessoa idosa para o não uso das novas tecnologias disponíveis, percebemos que, na verdade, essa falta de paciência em

aprender é reflexo ou produto da falta de paciência dos mais novos em ensinarem os mais velhos.

Quando não sei fazer, eu pergunto aos meus filhos. Incomoda um pouco depender deles, mas não tem problema. Agora, o jovem, ele não quer ensinar (Pessoa idosa n° 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Quando não sei fazer algo no celular, eu procuro meus filhos, que não têm paciência de explicar. Eu não decoro tão rápido, mas eles são ligeiros. Tem que ser devagar para eu poder acompanhar (Pessoa idosa n° 16 – nunca cursou oficinas de informática).

É mais comum eu pedir ajuda ao meu filho, e eu não pego direitinho não. Às vezes, eu fico no pé. Ele já me ensinou. Eu até já escrevi como que faz, só num sei onde depois! (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Os familiares ajudam ensinando, mas não têm paciência de explicar, porque eles (*os idosos*) esquecem e isso se deve pela redução cognitiva (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

Torres *et al.* (2022) discorrem sobre o reconhecimento da alteridade e das diferenças de idade em seu estudo, bem como sobre as competências e os saberes entre as gerações. Afirmam que os valores e a partilha nas relações entre ascendentes e descendentes é o segredo de uma convivência harmoniosa e que gera ganhos para todos.

As representações sociais permitem, ainda, que os indivíduos compreendam uma determinada realidade social ao integrarem um conhecimento anterior a um novo, construindo e assimilando um novo saber. Isso corresponde à “função de saber” das representações sociais (ALMEIDA, 2005).

O segundo eixo analítico de abordagem da Classe 1 trata dos ganhos na vida das pessoas idosas ao utilizarem as novas tecnologias: aprender tarefas novas por intermédio do acesso às informações e ao conhecimento através das tecnologias digitais; e promover entretenimento, proporcionado pelas mídias sociais, impactando na rotina dos seniores.

As representações sociais das pessoas idosas sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação são classificadas também como ferramentas cruciais para o acesso às informações, produzindo conhecimento, em casos específicos.

[...] Antes a gente não convivia muito, só sabia o que passava na televisão, porque não tínhamos conhecimento de nada (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

A televisão mostrou muitas coisas da CPI, da pandemia, de político fechando a cidade e eles mesmos não cumprindo as ordens, a gente tendo que aprender a viver com o vírus [...] (Pessoa idosa n° 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Quando eu não estou fazendo nada, eu vou para o *YouTube* aprender, porque, pela sala de aula, eu nunca tive a chance de aprender coisas de costura e, o melhor é que, o que eu aprendi a fazer foi por lá (Pessoa idosa nº 15 – já cursou oficinas de informática).

[...] Essa é a vantagem (*das tecnologias digitais*), porque você faz mais rápido as coisas que têm que fazer e sobra mais tempo para eu ir fazer as coisas que gosto, como coisas de costura que eu aprendi a fazer tudo no *YouTube* [...]. Comida também influenciou, porque eu não sou muito chegada em cozinha não, mas eu já aprendi fazer bolo e muitas coisas pela internet e nem paguei, nem gastei dinheiro para aprender (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Eu vejo hoje todas as lives, faço cursos pela internet, até aula de violão pela internet eu faço (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Como o problema com o meu portão que citei antes, há essa facilidade em passar informações (*o conserto do portão pelas dicas passadas no YouTube*) (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

Além do acesso ao conhecimento para aprender atividades novas, como as citadas nas falas transcritas, as tecnologias digitais apresentaram novas formas de entretenimento às pessoas idosas, impactando em novas expressões de lazer. “Dominar a tecnologia hoje fortalece o entretenimento e o desejo de se manterem vivos, com maior integração com o mundo” (SILVEIRA, 2015, p. 24).

Eu me deito nesse chão e assisto tudo, melhor do que ir ao estádio, mas pelo comodismo mesmo, por incrível que pareça. Prefiro jogo na televisão a ir no estádio: torcedor de pé de rádio, antes diziam isso. Hoje é a televisão (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Porque facilita, sobra tempo, o qual posso usar para jogar jogos no celular, como buraco. Durmo tarde jogando, ou cozinhando, ou passando roupa, ou vendo filme e, entre o intervalo de um e outro, fico jogando no celular (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Em segundo lugar, o computador, onde vejo filmes, especialmente no *YouTube*, uso também para pesquisas e jornais quando quero ler, porque para ler no celular eu acho muito pequena a tela. Então, eu uso primeiro para entretenimento e depois para ter informação no computador (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Tendo em vista que as representações sociais orientam os comportamentos e as práticas sociais, conforme Almeida (2005), elas “são prescritivas de comportamento ou de práticas ‘obrigatórias’, na medida em que elas definem o que é aceitável em um dado contexto social (função de orientação)” (p. 123, grifos do autor).

[...] Influencia sim, muito, o comportamento. Você entra no jornal e as notícias estão lá, te causam sensações, sentimentos. Às vezes você se revolta,

não gosta, ou gosta de algo. Então, elas influenciam sim no seu comportamento (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Paradoxalmente, a falta de interesse, tempo e paciência listadas pelos sujeitos pesquisados, apontadas no primeiro eixo analítico, podem ser suprimidas quando se tem a real vontade em aprender algo de seu interesse pessoal. Isso é fortalecido pela vontade de aprender a mexer com mais propriedade nas tecnologias digitais para acesso, especialmente, ao conhecimento, à informação, à comunicação, ao entretenimento e ao lazer, surgindo como uma boa opção para esse processo de ensino/aprendizado os cursos de informática.

Quando se tem o real interesse em aprender, eles (as *peessoas idosas*) até se matriculam em cursos (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Já eu vou atrás de aprender aquilo que eu necessito, tipo aplicativo de banco que eu preciso, aí eu vou correr atrás de aprender a mexer, para me informar, eu corro atrás, mas daquilo que eu necessito mais (Pessoa idosa nº 0 – nunca cursou oficinas de informática 7).

Se aparecesse algum curso para ensinar a mexer no computador, eu com certeza me inscreveria. Só espero que minha memória chegue até lá, muitas vezes não chega ao que eles querem passar (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Cabe destacar que as TDIC envolvem novas formas de aprendizagens. “O processo de aprendizagem, mediado pela informática, pode proporcionar aos idosos novas formas de inclusão, tanto no mundo digital, quanto na socialização e interação entre computador, professor e alunos” (SILVEIRA 2015, p. 23).

Por esse motivo, a instituição pesquisada utiliza as TDIC como ferramentas para o processo de aprendizagem das pessoas vinculadas a ela nas suas oficinas de informática. Alguns dos sujeitos dessa pesquisa foram participantes dessas oficinas, o que demonstra a contribuição delas com o desenvolvimento de um envelhecimento ativo e saudável dos seus participantes, cumprindo sua missão institucional.

Isso prova que as ferramentas educacionais promovem acesso à informação e ao conhecimento, como também promovem saúde, a partir da prática de exercícios de execução de movimentos finos e bem coordenados pelas pessoas idosas. Essa prática gera sociabilidade mediante o convívio sociocomunitário entre os participantes das oficinas e entre eles e os funcionários da instituição, conforme a pesquisa documental realizada demonstrou (2020).

4.4.2 Classe 2 – DIFICULDADE

A Classe 2 contempla o grupo formado por ela e a Classe 1. Corresponde a 11,2% dos vocábulos e apresenta o quinto maior número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados. Os vocábulos de maior significância identificados nessa Classe foram: dificuldade, informática, avançado, acompanhar e adaptar, que juntos trazem à tona a interpretação dos participantes sobre o processo de globalização, a partir do advento da internet e do avanço das mídias tradicionais durante o último século.

As principais perguntas condutoras da nossa análise para essa Classe foram: “Quais as representações sociais das pessoas idosas sobre o processo evolutivo das tecnologias?” E quais foram as consequências desse processo? Como respostas, surgiram dois eixos analíticos de abordagens.

O primeiro foi que o processo evolutivo aconteceu de forma tão rápida que os sujeitos pesquisados mal puderam acompanhar em sua plenitude o avanço das tecnologias ao estágio que se encontram hoje em forma de TDIC.

O segundo foi que as consequências desse processo, incluem, na visão dos pesquisados: apropriações diferenciadas entre membros de gerações subseqüentes, dada às dificuldades sentidas pelas pessoas idosas em acompanhar o desenvolvimento tecnológico, quando comparadas às pessoas nascidas no contexto digital; sentimento de insegurança ou incapacidade das pessoas idosas ao se compreenderem como atrasadas no tempo, devido às dificuldades encontradas para acompanhar a evolução das novas tecnologias; impactos das TDIC no mundo do trabalho; e obrigatoriedade de as pessoas idosas em se adaptarem à nova realidade digital.

O primeiro eixo citado pode ser interpretado pelos discursos das pessoas idosas que relataram nas entrevistas, suas experiências vividas com as tecnologias ao longo das décadas, demonstrando dificuldades para acompanhar as modificações céleres e as novidades frequentes nas tecnologias.

É sabido por todos que as mídias tradicionais do século XX, jornais e revistas impressas, rádio, cinema e televisão, transformaram-se com a evolução da tecnologia, bem como com o advento, especialmente, da internet, alterando processos interativos e provocando mudanças revolucionárias na cultura e na economia, ou seja, na sociedade em geral. A efervescência da cultura de massa e midiática do início do século XX submerge as mídias sociais em detrimento das tradicionais (MOURA, 2017).

As pessoas idosas de hoje em dia vivenciaram esse processo evolutivo das mídias e as transformações tecnológicas graduais que resultaram nas tecnologias digitais. Uma boa parte

dos brasileiros reconhece a existência dessas transformações atualmente, levando-se em consideração que, no Brasil, na área rural, a proporção de domicílios com internet era de 74,7% em 2021, enquanto na área urbana, subiu para 92,3% (PNAD TIC, 2022). Apesar disso, nem todas as pessoas experimentaram esse processo da mesma forma, dadas às condições diversas de cada grupo social.

Levando em consideração aquelas pessoas que tiveram a oportunidade de experimentar na prática o desenvolvimento das tecnologias, por meio do acesso e do acompanhamento gradual das TDIC, ou seja, uma parcela da população brasileira, podemos dizer que a forma como vivenciaram essa recepção é variável. Vemos isso, nos relatos dos sujeitos pesquisados:

Eu particularmente me adaptei bem a essa tecnologia, porque vim para a cidade, e, na cidade, obviamente, nós temos que acompanhar a evolução. Eu sou de antes do automóvel (Pessoa idosa nº 09 – já cursou oficinas de informática).

Hoje, quando chegamos a este processo avançadíssimo da informática, da internet, eu me sinto bem, me sinto apoiado e ainda vou tentando acompanhar os passos desses avanços tecnológicos, através de cursos e palestras, dos quais não me ausentei do convívio (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

No entanto, a velocidade com que esses avanços aconteceram assusta algumas pessoas idosas, que, muitas vezes, sentem-se desconfortáveis por não conseguirem acompanhar as atualizações e o surgimento das novas tecnologias digitais. Velocidade: “Esse é o termo síntese do *status* espaciotemporal do conhecimento na atualidade. Velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e superá-las com outras inovações” (KENSKI, 1997, p. 60).

Eu acho que tenho dificuldade para entrar no sistema. O problema é que eu vejo que o tempo está passando e todo mundo está mexendo em novas tecnologias da informática, aparelhos tecnológicos surgindo cada vez mais velozes (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] A própria velocidade que tem que ser resolvida as coisas, de serem mostradas, de serem vistas, de serem usadas [...]. Essa tecnologia é assustadora. Eu uso, me serve, mas não conheço. Eu não vivo atrás de descobrir mais nada de tecnologia, ela está passando por mim (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] É um aprendizado que normalmente eu levaria um ano ou dois, eu vou levar quatro, porque a dificuldade é muito maior, mas é muito bacana (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Amaral Junior (2013) cita algumas motivações responsáveis pela dificuldade das pessoas idosas em usarem diariamente as tecnologias: “falta de conhecimento sobre requisitos técnicos do produto, bem como dificuldade de interpretar as informações que o mesmo apresenta, a ausência de informações claras nos manuais de instruções e a percepção negativa que o idoso tem de si” (COSTA, 2018, p. 10).

Portanto, a questão da complexidade do processo de incorporação das tecnologias digitais cotidianamente pelas pessoas idosas está diretamente relacionada às dificuldades, que vão desde a compreensão das mensagens que acompanham os produtos ou que os serviços tecnológicos exigem até a variedade e quantidade de artefatos tecnológicos disponíveis na contemporaneidade, dificultando mais ainda o seu uso por esse público (COSTA, 2018).

Além disso, Kachar (2000) justifica como razão para as dificuldades dos envelhecidos na lida com as TDIC as alterações fisiológicas do envelhecimento humano decorrente da senescência. Silveira (2015) ratifica que “[...] o aprendizado e a memória dos idosos ficam prejudicados, os movimentos lentificados. Ocorre também perda da coordenação, aumentam as dificuldades de equilíbrio, reduz a acuidade visual e auditiva e a fala se torna restrita” (p. 24): tudo isso impacta negativamente no processo ensino-aprendizagem das pessoas idosas com as TDIC.

A pesquisa apresentou, ainda, as crenças que os sujeitos pesquisados têm sobre o porquê de as pessoas idosas terem dificuldade em acompanhar essas atualizações e o surgimento de novas tecnologias digitais, o que se daria por questões biofisiológicas.

[...] Eu tenho dificuldade, você quer fazer uma carta no computador e não saber direitinho. Se eu fizesse um curso para aprender, eu saberia. Mas aqueles de idade bem mais avançada já não conseguiriam por causa da parte motora e da parte neurológica (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Como é mais prático, e até porque a própria medicina fala que idoso é mais lento no raciocínio. Se ele não tiver Alzheimer, tem alguma tendência a ser mais devagar, aí começa a perder a memória um pouco (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Por exemplo, os idosos não gostam ou têm dificuldades em aprender coisas novas, por causa das limitações físicas. Então, a tendência é não absorver (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

A evolução tecnológica trouxe um impacto negativo: o não acompanhamento dos seus avanços por boa parte da população mais velha. Muitos não puderam aderir às ferramentas tecnológicas disponíveis, dada à velocidade dos acontecimentos históricos, provocando lacunas entre gerações quanto à apropriação e manuseio dessas tecnologias.

De acordo com Costa (2018), o senso comum associa as novas tecnologias à juventude e os produtos obsoletos à velhice, o que demonstra um resultado claro da modernidade: a posição de desvantagem dos indivíduos que não conseguem se adaptar ao moderno e o lugar de desafio para os que buscam se incluir, participar ou se apropriar dos recursos trazidos com as tecnologias. As seguintes falas elucidam essa realidade:

[...] Acho que passamos do oito para o oitenta. Foi um salto e, durante esse processo, houve coisas as quais consegui acompanhar, como o básico de mexer no celular e no computador, outras não. (Pessoa idosa nº 02 – nunca cursou oficinas de informática).

É porque, realmente, é um mundo muito diferente do que ele (*o idoso*) foi acostumado. Se você pega um *smartphone* e dá na mão de um idoso, faz todas as preparações, diz o que é para fazer, ele não consegue (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Ainda, o consumidor mais velho, que não acompanhou desde o início as transformações mercadológicas digitais, irá passar pela tarefa desafiadora de incorporar as constantes mudanças nos produtos disponíveis hoje. Isso destaca a importância “de se oferecer aos idosos bens e serviços que atendam suas especificidades, como artefatos de alta durabilidade, de fácil uso e compreensão, que tenha utilidade, atendendo aos critérios de usabilidade” (COSTA, 2018, p.2).

Brisolara (2018) sistematiza o surgimento e/ou marca tecnológica de cada geração, demonstrando que cada tempo histórico se relaciona de forma particular com as tecnologias. A Geração Baby Boomers, geração Pós-Guerra Mundial (1946-1964), foi impactada pela revolução das comunicações, devido à ascensão da televisão. Já a geração seguinte, Geração X (1965-1976), foi marcada pelos meios analógicos e midiáticos. A Geração Y, considerada Geração da Internet ou Milênio, é representada pela ascensão do computador e da internet. Enquanto a Geração Z ou Next (a partir de 1998) é “a geração que possui maior desenvoltura ao lidar com as novas tecnologias, a interação acontece desde muito pequenos de forma lúdica e é uma geração que está marcada por características de mudanças [...] essas mudanças não assustam a geração” (BRISOLARA, 2018, p.51). Os fragmentos abaixo revelam a percepção dos entrevistados sobre essa diferenciação na apropriação das TDIC pelas gerações:

[...] Para nós, que temos mais idade, é um mundo muito novo, porque a gente não viveu isso na nossa juventude, o que gera o problema da dificuldade da gente conseguir entender tudo, pois a gente não tem ainda toda a prática, o conhecimento e o manejo como os mais jovens, porque, como a gente não teve contato desde criança, adolescente, nosso conhecimento não se voltou para isso. É muito rápido para nós (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Você se vira e faz, mas eu acho que é um pulo muito grande para você acompanhar tudo. Para quem nasce agora, ou para quem já está habituado, é fácil. Eu, por exemplo, digito no celular com um dedo só, já minhas filhas digitam mais rápido, pois conseguem digitar com os dois dedos (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

[...] Nós, idosos, não temos essa facilidade de se adaptar às tecnologias, porque é mais difícil para a gente. Meus netos mexem rapidamente em tudo. Eles têm aquela facilidade (Pessoa idosa n° 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Hoje, eu estava com meu neto de dois anos e ele já faz coisa que eu, com dez anos, não fazia (Pessoa idosa n° 02 – nunca cursou oficinas de informática).

Numa perspectiva sociológica, podemos considerar que as manifestações culturais de cada geração produzem comportamentos e características ímpares frente às mudanças, pontos de intersecção importantes para a análise das representações sociais propostas nessa pesquisa. Com base nas falas acima, entendemos que a percepção prevalecente entre os entrevistados referenciados, é a de reconhecimento de uma diferença na apropriação das novas tecnologias entre os grupos etários, no sentido de que, quanto mais jovem, mais à vontade a pessoa se sentiria com as TDIC – já que aqueles nascidos dentro da era digital teriam mais facilidade com o seu manejo.

Esse desenvolvimento das TDIC provocou um novo padrão nos processos de comunicação, dada à inegável presença das tecnologias na rotina da maioria das pessoas, em decorrência da sua evolução acelerada e em grande escala. Com efeito, elas se expandiram por todas as esferas da vida, o que dificultou o processo interativo das pessoas idosas, inclusive produzindo sentimentos de desmotivação e de desinteresse, como apresentamos na classe anterior – correlacionada a esta.

É muito detalhe que você tem que entender no celular, no computador, na internet e muitas vezes você fique perdido, porque você não sabe trabalhar isso, com essa angústia, com esse medo de estragar o computador, apagar o que está fazendo, enfim... Então, ou pede ajuda ou já desiste. Agora, com os mais idosos, eu acho que tem essa dificuldade e a gente perde muito o interesse (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

Ela (*a tecnologia*) passou de mim, o impacto que causa foi grande, eu nem consigo, eu parei no tempo. Na verdade, da tecnologia, eu cansei de correr atrás: eu não consegui e eu não consigo acompanhar (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

O tempo passa e eu já não sei nem mais como usar (*a tecnologia*). Agradeço a Deus que eu comecei a entrar mais no computador por causa do meu neto, que foi uma chave muito boa para mim (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Eles (*os idosos*) não se atualizaram, não acompanharam o desenvolvimento, e, hoje, está tão difícil. Hoje, eles querem se atualizar entendendo o mínimo possível do que eles vão fazer quando usarem o cartão do banco ou o *e-mail* (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Santos *et al.* (2019) afirmam que o fenômeno planetário de desenvolvimento das TDIC tem regulado as relações sociais de forma inédita na humanidade, ao mesmo tempo em que tem gerado uma população que se sente à margem desse novo padrão por não se sentirem incluídos nesse processo social. Essa população, como estamos tratando, inclui a pessoa idosa.

Esses autores trazem à tona o conceito de letramento digital para se referirem às práticas de uso das ferramentas tecnológicas. Tal conceito não abarca apenas as práticas de ferramentas tecnológicas em meios digitais, como computadores e celulares, mas também e, principalmente, as habilidades e domínios necessários para realizar ações na internet, tais como: executar pesquisas, realizar pagamentos e compras em *sites*, trocar mensagens ou documentos por *e-mail*, resolver problemas diários e afins, ou seja, participar ativamente como usuário da rede. Dito de outro modo:

Em um contexto de interações sociais, repleto de emoção e imaginação, o letramento digital é uma forma de incluir o sujeito na sociedade, sem perder de vista o uso dos instrumentos utilizados na sociedade contemporânea, uma vez que entre o sujeito e as TDIC existe uma interdependência e uma completude, pois se as tecnologias são produtos humanos, portanto estão impregnadas de humanidade, e reciprocamente o ser humano está impregnado de tecnologia (COSTA; DUQUEVIZ; PREDROZA, 2015, p. 608).

Os excertos das narrativas apresentadas mostram que as pessoas idosas pesquisadas se sentem afetadas negativamente pelos novos processos interativos, justificando distanciamento deles e dificuldades para utilizarem ou aprenderem sobre os meios tecnológicos aos quais tem acesso:

É muita dificuldade, porque eu não me vejo assim constantemente. Com isso, me atrasa. Se eu não estou avançando, acompanhando a modernidade, eu sinto que estou ficando um analfabeto alfabetizado (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

Eu não sei nem mexer na minha televisão e minha televisão é antiga, mas o programa que tem nela é avançado para mim (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu fiz datilografia no tempo da datilografia. Quando foi para os computadores, eu também fiz curso, mas hoje eu não sei mais nem fazer uma lista no computador para eu saber o que eu gostei no mês (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Para a pessoa estar dentro das tecnologias, a pessoa também tem que entender qualquer coisa. Quando me perguntam qual meu *e-mail*, para facilitar alguma coisa, eu até tenho, mas não uso. Tudo eu passo para o meu esposo. Eu não sei nem pegar direito no celular (Pessoa idosa nº 21 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Tem gente muito na frente já. O professor entrava em um *slide* lá, mostrando tudo, e tinha gente que já estava em outra tela adiantado, eu não acompanhava. Eles estavam bem à frente, em uma tecnologia muito mais avançada que a minha (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

A Geração X, mencionada por Brisolara (2018), é a geração pertencente à época das tecnologias surgidas no ambiente de trabalho. Essa geração teria mais afinidade hoje em dia com elas, devido à obrigação de saber manuseá-las e até depender delas para obterem sucesso na carreira. Nas narrativas dos entrevistados, inclusive, prevaleceu essa relação entre a esfera do trabalho e as tecnologias digitais como ingrediente para o sucesso profissional.

Para a lei da sobrevivência, eu fui acompanhando tudo. Foi em função do meu casamento e dos meus filhos. Minha mulher cuidava da casa e eu passei a trabalhar, até que eu conheci (*a tecnologia*) através do meu trabalho (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

O computador, por exemplo, entrou na minha vida por causa do trabalho. Tive que me adaptar também à parte da computação, pois passei dez anos como PTTC. Então, tudo hoje em dia é no computador (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Se o médico não se dedicar, não estudar e conhecer esse novo sistema, ele vai ficar mais para trás do que aqueles que estão na frente. Se não se dedicarem a esse estudo da tecnologia nova, (*os jovens*) não vão conseguir caminhar (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Influencia muito as pessoas, de forma geral, principalmente, a juventude. Esse pessoal de vinte cinco anos para frente, que está começando a trabalhar. Com certeza, sem tecnologia, ninguém consegue sucesso na profissão: ela está muito vinculada ao mundo do trabalho (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Tudo bem que tem gente que não pode parar, um corretor de imóveis não pode estar sem o celular (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Se eu estivesse trabalhando, hoje eu teria que estar sabendo mais (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Vale pontuar que, diferentemente dos entrevistados acima, alguns afirmaram não terem a necessidade de ter, nem possuir domínio sobre as TDCIS. Eles disseram transferir a responsabilidade pelo manuseio de determinada tecnologia ou uso de determinada função tecnológica aos parentes, objetivando adquirirem vantagens sobre as possibilidades de

algumas ferramentas tecnológicas. Com isso, revelaram se esquecerem de que, no fundo, eles se tornariam dependentes de terceiros e estariam se distanciando cada vez mais da capacidade de se apropriarem dessas ferramentas, dada às exigências surgidas nas suas próprias rotinas. A pessoa idosa, então, passaria a incorporar tecnologia aos objetos da vida cotidiana por intermédio de intermediações externas, principalmente com o apoio da família. Essa situação está presente no estudo de Costa (2018) e surge nas falas seguintes:

Para eu assinar um documento, eu peço ao meu filho, porque ele tem computador e tem impressora. Então eu não tenho acesso a muitas tecnologias, porque eu não tenho e eu não tenho por que ter (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não levo celular porque nem *uber* eu sei chamar, aí meu menino pede um *uber* e pronto. Não é dificuldade: é preguiça mental (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

O meu filho me ajuda bastante. Quando ele está ocupado e não pode me ajudar, eu fico procurando sozinha, entro no *YouTube* para ver e descobrir como fazer. Na própria tecnologia, a gente acha respostas às vezes (Pessoa idosa n° 11 – já cursou oficinas de informática).

Apesar da ajuda de terceiros, é válido considerar que, as pessoas idosas, gradualmente, vêm se empoderando diante do uso das TDIC, na medida em que usufruem das possibilidades e recursos trazidos por elas e pelos novos processos interativos permitidos a partir delas. Igualmente, as TDIC permitem o fortalecimento de identidades, o encorajamento do comportamento pró-social e o sentimento de conexão social a partir da sua apropriação (SIMOES, 2019). “É muito importante que o idoso se insira nesse mundo tecnológico e que saiba usar o computador e as ferramentas virtuais de comunicação para sua plena integração social” (SILVEIRA, 2015, p. 23). Isto posto, o público longevo vem de adaptando a seu modo e na sua velocidade, seja por necessidade, seja por real interesse no conhecimento e no aprendizado de novas tecnologias (COSTA, 2018), seja para se sentirem incluídos no mundo digital.

[...] Ela (*a tecnologia*) veio cada vez mais aumentando, dando oportunidade para uns e para outros não. Ainda hoje, no meu caso, eu não tenho facilidade em manusear um celular ou um computador, devido a minha visão. Então, eu sinto dificuldade, mas eu sinto que já estou quase me adaptando (Pessoa idosa n° 16 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não sei mexer, não consigo sozinho, é muito difícil, não conheço bem, mas estou aprendendo devagar (Pessoa idosa n° 15 – já cursou oficinas de informática).

A gente vai ter que se adaptar, até para fazer pagamento. Nessas coisas, não sou um expert, mas já pago conta pelo celular, pelo computador, já faço transações, isso consigo fazer tranquilo (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

Todos estão absorvendo ou sendo obrigados a absorver por ser algo inevitável (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

Hoje, como está muito avançada a parte da computação, apesar de eu não ser um craque da computação, eu dou um jeito, porque tem que ir se aprimorando, se acostumando com a evolução da eletrônica e a da parte de celular também (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Com base nas narrativas acima, consideramos que as representações sociais das pessoas idosas pesquisadas sobre as TDIC englobam a ideia de que seu processo evolutivo aconteceu de forma muito veloz, ao ponto de muitas delas não conseguirem acompanhar os seus avanços. As pessoas idosas relataram vivenciar o processo das transformações das mídias no seu cotidiano, como se passassem diante de seus olhos, diferentemente dos “nativos digitais” que já nasceram inseridos nessa era, o que gerou uma lacuna entre essas gerações.

Ainda, as falas das pessoas idosas revelaram a dificuldade em compreenderem os produtos tecnológicos, dado os seus significados, a variedade e a quantidade dessas mercadorias. E crenças sobre as dificuldades em acompanharem o avanço das tecnologias digitais por estarem numa posição de desvantagem devido às alterações biofisiológicas provocadas pela senescência.

Como consequências do processo evolutivo das tecnologias sob a óptica das pessoas idosas, temos, em suma: o sentimento de exclusão e a sensação de se sentirem atrasados e desconexos da era digital por não conseguirem acompanhar a evolução das tecnologias e por não conseguirem se apropriar com plenitude das possibilidades dos artefatos tecnológicos; a necessidade de domínio, ou mesmo familiaridade, com as novas tecnologias no mundo do trabalho por exigência dele; e a necessidade de se adaptarem à era digital, seja por necessidade, seja por um real interesse, seja para se sentirem pertencentes à sociedade atual.

4.4.3 Classe 3 – REDE SOCIAL

A Classe 3 está contida no grupo formado por ela e a Classe 4. Esse grupo corresponde ao segundo bloco de classes, onde se incluem o bloco composto pela classe 1 com a classe 2. A classe 3 corresponde a 10,7% dos vocábulos e apresenta o menor número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados.

Os vocábulos de maior significância presentes nessa classe foram: rede, social, notícia, comprar, pesquisa e *Google*, que juntos trazem à tona a diversidade de utilidades possíveis proporcionadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação a partir dos equipamentos tecnológicos disponíveis no atual estágio da civilização.

A pergunta focal para a análise dessa classe foi: “Quais são as tecnologias digitais da informação e comunicação mais utilizadas pelas pessoas idosas e para que servem?” Como resposta principal surgiu a rede social, entendida pelo grupo de pessoas idosas pesquisadas como a principal tecnologia digital usada no cotidiano deles e a responsável pela promoção de acesso à informação e a meios de comunicação e pela adesão de novos comportamentos pelo grupo analisado.

O eixo analítico apresentado pode ser interpretado pelos discursos das pessoas idosas referentes à linguagem digital, uma das formas de conhecimento abordadas por Pierre Lévy (2000). Para ele, essa expressão da linguagem ocorre não só no espaço dos múltiplos equipamentos tecnológicos, mas também das diversas finalidades e funções que eles passam a adquirir. “Vê-se então que a amplitude das novas tecnologias nos coloca diante de escolhas de possibilidades variadas de ação e de comunicação” (KENKIS, 1997, p. 63).

[...] O celular que ainda uso muito como telefone e para mexer nas redes sociais. Pelo computador, utilizo para estudar e para escrever textos (Pessoa idosa n° 09 – já cursou oficinas de informática).

O computador, eu também uso, mas só quando é para ler algum contrato, ou pesquisar algo específico. Com o celular, eu converso com minha irmã que está fora, eu converso com meus parentes, inclusive com amigos próximos (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Quando eu preciso de um remédio na farmácia, uma comida no restaurante, saber como é que estão os jogos do campeonato, tudo que você vai fazer na sua vida é ligado à comunicação, à internet (Pessoa idosa n° 01 – nunca cursou oficinas de informática).

Faço compras pela internet *on-line*. A gente compra desconfiando, mas quando a gente encontra uma loja grande, a gente consegue comprar, e até pelo *site* menos confiável, utilizo também (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Fiz compras pela internet, fiz pilates, ginástica *on-line* pelo celular (Pessoa idosa n° 10 – já cursou oficinas de informática).

O telefone eu uso o tempo todo para comprar as coisas, para ver o banco como é que está (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Abro o celular para ver as notícias. Depois, eu já uso eletrodomésticos para aquecer alguma coisa, lavar roupa [...] (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Uso o celular para me comunicar (Pessoa idosa n° 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Ligo a televisão para ver as notícias e quando saio de lá, vou para o computador, no *Google*, para me atualizar de coisas importantes, notícias importantes (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Quero pesquisar alguma coisa, joga no *Google* de imediato e já sei logo. Sem o celular, seria muito difícil, não consigo nem imaginar. Para substituir, teria que usar um telefone público para falar com meus filhos (Pessoa idosa n° 15 – já cursou oficinas de informática).

Como Kenski (2003) postula, o uso das tecnologias disponíveis em cada momento histórico provoca mudanças significativas no campo político, econômico, social, cultural, educacional, da ciência e da comunicação. E, no atual estágio de desenvolvimento da humanidade, as tecnologias digitais possibilitam novas formas de acesso à informação, à interação, à comunicação e à aprendizagem, encaminhando as pessoas para avanços socialmente válidos. Como percebido nas falas dos sujeitos acima, as tecnologias que utilizam, criaram novos comportamentos, alteraram o uso do tempo, diversificaram o acesso às informações e às pessoas.

O autor citado afirma ainda que o “[...] predomínio de um determinado tipo de tecnologia transforma o comportamento pessoal e social de todo o grupo” (KENSKI, 2003, p. 2), como prova a tecnologia digital. “Os novos e múltiplos produtos criados a partir dos usos diferenciados das tecnologias de última geração têm suas especificidades. Eles se diferenciam em seus usos [...]” (KENSKI, 2003, p. 4).

Essa classe trouxe à lume o fato de que os equipamentos tecnológicos mais presentes na vida das pessoas idosas pesquisadas (telefone, televisão e computador), dentre o leque de equipamentos existentes e recursos digitais disponíveis no atual momento tecnológico, coincidem com aqueles apontados por Kenski (2003) e com as pesquisas do PENAD TIC (2022) e CETIC (2023).

A PENAD TIC (2022) afirma que o celular foi o principal dispositivo de acesso à internet em casa em 2021 no Brasil, sendo utilizado em 99,5% dos domicílios com acesso à grande rede; seguido da TV, principal dispositivo para acesso à internet em 44,4% dos domicílios; superando, pela primeira vez, o computador, presente em 42,2% dos domicílios. Assim, podemos dizer que, o telefone, a televisão e o computador são os principais responsáveis tecnológicos por alterar a forma de viver das pessoas na atualidade.

O celular é o que eu mais uso de tecnologia, é para tudo: para compra, para pesquisa de preço, se eu quero comprar alguma coisa para casa

[...]. O celular é uma ferramenta que eu não viveria mais sem (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Primeiro o celular, para usar o *whatsApp*, ver os grupos de colegas e captar coisas importantes - uns de fofoca, eu descarto - e atender e ligar. O resto não sei fazer nada (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

Eu uso muito o celular para o *whatsApp* e para essa parte de fazer pagamentos [...] e não tenho redes sociais (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Primeiro o celular, para usar o *whatsApp* e para fazer ligações. Somente às vezes uso as redes sociais (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática 0).

Em primeiro lugar: meu celular. Utilizo para pesquisar alguma coisa no *Google*, para ligar, para jogar jogos e para ver notícias sobre artistas. Em segundo lugar: televisão para ver jornal e filme na *Netflix* (Pessoa idosa nº 15 – já cursou oficinas de informática).

O celular é o que eu mais uso e tudo que tem dentro dele, as redes sociais, o *whatsApp* e o aplicativo do banco. Eu uso 80% do meu dia o meu celular e é usando mais o *whatsApp* e vendo notícias. Sem meu celular, eu teria que me readaptar. O carro é a segunda tecnologia que mais uso. Depois, a televisão e os eletrodomésticos (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Em primeiro lugar: o celular, onde faço meus estudos bíblicos; me comunico com meus filhos por meio da ligação, de mensagem [...]. Também não tenho, nem uso redes sociais. Em segundo lugar: a televisão para assistir jornal e missas (Pessoa Idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

Em primeiro lugar: o celular, onde eu mexo na parte de bancos, acesso minha conta bancária, meus recursos financeiros e também para sites de lojas, sites de pesquisa, como o *Google*, só acredito nele para fazer pesquisas [...] (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Primeiro: o computador para pagar conta, fazer planilhas, usar o *word* para escrever algo, acessar as lojas virtuais e eventualmente fazer compras; acessar o *site* do banco; e ver vídeos para ajudar a consertar algo, como o meu portão que ajetei com auxílio desses vídeos na internet, que ensinam como fazer. Segundo: o celular. Terceiro: a televisão para ver o noticiário, os documentários, mais voltada para a informação, depois para o entretenimento (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

[...] Também uso o celular para fazer pesquisas. Quando quero alguma coisa, eu sempre vou no *Google* (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

[...] Utilizando o *whatsApp* e as ligações de vídeos. As redes sociais, uso muito pouco, uma vez por semana, usava até mais antes de ter o *whatsApp*. Depois; a televisão, às vezes, uso durante à noite (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Os eletrodomésticos, que é o que a gente tinha antes e precisava. Depois, a televisão que a gente também tinha. O terceiro é o celular com o *wi-fi* (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

As falas acima servem como exemplo para o que Brisolara (2018) explanou sobre a influência dos dispositivos móveis na vida das pessoas, nesse caso, para as pessoas idosas. Elas podem desfrutar das vantagens trazidas pela variedade de funções que os aparelhos tecnológicos dispõem, como: relógio, despertador, calculadora, câmera fotográfica, agenda, calendário, GPS, programas – dos mais diversos possíveis, bem como a infinita possibilidade de aplicativos para baixar e atender suas expectativas. Além disso, há o acesso aos eletrodomésticos, que as auxiliam nas atividades necessárias da rotina.

Em terceiro lugar: os eletrodomésticos, que otimizam tempo, o qual é gasto com outros serviços domésticos, não para me sentar e relaxar, só faço isso quando dá (Pessoa idosa nº 22 - já cursou oficinas de informática).

[...] Os eletrodomésticos, que é o que a gente não tinha antes e precisava (Pessoa idosa nº 08 - já cursou oficinas de informática).

O carro é a segunda tecnologia que mais uso. Depois, a televisão e os eletrodomésticos (Pessoa idosa nº 07 - nunca cursou oficinas de informática).

Assim, novos valores surgem, a partir do acréscimo de conhecimentos preexistentes aos novos e dos comportamentos que precisam ser aprendidos e adequados à nova realidade social vivenciada pelas pessoas com o uso das tecnologias disponíveis (KENSKI, 2003). A aprendizagem pontuada por Kenski (2003) não se refere ao domínio ou competência de algo específico, mas, como afirma Lévy (1998), àquela direcionada às formas amplas e complexas de aprendizagens, que “determina os valores, as ações e a visão de mundo de cada pessoa e do grupo social no qual ela vive” (KENSKI, p. 3).

A proposição levantada nesse momento é a de analisar os valores, as ações e a visão sobre as tecnologias digitais partilhados por um grupo de pessoas idosas, produzindo e traduzindo as relações sociais da atualidade. Os fragmentos abaixo revelam essas visões:

As tecnologias não atrapalham muito, porque tudo foi instrumento que veio para ajudar as pessoas. A internet, o telefone e as redes sociais, uso toda hora (Pessoa idosa nº 01 – nunca cursou oficinas de informática).

Se eu quero comprar alguma coisa para o condomínio, muita coisa eu compro pela internet. A vantagem também, além da comunicação, é o tempo, que tudo é mais rápido pelo celular (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Acho que ficou mais fácil poder usar o computador para ver coisas, usar o *whatsApp* para conversar com os amigos e os familiares. Antes, nos comunicávamos pelo telefone fixo, o jeito de acessar as notícias era pelo rádio, ou pela televisão, ou lendo pelo jornal (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

Como vantagem, acho que abre muito o conhecimento para esses jovens de hoje,

pesquisa que eles fazem e veem muitas coisas boas para hoje dentro do estudo. A gente, antes, pegava um livro enorme para estudar [...] (Pessoa idosa nº 15 – já cursou oficinas de informática).

Outra mudança de comportamento mediante o uso das TDIC apreendida nas narrativas das pessoas idosas pesquisadas foi a realização de certos serviços no conforto de seus lares ou onde quer que estejam, algo que outrora exigia o deslocamento de suas residências até os lugares necessários para realizarem essas tarefas.

Simões (2019) classifica as instituições bancárias como atores sociais tecnológicos, na medida em que permitem o acesso a serviços cada vez mais informatizados, digitalizáveis e velozes, com o fito de aperfeiçoar os procedimentos e as transações financeiras, promovendo o sentimento de segurança e conforto aos seus clientes. Isso foi possível com a transformação comportamental e a migração dos atendimentos presenciais para o meio digital, que vem se tornando mais presente na vida das pessoas e mostrando maior adesão pelos consumidores, incluindo a pessoa idosa.

As vantagens são essas: de não precisar ir em banco, não pegar fila de banco para pagamento, de não ser roubado, tudo é perigoso, fazer essas compras na internet... Só precisa ter precauções para não ser hackeado (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] desde as coisas mais simples, como pagar um boleto no banco, até comprar um item mais sofisticado, a gente faz em casa sem grande esforço (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

A principal vantagem é que eu não preciso sair de casa para fazer determinadas coisas, eu compro sem precisar sair de casa [...]. Eu não preciso ir no banco encher o saco de ninguém, eu faço tudo aqui pelo telefone. Então, eu economizo gasolina, porque eu não preciso ir lá no banco e tempo (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Para você fazer uma pesquisa, faz tudo hoje com a cultura da tecnologia da informática [...]. Hoje já existe até a cirurgia virtual, isso é muito importante, você não tem que sair de casa (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] Você estar em casa e resolver noventa por cento do que você teria que fazer lá fora. Hoje eu não preciso ir ao centro para pagar conta, faço tudo em casa mesmo. Eu não lembro nem quando eu fui ao centro da cidade (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Eu ia ter que voltar a andar no banco para pagar conta e isso é ruim, porque é mais prático eu estar em casa, é mais seguro, porque eu estou no meu ambiente, num ambiente mais seguro (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu faço terapia e tudo pelo celular ou computador, hoje não preciso mais sair para fazer nada, é tudo pelos aparelhos (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Como Gadotti (2000) informa, a sociedade da informação na era do conhecimento traz à tona as novas tecnologias que “estocam o conhecimento, de forma prática e acessível, em gigantescos volumes de informações, que são armazenadas inteligentemente, permitindo a pesquisa e o acesso de maneira muito simples, amigável e flexível” (p. 7).

As discussões possibilitadas por essa Classe de análise fizeram-nos perceber que as representações sociais das pessoas idosas pesquisadas sobre o que é tecnologia digital da informação e comunicação vão de encontro ao conceito que Baranauskas e Valente (2013). Para o grupo pesquisado, TDIC é tudo aquilo que tem algum tipo de mecanismo, produzido pelo homem através da ciência, e que traz à humanidade comodidade, praticidade, facilidade de processos ou mais condições de conhecimento, independentemente do acesso à rede, internet ou a algum recurso tecnológico de fato da eletrônica e/ou mecatrônica.

Ademais, apreendemos que as pessoas idosas estudadas utilizam múltiplas tecnologias digitais em suas residências, tanto para atenderem suas necessidades básicas, como informação e comunicação, quanto para lhes promoverem conforto diário a partir da praticidade que elas trazem para suas vidas.

4.4.4 Classe 4 – CASA

A Classe 4 está contida no grupo formado por ela e pela Classe 3. Corresponde a 24,7% dos vocábulos e apresenta o maior número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados. Os vocábulos de maior significância nessa Classe foram: casa, ouvir, telefone, conversar e hora, que juntos trazem à tona a interpretação de como as tecnologias digitais da informação e comunicação influenciam a vida dos sujeitos sob a óptica das pessoas idosas pesquisadas.

A pergunta focal para a análise dessa Classe foi: “Quais são os impactos das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida das pessoas atualmente?” Como respostas, surgiram paradoxalmente dois eixos analíticos de abordagens para discussão da pergunta. São eles: impactos positivos, uma vez que as TDIC possibilitaram a aproximação de pessoas geograficamente distantes e/ou fisicamente afastadas; mas também impactos negativos, haja vista a contribuição para o distanciamento físico entre as pessoas dada à facilidade da comunicação e da presença virtual proporcionadas pelas TDIC.

O primeiro eixo supramencionado pode ser analisado através dos discursos das pessoas idosas sobre as práticas sociais. Segundo Kenski (2003) afirma, essas práticas

emergem da interação do homem com as tecnologias e transformam essencialmente a existência e as formas de socialização humana. No caso desse trabalho, nossa intenção é analisar as representações sociais dessas práticas sociais por um grupo específico de pessoas idosas.

Amaral Júnior (2013) aponta que as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida diária dos indivíduos, tornando-se, inclusive, mediadoras nos espaços domésticos, campo fértil, conseqüentemente, para observar o seu papel nas relações sociais. A gama de tecnologias digitais disponíveis na atualidade é tamanha que evidencia o quanto elas influenciam diretamente a vida dos indivíduos, desde a forma de organização da rotina das pessoas no lar até o movimento de sociabilidade das relações sociocomunitárias.

Logo, “compreender o significado individual que a tecnologia ocupa na vida do sujeito, contribui para o entendimento do papel que estes artefatos possuem na sua vida cotidiana” (COSTA, 2018, p. 27). Consoante esse autor, a tecnologia tem a finalidade de produzir relações sociais, ou seja, formas de convivência social: é a partir da apropriação das tecnologias que se dão relações entre os sujeitos socialmente válidas.

Ao analisar a relação das pessoas idosas com as tecnologias digitais, considerando os novos sentidos e significados que envolvem o comportamento desse público frente à comunicação, notamos particularidades nas formas de se relacionar. A preferência da pessoa idosa é pela presença física, o encontro com os amigos e o se fazer presente na vida do outro em detrimento da comunicação virtual.

Eu sentar ali na mesa para tomar um cafezinho mais você, conversando, para mim, é melhor do que está com telefone. Eu me arrumar no sábado de manhã e ir para igreja me encontrar com as pessoas e palestrar e ouvir uma boa palestra. Hoje, tem muito mais futuro do que ficar dentro de casa assim vendo um telefone (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

Antes, sem o *YouTube*, eu ia para a minha igreja e me comunicava com minhas amigas, uma ia para a casa das outras, tomava café [...] (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Lá no fundo você sente falta disso, de você ter mais tempo de você sair para tomar um café com amiga, né? (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Gosto de andar daqui para ali, de me sentar e ficar num bar conversando, meu negócio é conversar de manhã. Me junto com os coroados para conversar, tudo pessoalmente! Se eu puder presencial, eu vou presencial (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Se não tivesse telefone, você ia na casa da pessoa conversar, ver o que estava acontecendo, você fazia visita para as pessoas, você tinha uma relação maior de

contato, sentimento e realidade (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

Antes dos celulares era melhor, a gente se reunia e conversava mais. Hoje, não. Você acha que a pessoa está prestando atenção no que você está falando e a pessoa não está (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Como expressei nas falas acima, as representações sociais dos sujeitos pesquisados sobre as TDIC estão relacionadas e contextualizadas com o momento cultural no qual o público estudado está inserido. Por isso, é possível compreender os significados culturais atribuídos por essa população para o antes e para o depois dos artefatos tecnológicos adentrarem nos principais espaços da vida cotidiana, em especial da convivência familiar e afetiva, isso é, além das relações consanguíneas de parentalidade.

Dada à penetrabilidade do aparato midiático, podemos considerar que ela se entranha nos processos sociais e os modifica. Da história oral aos computadores, surgem mudanças nas relações sociais que passam a ser tanto mais fluídas, quanto desiguais (SIMOES, 2019). Vejamos como isso se expressa nas falas das pessoas idosas seguintes:

[...] Acabou a convivência, porque o pai fica no sofá mexendo no celular, nas redes sociais, a mãe do mesmo jeito, as crianças nos jogos, nem se falar mais dentro de casa se falam, só não gosto muito dessa parte (Pessoa idosa n° 15 – já cursou oficinas de informática).

Na convivência com meu marido e filhos [...]. Eu digo que vou colocar uma caixa na porta de casa para, quando eles chegarem, deixarem o celular lá, porque é incrível como não tem conversa mais como antigamente [...]. É todo o tempo no celular direto. Eu acho isso ruim, porque é o momento que você tem para estar com a família e você fica no celular (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Nem em casa hoje ninguém conversa. Eu, particularmente, acho ridículo! Hoje, ninguém mais dá atenção a ninguém, ninguém se comunica verbalmente, só usando o celular. Quando quer chamar alguém aqui, é mandando mensagem pelo celular. Os casais hoje não namoram. Eles vão para uma pizzaria e ficam sentados no celular [...], a pessoa fica ali no celular, ninguém conversa com ninguém. Aqui em casa é uma ordem: na hora do almoço, não quero celular na mesa (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] Meus filhos têm emprego próprio, finais de semana a empresa está fechada, mas eles continuam usando o celular na hora do almoço. Sentam-se no sofá e vão para o celular, já não adianta mais falar nada (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Meus netos chegam aqui e vão direto para a televisão, ficam no *YouTube* aí assistindo as coisas e eu digo que não é bom [...]. O filho se tranca no quarto e o pai fica no outro quarto e assim vai (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

Hoje, eu estou aqui no quarto e o Enéas na sala, eu não grito por ele, eu mando uma mensagem. Eu acho que hoje (*a tecnologia*) separa, que se

a gente não tiver muito cuidado, a gente pode ser perde dentro de casa. (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

[...]. Acho que, dentro de casa, cada um acaba se distanciando (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Há também os casais que não conversam mais. A gente vai para algum lugar e estão no celular. Acredito que em casa seja do mesmo jeito. As crianças também, se vão para algum canto, colocam um jogo no celular e dão para os filhos, é desse jeito (Pessoa idosa n° 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Cabe destacar que as tecnologias digitais envolvem um processo que reúne, também, elementos facilitadores para a interação social, dada a sua interatividade e a sua conectividade na sociedade informatizada. Portanto, mais intensamente ou menos intensamente, as pessoas inseridas em certos contextos socioculturais e assumindo determinados papéis sociais irão sofrer o processo de socialização mediado pelas tecnologias digitais (SANTOS, 2017).

Logo, as tecnologias digitais contribuem para facilitar oportunidades de interação social e compartilhamento de interesses, sendo parte integrante do processo de ressocialização por meio da realidade virtual promovida, especialmente, pelas redes sociais (tratado na Classe anterior e que diretamente se relaciona com esta). Elas oferecem novas formas de se fazer amizades, os chamados “amigos virtuais”, e possibilidades de resgatar antigas amizades perdidas ao longo do tempo, devido o distanciamento físico (COSTA, 2018). “A conexão afetiva encontra caminhos através da conexão digital, a comunicação virtual aproxima, integra e coloca em nova perspectiva o conceito das relações de importância e amizade” (BRILSOLARA, 2018, p. 65).

[...] É como se estivessem antigamente numa casa de repouso conversando com os amigos. Acho que eles (*os idosos*) se sentem assim ali, passando um *whatsApp* para um e para outro. Acho que, na parte da tecnologia com o idoso, melhorou muito nessa parte aí, porque tirou muito ele de ficar isolado da sociedade (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Uso o *facebook* às vezes. Não gosto muito de postar fotos, ou ver essas fotos, é mais para resgatar conhecidos nessa rede social (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

[...] Sempre que a gente pode, a gente se junta com aquele pessoal das antigas e começa a conversar e trazer aquelas histórias de antigamente. Hoje que eu vejo que tem no *facebook* e nessas outras coisas (Pessoa idosa n° 18 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Outra desvantagem é que afasta um pouquinho as pessoas pessoalmente, mas virtualmente aproximou mais as pessoas com mais pessoas (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Um dos resultados da apropriação das tecnologias digitais pelas pessoas idosas é o resgate da autoestima, dada à proporção de possibilidades que o uso da internet pode levar a esses usuários (COSTA, 2018). É nesse cenário de múltiplas configurações das tecnologias digitais que as pessoas idosas se integram às novas formas de comunicação, uma vez que a conectividade produz afeto e sentimento (BRILSOLARA, 2018). Dito de outra forma, “as características tecnológicas do ambiente virtual devem garantir o sentimento de telepresença. Ou seja, mesmo que os usuários estejam em espaços diferentes, eles se sintam como se estivessem fisicamente juntos, trabalhando no mesmo lugar e ao mesmo tempo” (KENSKI, 2003, p. 8).

Brisolara (2018) esclarece que as tecnologias digitais são ferramentas tecnológicas facilitadoras da aproximação com parentes e amigos por intermédio da comunicação. Essa foi modificada pelo seu grau de amplitude, pela sua variedade de formas de se apresentar e pelo seu poder de disseminação em larga escala em um curto espaço de tempo, na era digital. Os encontros familiares e sociais transcenderam os espaços físicos, reconfigurando atividades e produzindo novas formas de sociabilidade. A comunicação, portanto, não deixou de acontecer, mas sim foi ressignificada com as TDIC.

[...] Usar o computador e as ferramentas virtuais de comunicação pode facilitar a proximidade física e social do idoso com os familiares, bem como a comunicação ser pilar de sustentação para aumentar e manter a existência de um grupo social e melhorar sua autoestima (SILVEIRA, 2015, p. 23).

Essa realidade também é vivenciada pela população de pessoas idosas, pois “os idosos têm interesse em socializar com os filhos e netos e têm percebido a importância em se atualizar, justamente para preservar estes vínculos familiares e amistosos” (STAMATO, 2014, p. 143 *apud* BRILSOLARA, 2018, p.64). Nesse sentido, eles têm se adaptado à “aproximação” virtual trazida pela era digital, conforme os fragmentos abaixo revelam:

A tecnologia hoje aproximou mais as pessoas, mesmo estando longe, a vivência da comunicação é a pessoa praticamente estar junto, dia a dia, mesmo que não esteja fisicamente, antes não, tudo era feito atrasado (Pessoa idosa nº 01 – nunca cursou oficinas de informática).

Esse *whatsApp* veio para ajudar e muito. Eu falo muito com minha irmã que está na Espanha, meus tios que estão nos Estados Unidos (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Por exemplo, eu tenho uma sobrinha que mora perto do Japão, eu falo com ela e ela responde, ela já liga a câmera e a gente já fala. Eu vejo ela, é uma rapidez e alegria (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Eu pego o telefone: “Bom dia, Rosa! Está tudo bem?” – Pronto, gente! É como que a gente estivesse ali perto do outro (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Esperava um mês para que a pessoa recebesse (*carta*). Caso recebesse, era mais 15 dias para responder. Hoje em dia, se eu quero falar com um parente, eu pego meu celular aqui e falo com ele diretamente, vendo e ouvindo ele (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[..] A comunicação em si, antigamente, tinha que se falar pelo telefone fixo. Hoje em dia, eu tenho o *whats.App* no celular, câmera e *wi-fi* para chamadas de vídeo, onde vejo meus netos e meus filhos (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

Sobre o telefone, a gente conversa por vídeo. Olha, pergunta: “É isso aqui? Está vendo? É isso aqui que você quer? O telefone é uma tecnologia legal para ver os netos e filhos (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Se não fosse a tecnologia, o contato ia ser muito mais difícil, muito mais raro. Com a tecnologia, a gente conversa por vídeo-chamada. Então, é muito positivo os impactos. Foram as aproximações das pessoas queridas que moram distantes (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu lembro bem quando eu ainda morava no sertão do Ceará e meu pai falou que ia chegar uma época que eu ia estar aqui em São Paulo e ele no Ceará e ele ia estar me vendo, conversando comigo. Eu falei para ele que isso nunca ia acontecer, até porque eu não tinha informação nenhuma naquela época e hoje eu sei que essa tecnologia já chegou, porque eu converso com o pessoal, meus parentes lá do Ceará pelo vídeo (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho que um avanço é que aproximou as pessoas um dos outros, além de ter globalizado o mundo num só. O povo brasileiro conhece tudo da Europa a custa da tecnologia (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

A geração do pós-Segunda Guerra Mundial, período que a televisão surgiu e se firmou na sociedade de consumo, vivenciou mudanças consideráveis na comunicação e no comportamento a partir da criação de novos hábitos sociais e pessoais (BRISOLARA, 2018). Isso foi experimentado pela Pessoa idosa nº 03:

Quando já foi para minha mocidade, que eu casei, que eu fiquei com meus filhos, já ficamos mais presos dentro de casa e já tinha televisão, era uma união dos pais com os filhos em torno da TV.

Assim como trazido pelas falas dos sujeitos da pesquisa, Brisolara (2018) recorda que o uso da internet auxilia na redução da sensação de solidão, uma vez que é possível manter-se conectado àqueles de quem gostamos, mesmo que geograficamente estejam distantes. Além disso, a internet permite uma frequência maior de comunicação entre amigos e familiares, mesmo que não tenham condições de locomoção até o local onde o outro esteja, cruzando o limite dos oceanos. Ainda, estreita as relações intergeracionais, promovendo o diálogo e a

interação entre pessoas de gerações diferentes; proporciona conhecimento a partir do acesso às informações de seu interesse; e, por fim, resgata e fomenta sentimentos de autoestima, dada à independência e à autonomia construída e desenvolvida pelo domínio da informática, estabelecendo um padrão de controle de sua vida pessoal.

Meu primeiro aniversário, na pandemia, a gente fez pela internet. A neta de uma amiga minha fez o convite. Eu fiz o grupo e a gente marcou horário com todo mundo. Ia ter bolo em casa (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Eu vejo todo mundo, eu converso com todo mundo, e ali a gente está vendo junto, está chorando junto. Então, teve esse lado bom, de eu poder ver as pessoas, já que eu não posso ver muito por conta da pandemia (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Ajudaram a ter contato com familiares, os quais não pude visitar. Passei a ver minha neta, que nasceu depois do isolamento, por vídeos e chamadas (Pessoa idosa nº 13 – nunca cursou oficinas de informática).

O período de pandemia foi muito difícil, mas a tecnologia facilitou porque eu poderia ver eles (os familiares) pelo celular. Também assistimos as missas, reuniões *on-line*. A gente se comunicava com a igreja e o pessoal pelo celular (Pessoa idosa nº 17 – nunca cursou oficinas de informática).

A relação do público gerontoescente com as TDIC promove demandas de afetividade, sociabilidade e interação social (BRISOLARA, 2018). Como a autora assevera, a essência da comunicação é seu “[...] sentido de (re)encontro, partilha e expressão” (p.64). Paradoxalmente, as representações sociais trazidas pelo grupo pesquisado sobre as TDIC são que elas também acabam por causar o afastamento físico entre pessoas, em decorrência da falsa sensação de presença que as tecnologias digitais trazem.

Ela também afasta um pouco quando você passa a usar mais dessa parte técnica, você se afasta mais das pessoas. Por isso, eu prefiro procurar pessoalmente as pessoas para conversar que usar desse fator (Pessoa idosa nº 12 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Você vê as pessoas como se tivesse ali do lado da pessoa. O ruim é que está muito tecnológico e está pouco pegado físico, aquela coisa de pegar, abraçar, beijar, né, você tomar um café junto (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Você fala com várias pessoas em uma hora, mas é subjetivo. Você não sabe se é verdade ou não, porque você não olha nos olhos, não ouve a voz, você não tem relação com as pessoas (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

O ruim é porque agora ninguém praticamente se visita, ninguém praticamente se fala hoje em dia, telefone não se usa, apenas *whatsApp*. A gente não liga mais para ouvir a voz da pessoa. Antes do *whatsApp*, você estava com saudade de alguém, você pegava o telefone e ligava, ou ia na casa da pessoa vê-la

pessoalmente. Somos seres que precisam um dos outros, de trocas de olhares. Nós somos sensíveis a tudo isso e estamos deixando de ser cada vez mais isso (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Também houve uma mudança de comportamento em relação ao sentimento das pessoas, elas se afastaram muito. Acredito que os sentimentos se tornaram mais frios, evasivos. Você não sabe se aquilo que a pessoa está falando é realidade ou simplesmente ela não tá bem lá na casa dela, mas ela escreve uma mensagem de bom dia e está tudo bem mesmo (Pessoa idosa nº 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Para finalizar a análise dessa Classe, cabe ressaltar que o período em que a pesquisa foi realizada aconteceu durante a pandemia da covid-19, que se traduziu como uma crise sanitária, social, política e econômica mundial. Ela foi provocada por uma família de vírus causador de uma síndrome respiratória aguda grave, gerando uma doença de fácil transmissão e alta letalidade à época do seu surgimento (PAIVA; BENEDITO; CAVALCANTE, 2023).

A covid-19 foi bastante letal sobre o segmento pessoa idosa, resultando em 650 mil mortes entre a população geral do Brasil, sendo que “0,69% dessas mortes [foram de] pessoas idosas de 60 a 69 anos; 1,28%, [de pessoas de] 70 a 79 anos; e 2,30%, [de pessoas de] 80 a 89 anos” (PAIVA; BENEDITO; CAVALCANTE, 2023, p. 36). Isso gerou impacto para o “envelhecimento da população brasileira, [pois houve] a perda de quase dois anos na expectativa de vida, de 76,6 passou para 74,9, voltando a números apresentados em 2013” (DEUS, 2023, p.68).

Os sujeitos pesquisados referiram que, durante a pandemia, período no qual se exigiu o distanciamento físico entre as pessoas para evitar o risco de contaminação pelo vírus, especialmente entre os mais velhos, as TDIC foram instrumentos de acalento diante do isolamento social. Ainda disseram que, até depois do retorno à vida normal, as pessoas se acostumaram a ficar mais tempo em casa, devido às possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais, perpetuando hábitos adquiridos durante o período pandêmico.

[...] Mesmo após a abertura oficial das igrejas, continuei assistindo pela televisão, passei a ficar mais dentro de casa também, sem sair (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Consegui ficar em casa por causa das tecnologias sim (Pessoa idosa nº 17 – nunca cursou oficinas de informática).

Com efeito, grupos sociais constroem suas especificidades mediante suas vivências particulares e, assim, reconstróem modelos socialmente produzidos (DEBERT, 1994). Esse fato revela os comportamentos dos indivíduos a partir do acesso e uso das TDIC, sob a óptica das pessoas idosas estudadas. Para a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003),

os fenômenos por meio da influência do contexto social concreto de interatividade no qual os sujeitos estão inseridos, ou seja, a rede de relações entre integrantes de um grupo, define-se pelos mesmos objetivos, estabelecidos pela linguagem comum, pela cultura vivida e pelos códigos e símbolos do grupo.

4.4.5 Classe 5 – PESSOA

A Classe 5 está contida no grupo formado por ela e pela Classe 6. Corresponde a 19,6% dos vocábulos e apresenta o segundo maior número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados. Os vocábulos de maior significância nessa Classe foram: pessoa, desvantagem, tecnologia, financeiro e viver. Juntos, eles trazem à tona a interpretação das representações sociais que as pessoas idosas têm sobre as vantagens e as desvantagens oriundas com as tecnologias digitais da informação e comunicação para a atualidade.

A pergunta focal para a análise desta classe foi: “Quais são vantagens e desvantagens das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida das pessoas?”. Como respostas, surgiram dois eixos analíticos de abordagem para discussão da pergunta. São eles: os benefícios e os malefícios.

Os benefícios trazidos pelas TDIC na percepção dos participantes são: a facilidade e o conforto que os artefatos tecnológicos e a internet promovem aos usuários; a rapidez na comunicação entre as pessoas; e os avanços e as conquistas nas diversas áreas por conta das tecnologias digitais. Em contrapartida, identificaram-se como malefícios: o uso inadequado da internet por grupos específicos, em especial pelas crianças (dada à alienação e o prejuízo no desenvolvimento causado pelo uso descontrolado por parte dos responsáveis pela sua educação) e por pessoas de má índole – que usurpam as possibilidades das tecnologias digitais para espalharem *fake news*, aplicarem golpes e terem acesso às informações pessoais de outros; e o agravamento das desigualdades sociais.

O primeiro eixo apresentado pode ser interpretado pela análise dos discursos que as pessoas idosas trazem sobre as vantagens das TDIC para as pessoas e o mundo de uma forma geral. Conforme Costa (2018), a tecnologia revolucionou o mundo, trazendo as mais diversas alterações possíveis. Entre as quais: modificaram-se a maneira de ver e conhecer o mundo, criando e recriando novos hábitos sociais; surgiram novas formas de se comunicar e interagir

socialmente e novas formas de construir e apresentar o conhecimento. O termo tecnologia inclusive vem do grego e da junção das palavras “ofício” e “estudo”:

Dependendo do contexto, a tecnologia pode ser ferramenta, máquina, método ou processo de construção de trabalho, aplicação de recursos na resolução de problemas [...]. Também podem ser classificadas quanto ao seu campo de estudo como ciência aplicada, arte e linguagem, tecnologia da informação e comunicação, tecnologia militar e de defesa, tecnologia doméstica ou residencial, tecnologia da engenharia, tecnologia medicinal, tecnologia do comércio, tecnologia digital, tecnologia educacional, entre outras (COSTA, 2018, p. 28).

A presença da tecnologia na vida cotidiana torna “[...] a vida humana [...] totalmente dependente de artefatos tecnológicos, sendo visível a crescente dificuldade de sobrevivência sem tecnologias” (COSTA, 2018, p. 27).

Para mim, eu não saberia mais nem voltar a viver no mundo das escritas (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu só acho que as pessoas não têm um plano B para viver sem a tecnologia, porque hoje tudo depende da tecnologia, desde aparelhos eletrônicos que usamos, aplicativos de compras, até meios de comunicação. Então, viver sem, não daria, acho que não (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

Para mim, tecnologia é essencial na vida das pessoas, sem tecnologia não se vive mais hoje (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho que é incalculável o benefício da tecnologia e como é utilizada atualmente. Hoje, a gente acha impossível viver sem essas tecnologias. Hoje já me vejo difícil viver sem a internet (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu fico doida quando estou sem meu *YouTube* [...]. Eu não saberia mais o que fazer sem, ficaria uma vida vazia dentro de casa (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

A mecanização de certos processos, promovidos pelo avanço da tecnologia nos últimos anos, no cotidiano das pessoas, acarretou a redução de atividades de um modo geral, em casa, no trabalho e no lazer. “O uso das tecnologias garante aos indivíduos uma maior facilidade e independência nas atividades de vida diária” (COSTA, 2018, p. 76). De acordo com Brisolara (2018), as transformações e avanços manifestados por instrumentos e máquinas, dentre outros, tem como intenção a melhoria da vida humana.

Como Simões (2019) afirma, a pessoa idosa é o grupo que demonstra afinidades e apropriações diversas com os meios, ferramentas e tecnologias digitais, devido não terem nascido em contato direto com tais recursos. O conjunto vasto e diversificado de tecnologias presentes na vida das pessoas idosas é evidente. Ao contrário do que o senso comum difunde,

esse grupo, para Costa (2018), possui sim interesse nas tecnologias, tanto na aquisição, como no aprendizado de novos artefatos tecnológicos, a partir de suas condições e motivações pessoais.

[...] Eu preciso do carro que tem bastante tecnologia e eu aproveito a tecnologia do carro, como o GPS, o ar-condicionado e por aí vai. O carro para gente ir no médico, na fisioterapia, na hidroterapia (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Ela (*a tecnologia*) influencia muito mais positivamente, porque a gente pode se organizar melhor, buscar mais informações, estudar, tem aplicativos que a gente pode fazer compras, cursinhos [...]. Hoje, eu me informo muito mais. Tenho muito mais informação no meu dia a dia, de forma mais facilitada, para eu organizar meu dia, pagar minhas contas, organizar meu orçamento, é muito bom! (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

As pessoas estudam através das tecnologias. Para meus filhos, foram ótimas, porque tudo ficou mais fácil para eles (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] De modo geral, facilitou nas compras de supermercado, por exemplo (Pessoa idosa n° 11 – já cursou oficinas de informática).

É nesse contexto, mediado pela lógica tecnológica, que surgem os novos processos comunicativos, problematizados pelos serviços e dispositivos digitais reguladores das relações sociais atuais, percebendo-se a inserção da pessoa idosa em tal lógica. O avanço dos dispositivos comunicacionais no cotidiano culmina na cultura móvel de grande incorporação na contemporaneidade, gerando sentido e significados compartilhados na sociedade (SIMÕES, 2019).

Em geral, eu acho o uso das tecnologias muito bom, pois dá mais acesso à comunicação, que antes era feita de outra forma, não tínhamos recursos para nos comunicar com as outras pessoas. A tecnologia ajuda você se aproximar de outras pessoas por causa da comunicação (Pessoa idosa n° 12 – já cursou oficinas de informática).

Do celular, você fala com o Brasil e o mundo, sem se preocupar com mandar carta, com registrar alguma coisa. Então, melhora na comunicação e na facilidade (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] O pessoal mais jovem, que fica ligado direto na comunicação, tudo que faz é através da comunicação que o momento atual oferece, que só tem vantagem, porque tudo é mais rápido e preciso (Pessoa idosa n° 01 – nunca cursou oficinas de informática).

A primeira coisa positiva da tecnologia é [...] um melhoramento da pessoa humana, a parte da comunicação e a parte de cultura, ela também tem uma certa utilidade para isso [...]. Muita mudança hoje foi em função de uma nova tecnologia. As pessoas veem muitas coisas que antigamente não viam,

como comunicações via *whatsApp*, e essas coisas então influenciam muito a vida das pessoas (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

Você pode contatar as pessoas em uma fração de segundos (Pessoa idosa n° 08).

Como vantagens, vejo a rapidez que já engloba tudo, a precisão que você tem das coisas e o dinamismo (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

Vejo como vantagem, por exemplo, você poder interagir com a pessoa no dia a dia, no trabalho, na conversa, uma aproximação mais técnica com as pessoas (Pessoa idosa n° 02 – nunca cursou oficinas de informática).

O século XXI, a era da informação ou era digital, como é chamado o tempo que remete às novas tecnologias, abriga um momento singular da modernidade: as possibilidades anteriormente inimagináveis de uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (BRISOLARA, 2018). Atualmente, o avanço é tanto que extrapola o campo da informação e da comunicação e avança para transformações nos mais diversos campos, entre os quais: no sistema de segurança e defesa de um país, na saúde e até na política, como apresentado nas representações do grupo pesquisado, nas falas a seguir:

[...] esse míssil americano tentando desviar um asteróide, isso não é ligado a curiosidade, é ligado a saber como é que a tecnologia está se desenvolvendo atualmente, para salvar a humanidade, salvar vidas (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

A tecnologia salvou a humanidade pela interação das pessoas responsáveis que administraram esse processo catastrófico que nós vivemos (*a pandemia*). Então, devemos agradecer muito por ter, no momento exato dessa comoção mundial, a tecnologia facilitando o trabalho dos envolvidos (Pessoa idosa n° 09 – já cursou oficinas de informática).

[...] A gente vê hoje os hospitais todos equipados com mais equipamentos. Você viu que, antes, a vacina para ser usada, ela demorava de 8 a 10 anos para ser feita. A vacina essa (*da covid-19*) foi feita em 8 meses, porque a tecnologia ajudou (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Prolongar a vida do ser humano, novas medicações, eu conheço também vacinas. E, tudo isso, tem tecnologia [...]. A tecnologia está em tudo, tudo que se faça hoje é à base de tecnologia (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Facilitou a alimentação, no sentido de saber onde adquirir os produtos, como adquirir e, na saúde, poder se comunicar *on-line* com os técnicos (Pessoa idosa n° 09 – já cursou oficinas de informática).

As tecnologias influenciaram a política também, porque hoje em dia a gente pode se expressar mais também, antigamente era tudo mais restrito. Hoje a gente pode reivindicar mais (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

O segundo eixo analítico de abordagem dessa Classe é o outro resultado da modernidade no contexto social de imersão de tecnologias digitais no cotidiano: a utilização

das TDIC a partir da apropriação de suas possibilidades e recursos de forma negativa para a sociabilidade. Para nossos entrevistados, os malefícios das tecnologias estariam expressos quando um indivíduo ou grupo obtém vantagens aproveitando-se do sofrimento, prejuízo, mal-estar e afins de outra pessoa. A condição paradoxal das TDIC seria justamente a possibilidade simultânea de trazer vantagens e desvantagens para a vida.

Tem coisas que eu acho que está certo, que ajudou, e tem outro que prejudicou (Pessoa idosa n° 03 – nunca cursou oficinas de informática).

A tecnologia é algo que veio para ajudar, tanto os menos esclarecidos, quanto as pessoas que aproveitam do meio de comunicação para transmitir mensagem errada, quando, na realidade, foi feita para esclarecer as coisas para as pessoas como realmente é a vida (Pessoa idosa n° 16 – nunca cursou oficinas de informática).

Para o grupo pesquisado, são inegáveis as desvantagens trazidas pelas TDIC quando falamos de mudanças de comportamento e adoção de hábitos prejudiciais para o desenvolvimento humano. O grupo aponta como grave o uso descontrolado das tecnologias digitais pelas pessoas que as utilizam indistintamente e de forma desproporcional, desligando-se de outras atividades ao redor, do convívio com família e amigos, das responsabilidades na escola ou em casa. Isso seria mais frequente entre as crianças e os jovens.

Hoje em dia, as crianças têm muito acesso e em um certo exagero, em especial nas redes sociais, e eu acho que esse uso excessivo é ruim, porque tem outras coisas que uma criança pode fazer na infância, tipo brincar, brincar com outras crianças [...]. Os jovens de hoje, a criançada, de modo geral, só vive de celular, de joguinho e outras coisas (Pessoa idosa n° 07 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Por exemplo, criança com 12, 13 ou 15 anos, tudo jogando na internet, isso não é bom para eles, estão usando errado, é para usar a tecnologia para estudar (Pessoa idosa n° 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Ou seja, deveria ser fiscalizado ou fechado para assuntos que não fossem escolares, aí seria uma ótima. Agora, um celular aberto, numa escola, não deveria, mas é só o que acontece (Pessoa idosa n° 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Na minha época com meus filhos, era fácil, eles faziam as brincadeiras deles. Hoje, as crianças vivem dentro do celular, é uma coisa terrível [...] está tão difícil essas coisas das crianças (Pessoa idosa n° 21 – nunca cursou oficinas de informática).

A desvantagem trazida nas análises das representações sociais sobre as TDIC por pessoas idosas, no que tange aos que as utilizam de forma proposital para prejudicar terceiros, revelou que eles consideram que a facilidade de divulgação e o não controle da disseminação de informações facilitariam o uso indevido dos dados pessoais e o risco de fraudes.

Durante o período pandêmico, visualizamos, como fala Mustafá (2023), campanhas de depreciação da ciência, difusão de discursos falaciosos - aos quais intitulamos de *fakes news* - e “a grande mídia [...] em muitos momentos colaborou com a desinformação e com a informação decante” (p. 47). As tecnologias digitais da informação e comunicação serviram, em alguns momentos, de base para espalhar sentimentos, como: pânico, medo e descrédito, prejudicando a confiança no conteúdo das notícias divulgadas.

[...] Outras vezes é de forma negativa, como exemplo nesse tempo de pandemia. A tecnologia para mim foi terrível e continua sendo porque são mandadas muitas mensagens que a gente não sabe se são verdadeiras e aquilo deixa a gente em pânico (Pessoa idosa nº 21 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não me deixo manipular por *fake news*, porque tem gente que não sabe o que lê, lê essas *fake news* e acredita. Quando eu leio uma notícia, vou buscar a fonte (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Ela traz muitos problemas, como a internet com os sites e as notícias falsas, que têm muita rapidez para chegar, porque a disseminação de notícias falsas chega imediatamente, com muita rapidez (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Negativamente através de *fake news*, por exemplo. Eu, quando acho que é *fake*, não passo para frente (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

[...] Estão desenvolvendo alguma tristeza, aprofundando sua depressão ao se deparar com tantas notícias negativas (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

Nessa discussão, o grupo pesquisado enfatizou como desvantagem das TDIC a facilidade de propagação de notícias falsas durante a pandemia, que acabavam por causar ou agravar o adoecimento mental das pessoas. Isso porque muitos já sofriam com o medo da contaminação com a doença e a possibilidade de morrerem ou perderem amigos e familiares. Além disso, sinalizaram como desvantagem, o aumento e a diversidade de golpes financeiros aplicáveis, facilitados pelas características das tecnologias digitais.

[...] Um outro também são os golpes [...], porque a internet é uma área aberta. A gente vê o que se comenta na internet, parece que é um campo sem lei (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

[...] É mais esses golpes, porque qualquer coisa se clona *whatsApp*, se fica mais arisco com isso (Pessoa idosa nº 18 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] As desvantagens são os golpes. Eu tenho muito medo de golpes, golpes financeiros (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Desvantagem além dos golpes financeiros, a modernidade, da maneira que é, é como remédio. Serve para uma coisa e para outra não, de um modo geral (Pessoa idosa n° 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] há pessoas que dominam muito as tecnologias, mas se recusam a usar da forma correta, e sim para fazer malefícios ao invés de benefícios, como hackear as contas dos outros (Pessoa idosa n° 22 – já cursou oficinas de informática).

Eu tive resistência de usar banco, através da internet, com medo de golpes, fui utilizar na pandemia (Pessoa idosa n° 20 – nunca cursou oficinas de informática).

A partir da transformação de comportamentos e da migração dos consumidores para canais de atendimento digital, a indústria bancária se viu obrigada a ofertar seus serviços e produtos de forma cada vez mais digitalizada a fim de não perder consumidores. As instituições financeiras viram um salto exponencial da bancarização na era digital (SIMÕES, 2018). Apesar da comodidade e segurança trazidas com isso, destacou-se nesta Classe para as pessoas idosas pesquisadas, a desvantagem de as TDIC facilitarem a aplicação de golpes financeiros e a privacidade das informações pessoais poderem ser acessadas por essas agências financeiras sempre que desejarem.

As pessoas têm muito acesso às nossas informações, a gente assiste todos os dias os golpes (Pessoa idosa n° 08 – já cursou oficinas de informática).

[...] Às vezes, influencia negativamente. As pessoas invadem nosso espaço, ligando, oferecendo empréstimos toda hora. Eles têm acesso às informações pessoais da gente (Pessoa idosa n° 13 – nunca cursou oficinas de informática).

Ele (*o celular*) fica aqui, eu pouco uso ele, porque eu não consigo mais identificar quem ta ligando, por causa da quantidade de ligação que eu recebo de pessoas me oferecendo empréstimo, é tão grande! (Pessoa idosa n° 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu não sei o que é que os bancos querem, que agora existe algo de comprar dívidas, eles vivem ligando para vender minhas dívidas para outro banco (Pessoa idosa n° 09 – já cursou oficinas de informática).

Outro ponto percebido como desvantagem para o grupo de pessoas idosas pesquisadas se trata da relação existente entre o índice de desigualdade social no país e as tecnologias digitais. Isso porque a era da informação deixa à margem os indivíduos sem condições econômicas e de renda para adquirirem equipamentos tecnológicos e os acessarem frequentemente. Assim, algumas barreiras de ordem social apresentam-se na utilização das tecnologias como desvantagens.

Nos anos 2000, ampliaram-se as políticas públicas de acessibilidade e o uso da internet se popularizou para o brasileiro da Classe C, sendo os telefones celulares os objetos mais acessíveis, disseminando-se e penetrando nas camadas mais pobres. O acesso à internet por meio desses dispositivos cresceu exponencialmente, porém ainda podemos falar em exclusão social como um fator configurado pela exclusão digital – já que o acesso segue não sendo universal (SIMÕES, 2019).

O Brasil apresenta um índice de desigualdade social assustador. Deus (2023) informa que, antes da pandemia, 1% da população mais rica detinha 28,3% da renda no Brasil, colocando nosso país na segunda posição entre os 180 países com maior concentração de renda no mundo. Essa autora afirma que a desigualdade social dificulta e, às vezes, impede o desenvolvimento de capacidades intelectuais e o acesso a direitos básicos pelas pessoas, impactando no processo de envelhecimento e na velhice. Logo, pressupomos o quanto a desigualdade social também prejudica o processo de apropriação das tecnologias digitais sob a visão das pessoas idosas estudadas.

O que mais dificulta mesmo é a questão da classe social. Tem lugares que as pessoas não têm acesso as TDIC porque não têm nem condições de pagar um plano de internet (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

É falta de condição de quem precisa, quer, deseja usar e se limitam devido a isso, a não ter acesso, que não tem condição financeira (Pessoa idosa nº 02 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho que a desigualdade social é clara com a tecnologia. Por exemplo, minha amiga é professora da rede municipal. Ela aprendeu a fazer tudo isso, como *podcast*, para os alunos dela. Só que ela encontrou um grande problema: a desigualdade social. Os alunos foram para casa, mas não tinham internet, não tinham celular ou computador. É o que vemos no Brasil todo. Na pandemia, ficou muito clara a desigualdade. A classe que tem mais condições vai ter melhor equipamento, melhor acesso; já a parte que não vai ter acesso, deixa de crescer, é uma desvantagem imensa (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Eu acho que um equipamento bom custa de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.500,00. Então, essas pessoas não teriam essas condições. Tem outros que não têm nada, não têm acesso, não têm dinheiro para comprar [...]. Às vezes, tem pessoas nas próprias favelas que tem celular de última geração, mas ao lado dele tem um que não sabe nem o que é um rádio, ou até tem conhecimento do rádio, mas não usa porque não tem dinheiro para comprar (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

A condição financeira é um fator limitante para o uso adequado das tecnologias (Pessoa idosa nº 04 – nunca cursou oficinas de informática).

Às vezes, as pessoas não conseguem dominar aquilo porque elas não têm recursos, não têm materiais, de não ter se habituado por não terem condições financeiras para ter e utilizar da forma correta (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Como desvantagem, vejo que nem todos têm acesso por causa da situação financeira, aqueles que têm baixa renda, por exemplo (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

O recurso financeiro é o maior fator limitante, mas há também o analfabeto, pessoas que não têm conhecimento de utilizar, não tem dinheiro e nem o recurso intelectual para usar (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Nas palavras de Bauman (2007), no tempo moderno, com a globalização, as mídias sociais e as redes virtuais têm sido marcadas pelo individualismo associado à velocidade. Além disso, a liquidez, especialmente, das relações humanas, na pós-modernidade, é produto das transformações ocorridas nas relações sociais e de consumo, ou seja, a efemeridade é o aspecto social desse tempo. Inseridos nesse cenário individualista, as pessoas, onde se incluem as pessoas idosas, mergulham, às vezes, imperceptivelmente, em sentimentos de tristeza e ansiedade e são levadas a consumirem para criarem conexões e passarem a ter pequenos e rápidos momentos de prazer, fugindo da solidão e do sentimento de rejeição.

Outra desvantagem é o individualismo das pessoas (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] A individualização do ser humano, que afasta demais as pessoas, que se sentem juntas, mas na realidade elas não estão, porque elas estão fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Achan que tem amigos virtuais [...]. Acho que é por isso que causa muita depressão nas pessoas, muita tristeza, porque você realmente se individualizou demais (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

O que mais a gente vive de desvantagem é a existência de uma geração de ansiedade (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Na Classe em análise, identificamos, em síntese, as representações sociais de um determinado grupo de pessoas idosas sobre as TDIC, como sendo as responsáveis por: mudanças de comportamento (lazer, trabalho e consumo), comunicação e estilos de vida. Logo, os benefícios e malefícios das TDIC são diversos para a sociedade contemporânea, provocando sentimentos diversificados nos sujeitos, como apresentados anteriormente.

Vale ressaltar que, as representações sociais, segundo Moscovici (2003), devem ser vistas como uma forma de compreender e comunicar algo sobre o que já se sabe de forma impessoal, no sentido de pertencerem a todos. Elas são representações de outros, pertencentes a outros e percebidas como pertencentes a um grupo. A realidade passa a ser alimentada pelas experiências vivenciadas pelo grupo. Assim, podemos compreender que as representações sociais:

[...] devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir (JODELET, 2001, p. 26).

Os discursos das pessoas idosas do grupo pesquisado têm papel importante nas representações sociais desse segmento social dada à capacidade de produzir socialmente discursos legitimados através de elementos existentes na práxis cotidiana, a partir do diálogo com as percepções e interações da realidade num determinado contexto sociocultural.

4.4.6 Classe 6 – EXISTIR

A Classe 6 está contida no grupo formado por ela e pela Classe 5. Corresponde a 16,6% dos vocábulos e apresenta o quarto maior número de segmentos textuais presentes nos discursos dos sujeitos pesquisados. Os vocábulos de maior significância nesta classe foram: existir, acontecer, vida, melhorar e adolescente, que juntos trazem à tona a interpretação geral das representações sociais dos sujeitos da pesquisa sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação.

A pergunta focal para a análise dessa Classe foi: “Qual a sua percepção sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação na atualidade?”. Entre as respostas surgiram que elas estão num processo que não acabou e que tende a avançar, bem como que elas vieram, prioritariamente, para melhorar a condição de vida das pessoas, com a ressalva de que os adolescentes não as utilizam de forma correta.

Apesar de cada era haver criado, à sua maneira, “ferramentas tecnológicas” que lhes eram úteis para garantir ao homem sobrevivência, atualmente vivemos um novo momento tecnológico (KENSKI, 2003). Na contemporaneidade, as sociedades que introduziram nas suas culturas as tecnologias digitais da informação e comunicação, como instrumentos materiais e simbólicos, organizaram-se em torno delas para execução das suas atividades produtivas (COSTA; DUQUEVIZ; PREDOZA, 2015). A evolução tecnológica conduziu o desenvolvimento humano para o registro de situações sem precedentes na história, dada à presença massiva das tecnologias digitais no cotidiano da maioria das pessoas, “obrigando-nos a não mais ignorar sua presença e importância” (KENSKI, 1998, p. 61).

A vida antes era simples, mas eu já fui conhecendo a máquina de datilografia, o rádio, depois vem a televisão, depois a máquina de datilografia elétrica e hoje estamos no digital (Pessoa idosa nº 09 – já cursou oficinas de informática).

Hoje, os nossos filhos têm que viver num sistema completamente diferente do qual eu fui criado. Hoje, ele já nasce com a máquina na mão (Pessoa idosa nº 16 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Depois veio a tecnologia do telefone, que melhorou muito a vida das pessoas (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Houve uma explosão de coisas evoluindo rapidamente e, hoje, mesmo depois de tudo isso, vai melhorar ainda mais. Vamos atingir muitos outros níveis cada vez mais rápidos [...]. Apareceram vários cientistas e colaboradores que contribuíram para a lógica da organização, da administração, da logística, então isso é natural. À medida que foi evoluindo mais, a tecnologia ia se incorporando, se ajustando e crescendo cada vez mais rápido, isso é e vai ser inevitável (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

[...] A gente vê coisas que não imaginava ver e ainda vai ver muito mais. Então, é muito bacana essa inteligência do ser humano voltada para isso e utilizada para o bem, claro! (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Hoje eu tenho ali o mundo todo na minha mão. Agora não me pergunte se eu acho que está correto ou está errado que eu não sei (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

A globalização das telecomunicações é um processo contínuo que não se encerra em si, mas sim transcende a outro nível, outro patamar, empurrando a humanidade a novas condições e possibilidades. Ela parece beirar o infinito. Em outras palavras, “o ciberespaço não está em lugar nenhum, pois está em todo o lugar o tempo todo [...]. A informação está sempre e permanentemente presente e em renovação constante [...]. O espaço da aprendizagem é aqui [...] e o tempo de aprender é hoje e sempre” (GADOTTI, 2000, p. 8). Para as pessoas idosas entrevistadas, existem dois focos de aprendizado, que se encontram em oposição e caminham para lados contrários:

[...] Existem as boas e as ruins. As tecnologias novas são do mesmo jeito. Quando você quer, você tem os dois lados, tem que procurar utilizar da melhor maneira possível [...], sempre foi assim. Como antigamente no jornal era assim, nas revistas [...] (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] O problema é que, tudo que tem de bom, existe um grupo que tenta sabotar. Então, para quem quer fazer o mal é um prato cheio [...]: os seus avanços são para o bem e para o mal (Pessoa idosa nº 03 – nunca cursou oficinas de informática).

As coisas só existem se tiver os dois pontos. Então, se tiver as coisas positivas, tem as coisas negativas (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

[...] Existem as duas vertentes: há quem use relativamente dentro de uma ética; e há quem não, porque a sociedade, a humanidade funciona de maneiras diversas (Pessoa idosa nº 09 – já cursou oficinas de informática).

Eu acho que as pessoas que têm que ter consciência no uso apropriado das tecnologias, porque hoje a tecnologia tem o lado bom e ruim, e

you só vai para o lado ruim se você quiser (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho assim, a tecnologia veio para melhorar muita coisa e para arruinar. Hoje, tudo é envolto da internet, mas, ao mesmo tempo, se a gente não souber lidar com ela, a gente se estrema [...]. Tem um lado bom disso e o lado ruim (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

Como as tecnologias digitais são consideradas instrumentos mediadores da interação humana responsáveis por mudanças nas práticas sociais, tais como: a comunicação, a socialização, a organização, a mobilização e a aprendizagem (COSTA; DUQUEVIZ; PREDOZA, 2015), essas práticas são um dos lados das TDIC representados pelas pessoas idosas pesquisadas:

[...] Existe realmente todo um lado da tecnologia que é para o avanço, para o bem, para o progresso, para tudo acontecer, para melhorar a vida do cidadão. Eu acho que a tecnologia é essencial para a nossa vida, é muito bem-vinda. Eu acho que facilitou muito, em tudo! Desde tecnologias, de aparelhos, de automóveis, de tudo! (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Eu demorei para aceitar totalmente a tecnologia. Hoje, eu acho que tudo melhorou! (Pessoa idosa nº 20 – nunca cursou oficinas de informática).

Na minha vida e na vida das pessoas, impactou de muita importância, porque temos tudo à mão, tudo muito rápido e facilitou demais a nossa vida em todos os aspectos, tem todas as vantagens [...]. Você tem todas as informações que estão acontecendo no mundo, chega para você e de imediato. Penso que foi uma revolução maravilhosa para a vida de todos nós. Hoje você tem todas as informações imediatamente, através de todos esses meios de comunicação, quais sejam: internet, tv, rádio e tudo mais [...]. Todos os dias a gente faz o uso das tecnologias das informações, através de todos os dispositivos que nós temos a mão e dessas tecnologias que vieram para melhorar bastante a vida da gente (Pessoa idosa nº 02 – nunca cursou oficinas de informática).

A conectividade é a principal característica da internet e a interatividade é a marca das tecnologias digitais. Logo, as possibilidades promovidas pelos ambientes virtuais desencadeiam a sensação de presença, espaço e tempo, a partir da interação, reciprocidade e partilha (KENSKI, 2003), proporcionando diversas vantagens, como apresentadas na Classe anterior.

A tecnologia veio para melhorar, os automóveis, a vida, a comunicação, a compra, a venda, ela entrou naturalmente e foi crescendo [...] (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

[...] Saber o que algo significa, fazer um trabalho e já ler na internet rapidinho (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Tudo enquanto você precisa, você faz tudo mais rápido. Não há mais aquela demora (Pessoa idosa nº 01 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Agendamentos de consultas, até compras *on-line* [...] (Pessoa idosa nº 07 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu jogo bastante jogos interativos. Também para trabalhar a mente e para o lazer (Pessoa idosa nº 13 – já cursou oficinas de informática).

As novas tecnologias têm sua centralidade na comunicação de massa e na difusão do conhecimento. Assim, como consequência da informatização, possível pela globalização das telecomunicações, temos a supervalorização do conhecimento, em todos os campos. Por isso, Gadotti (2000) declara estarmos na era do conhecimento, vivendo na sociedade do conhecimento, mesmo que haja uma massa excluída dessa expressão da sociedade.

Em tudo, a comunicação é muito importante, em todos os setores, no campo do comércio, da educação, em tudo na minha vida [...]. É um troço muito mais fácil. Facilita muito a vida do usuário e de toda a comunicação. A pessoa não precisa ficar de uso duma máquina que praticamente você quem é o elo e a comunicação é praticamente quem faz tudo por você (Pessoa idosa nº 01 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] A comunicação é mais fácil, a vida é mais fácil. Ela (*a tecnologia*) proporciona uma facilidade em tudo (Pessoa idosa nº 11 – já cursou oficinas de informática).

Na vida social é bom, porque a comunicação está mais rápida, principalmente quando se tem pessoas longe (Pessoa idosa nº 22 – já cursou oficinas de informática).

Até para adolescente para fazer prova, fazer redação, vestibular tudo isso é importante, a comunicação melhorou também. Antigamente, quando eu ia me comunicar com alguém, eu tinha que mandar uma carta (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Gadotti (2000) afirma que a sociedade assistiu mudanças profundas nas estruturas econômica, social, política, cultural e científica nas duas últimas décadas do século XX e que estamos passando pela Revolução da Informação a partir das transformações tecnológicas possíveis com a globalização. Nesse período de transição, a informação deixa de ser uma área “[...] para se tornar uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza” (GADOTTI, 2000, p. 7).

Por exemplo, esse vulcão, toda hora estou olhando, e não é como curiosidade, é para ver as imagens para entender como é que funciona o vulcão, saber o porquê que acontece as erupções. Vou sempre procurando informações através das tecnologias (Pessoa idosa nº 19 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu penso que tem o lado bom e o lado ruim, mas vamos levar para o lado bom, porque eu acho que sem essa tecnologia toda a gente estaria muito defasada. Então, ela é boa, muito boa! [...]. Ela desenvolveu bastante o aprendizado. Ficou mais

fácil o aprendizado do aluno [...], a criança entende melhor (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Na minha vida, me sinto muito bem ao me deparar com coisas boas na internet, uma música, uma informação, diferente de *fake news*, que essa eu descarto assim que vejo, coisas que as notícias trazem de energia, de luz, de vida, sobre levar uma vida boa [...]: é o lado positivo (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

De acordo com Costa, Duqueviz e Pedroza (2015), novas práticas sociais devem surgir com outras maneiras de aprender a partir do uso frequente das tecnologias digitais, independentemente da idade, ou seja, “as mudanças de comportamentos estão mais relacionadas ao acesso e uso das tecnologias digitais do aspecto geracional e/ou faixa etária” (p. 606).

Contudo, os sujeitos pesquisados acreditam que os “nativos digitais”, aqueles usuários nascidos a partir de 1990, que usam as mídias digitais como parte integrante de suas vidas e que tem o processo de aprendizagem mediado pelas novas tecnologias (PRENSKY, 2000), não são uma boa referência de usuários. Para eles, os adolescentes são os indivíduos da cultura digital detentores de maiores conhecimentos sobre os instrumentos tecnológicos e os mais habilidosos, porém não sabem usá-los corretamente e seu consumo é feito de forma inapropriada.

Sim, o público mais jovem, pois passam informações erradas, ruins, diferentemente dos mais velhos, de uma faixa etária perto dos 35 anos, que se conformam com o lado bom da tecnologia (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

A tecnologia ultimamente só tem trazido coisa boa, porque eu não vou atrás do que é ruim para mim. Essa tecnologia está influenciando muito o adolescente a fazer coisas que não devem, como matar os outros, usar drogas. Eles veem na tv e querem fazer igual. Não só os adolescentes, mas aqueles com seus 20/25 anos. Já na minha vida, as tecnologias só têm vantagem. Eu nunca me peguei fazendo alguma coisa ruim (Pessoa idosa nº 06 – nunca cursou oficinas de informática).

Eu acho que os jovens, os adolescentes usam errado, porque ao invés de eles usarem as tecnologias como uma ferramenta de trabalho, que é o lado mais apropriado da coisa, usam para o que não devem (Pessoa idosa nº 05 – nunca cursou oficinas de informática).

[...] Criar besteira, inventar coisa, o festival de besteiras que a gente vê, coisas imbecis. A maioria dos mais jovens não fazem bom uso da tecnologia (Pessoa idosa nº 14 – já cursou oficinas de informática).

[...] É muita informação, com muita rapidez e você muitas vezes não sabe distinguir o que é bom, o que é ruim, o que é certo, o que é errado, e acaba acontecendo como os adolescentes (Pessoa idosa nº 08 – já cursou oficinas de informática).

Os adolescentes não são bem informados, não dão muita importância, mas é mais por comodidade [...] (Pessoa idosa nº 10 – já cursou oficinas de informática).

Atualmente, as tecnologias digitais da informação e comunicação oferecem desafios. Todas as novas possibilidades de acesso à informação, conseqüentemente, ao aprendizado e conhecimento, e de organização, mobilização, interação social e comunicação pelas tecnologias digitais produzem comportamento, valores e atitudes específicas desse atual estágio de desenvolvimento da sociedade, tendo sido apresentadas as representações sociais de um grupo de pessoas idosas sobre essas tecnologias, caminhando para novos avanços socialmente válidos.

4.5 As representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas

Na subseção anterior apresentamos as narrativas dos sujeitos pesquisados sobre as TDIC e uma das questões prementes destacadas foram “os porquês de as pessoas idosas não aprenderem a usar as TDIC”. Entre as respostas surgiram: a falta de interesse em aprender; a falta de tempo, sendo esse destinado prioritariamente para as obrigações domésticas; e a falta de paciência, em alguns momentos, imputada às pessoas idosas como perfil característico dessa fase da vida, reforçando concepções estereotipadas de velhice.

Identificamos ganhos na vida das pessoas idosas a partir do uso das TDIC, que, ao se fazerem presentes nas suas rotinas, revelaram: a descoberta de novas tarefas a partir da aprendizagem de atividades por meio do acesso às informações disponíveis nas tecnologias digitais, estimulando a ampliação de conhecimentos; e a promoção de entretenimento e lazer por meio das mídias sociais.

Surgiram relatos sobre os desafios do processo evolutivo das tecnologias para as pessoas idosas, quais sejam: o não acompanhamento desse processo por parte desse grupo, gerando diferença entre as gerações; a produção do sentimento de exclusão social e da sensação de atraso no tempo por não saberem dominar as tecnologias disponíveis; e a exigência de adaptação no mundo do trabalho às TDICS, tornando-se, inclusive, pré-requisito aos trabalhadores o domínio delas para o sucesso profissional.

As experiências das pessoas idosas no processo evolutivo das TDIC foram pontuadas como algo de difícil apropriação, devido os avanços das tecnologias digitais acontecerem de forma veloz e a pessoa idosa nem sempre conseguir acompanhá-los. Essa dificuldade também se apresentou na compreensão dos produtos tecnológicos, dada à variedade, à quantidade e às

mensagens disponíveis no mercado; e nas questões biofisiológicas naturais ao envelhecimento.

A partir das representações sociais dos pesquisados, identificamos as principais TDIC utilizadas por eles: celular, televisão e computador, bem como o que apontam como utilidade, isso é, a alteração de elementos atitudinais e comportamentais de suas rotinas.

Analisamos as crenças, os significados e os desafios das TDIC na vida das pessoas. A partir disso, percebemos que as TDIC geram mudanças na sociabilidade, tanto no seio familiar, como na comunidade, motivadas por alterações contínuas de atitudes e comportamentos, mudanças de hábitos e novas formas de sociabilidade. Isso é provocado pelo uso excessivo das tecnologias digitais, que ao mesmo tempo em que aproximam as pessoas, por intermédio da conectividade, também as afastam.

Verificamos, ainda, a existência de vantagens e desvantagens pela presença das TDIC na vida das pessoas. A primeira diz respeito aos valores assumidos pelas tecnologias a partir da facilidade e do conforto que as TDIC geram na rotina dos usuários; da possibilidade de as comunicações serem cada vez mais rápidas; e das conquistas societárias somente possíveis por causa do desenvolvimento das tecnologias.

A segunda identificação trata dos desafios a serem enfrentados na modernidade por conta do uso incorreto das TDIC por dois grupos específicos: crianças, devido seu uso descontrolado por seus responsáveis; e pessoas de má fé, que as utilizam para produzir e espalhar *fake news*, aplicar golpes e acessar informações pessoais dos usuários. Ademais, percebemos duas preocupações pelos sujeitos pesquisados: o não acesso de um determinado grupo de pessoas, aquelas que não possuem condições financeiras, às TDIC; e o aumento de comportamentos individualistas, através do desenvolvimento da ansiedade e da presença de tristeza, sugerindo a conexão, por intermédio das mídias sociais, como uma estratégia para tratar e reduzir a solidão e a rejeição.

Por fim, identificamos e analisamos as crenças sobre a existência do lado bom das TDIC: maior conectividade e interatividade entre os usuários; mudança radical na comunicação de massa; difusão em ampla escala do conhecimento; e o significado do lado ruim das TDIC, que se refere ao seu uso inapropriado pelos adolescentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo holístico do envelhecimento é um desafio político, econômico, social e cultural para a sociedade contemporânea, dado o aumento exponencial da representatividade da pessoa idosa nos diversos campos. Todavia, para que a população brasileira tenha uma vida cada vez mais longa, realidade presente da modernidade, e que o envelhecimento se desenvolva de forma integralmente digna e livre, o Brasil precisa, primeiramente, romper com as premissas do idadismo e as amarras estereotipadas da velhice para, a partir dessa superação, conseguir inserir, posteriormente, o real sentido do envelhecimento ativo e saudável nas tão almeçadas pautas e discussões públicas.

Apesar de o Brasil ter uma robusta legislação sobre políticas de proteção, promoção e cuidado à pessoa idosa, muito ainda precisa ser feito na prática, para que consigamos promover a integralidade das ações voltadas a essa população e que todo o ordenamento jurídico desse segmento social tenha de fato efetividade.

Somado a esse fenômeno biopsicossocial do indivíduo, temos outro evento social: a presença marcante das tecnologias digitais da informação e comunicação na vida das pessoas. Esses dois acontecimentos históricos foram identificados e estudados a partir da sua correlação, por intermédio da análise das representações sociais das pessoas idosas de um determinado grupo selecionado sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Para a coleta de dados, utilizamos dois instrumentos junto aos sujeitos da pesquisa, a saber: um questionário de dois blocos com onze perguntas abertas e fechadas para identificar o perfil sociodemográfico do grupo; e um roteiro de entrevista semiestruturada com dez perguntas para levantamento das opiniões, aspirações, crenças e valores das pessoas idosas sobre o objeto de estudo.

A intenção foi analisar as representações sociais na perspectiva da abordagem qualitativa. Para isso, o método de análise empregado foi a triangulação dos dados. Participaram da pesquisa 22 pessoas idosas vinculadas a uma instituição pública federal do município de São José dos Campos-SP. Destas, 15 nunca participaram de oficinas de informática e sete já tinham participado em algum momento da vida. Ambos os grupos aceitaram o convite e colaboraram voluntariamente com o trabalho.

É possível considerar que os objetivos propostos na pesquisa foram contemplados no desenvolvimento do estudo, à luz da teoria das representações sociais. Isso porque foi possível analisar as representações sociais dos sujeitos participantes a partir da análise dos discursos

por eles proferidos. Esses discursos revelaram os desafios, os significados, as aspirações, as crenças, os valores e os elementos atitudinais das pessoas idosas sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação na vida dos indivíduos na atualidade.

No grupo de pessoas idosas pesquisadas, o perfil encontrado foi o seguinte: 59% é do sexo feminino; 36% encontra-se na faixa etária da primeira velhice (60 a 64 anos); 36% possui apenas o ensino médio completo, igualmente aos que possuem nível superior (36%); 77,5 % é casado; 59% reside apenas com seu cônjuge; 27% pertence a classe A e B e 23% não possui rendimento; 68% é aposentado; 82% possui alguma doença diagnosticada e faz consumo de medicamento; 9% é pessoa com deficiência e 55% participa de grupos de convivência.

Conhecer o perfil dos sujeitos que constroem uma representação foi fundamental na interpretação dos dados, uma vez que é no interior do grupo, em sua forma de ser e estar no mundo, que construímos o universo consensual do objeto estudado.

Para a análise qualitativa, o corpus do texto foi processado pelo software IRaMuTeQ, que identificou seis Classes: 1 – Aprender; 2 – Dificuldade; 3 – Rede Social; 4 – Casa; 5 – Pessoa; e 6 – Existir. Em atendimento à proposta de triangulação dos dados, as Classes de discursos foram articuladas com as perguntas focais e os eixos analíticos de abordagem, de acordo com o campo semântico de cada Classe.

Assim, foi possível estabelecer relações da Classe 1, das aspirações das pessoas idosas em aprender a usar as TDIC, com a Classe 2, a dificuldade das pessoas idosas em acompanharem o processo evolutivo das tecnologias tradicionais para as digitais. A Classe 3, que aponta a diversidade de utilidades das TDIC no tempo presente, relaciona-se com a Classe 4, que discute as influências e os desafios da TDIC na vida das pessoas. A Classe 5, que indica as vantagens e desvantagens das TDIC, dialoga com a Classe 6, que discorre sobre a existência mútua do lado bom e ruim das TDIC.

Quanto à análise do objeto, a pesquisa possibilitou, durante a coleta de dados, reflexões a partir da realidade e das concepções das pessoas idosas pesquisadas sobre as TDIC no cotidiano. As aspirações referem-se ao processo contínuo das tecnologias, que não se encerram em si, mas transcendem a um novo patamar, a outro nível de desenvolvimento, empurrando a humanidade para novas condições e possibilidades. As crenças manifestam-se nos entendimentos sobre os incentivos e desestímulos que afloram nas pessoas idosas para aprenderem a usar as tecnologias digitais, bem como na compreensão das influências que as TDIC geram nas práticas sociais. Os significados percebidos relacionam-se com a diversidade

de possibilidades de uso das tecnologias digitais no tempo presente, impactando, inclusive, nas atitudes das pessoas e gerando novos significados, a partir dos valores que as vantagens e desvantagens passam a assumir nos contextos sociais.

Os desafios postos em evidência para pensarmos a relação das pessoas idosas com as TDIC foram as dificuldades encontradas por essa população em acompanharem o processo evolutivo das tecnologias digitais. Esses dados corroboram com o preconceito de que a pessoa idosa não tem capacidade de aprender coisas novas e não se moderniza porque não se apropria com plenitude das ferramentas tecnológicas e suas possibilidades, bem como fomentam a exclusão social pela não inclusão digital desse grupo. Ademais, apareceram como preocupações: o uso incorreto das TDIC pelo segmento social das crianças e adolescentes e por um grupo de pessoas que se utiliza das tecnologias digitais para prejudicar os outros, através da divulgação de *fake news*, aplicação de golpes e acesso às informações pessoais dos usuários; e o não uso das TDIC por insuficiência de renda ou condição financeira precária como fator limitante para o acesso às tecnologias.

Assim, dada às particularidades do envelhecimento, é necessária a adaptação das pessoas idosas frente ao processo de apropriação das tecnologias digitais, devido o seu desenfreado avanço e disseminação, o que compromete, em demasia, o seu acompanhamento pelo público referenciado. Isto foi posto como uma das justificadas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa ao apresentarem as desmotivações para o uso das TDIC.

É, portanto, relevante pensarmos em meios que garantam e viabilizem o direito à participação ativa das pessoas idosas, por intermédio das mídias digitais e ferramentas tecnológicas, nas comunidades das quais elas fazem parte, haja vista a pesquisa mostrar que esse público busca e acredita que através da utilização de recursos tecnológicos eles se tornam mais atuantes na vida em coletividade.

Percebemos que um dos desafios da sociedade pós-moderna é fomentar políticas públicas para pessoas idosas em resposta aos direitos sociais basilares, devendo esse assunto ser maturado com compromisso e responsabilidade na agenda pública, tendo em vista serem ofertadas condições dignas de vida para todas as gerações, especialmente com qualidade para os longevos. A visto disso, na esperança de mitigar a lacuna aberta na discussão pública, chamamos a atenção para intervenções governamentais que possibilitem o emprego das TDIC como estratégia de desenvolvimento da pessoa idosa, como uma das aspirações para o alcance de uma velhice idealizada.

Assim, é premente a necessidade de outros estudos das representações sociais sobre tecnologias digitais da informação e comunicação por pessoas idosas, uma vez que não se consideram esgotadas as discussões sobre este tema.

Ressaltamos nossa preocupação em contribuir para o conhecimento científico e para a perspectiva de desenvolvimento humano. Sugerimos, por conseguinte, pesquisas contínuas a respeito do processo de envelhecimento e das tecnologias digitais da informação e comunicação, assim como da relação entre ambos, com o propósito de promover o engajamento multidisciplinar que estimule novos estudos sobre essa temática, de crucial importância para a população brasileira.

Entendemos, por meio da pesquisa apresentada, que o cenário de relação das revoluções da longevidade com o das tecnologias digitais é primordial para criar estratégias de promoção do envelhecimento ativo e saudável, que permitam repercussões positivas no cotidiano, favorecendo iniciativas e práticas que possibilitem verdadeiramente ações concretas acerca da velhice digna.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean. C. (org.). **Práticas sociais e representações sociais**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- ALMEIDA, Angela M. O. A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. *In*: Santos, Maria de Fátima S.; Almeida, Leda Maria (org). **Diálogos com a Teoria das representações sociais**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.
- AMARAL JUNIOR, J.C. do. **Estudo da interação idoso e tecnologia no universo doméstico e sua relação com a autonomia**. 2013. 154f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2013.
- AMORIM, *et al.* Políticas Públicas de Atenção à Saúde da Pessoa Idosa no Brasil. *In*: MIRANDA, *et al.* (org.). **Promoção à Saúde e Qualidade de Vida da Pessoa Idosa**. Curitiba: Editora CRV, p. 13-24, 2022.
- ARAÚJO, C. L. **Idosos e Cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). Goiânia, p. 135. 2017.
- BARANAUSKAS, M. C. C., & VALENTE, J. A. (2013). Editorial. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, 1(1), 1-5. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14436/9449>>. Acesso: 09/06/2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M. & GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Rumo ao paradigma da investigação das representações sociais**. Revista de Teoria do Comportamento Social, v. 29, n. 2, p. 163-186, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/> Acesso em: 10/07/2020.
- BRASIL. **IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: 10/07/2020.
- BRASIL. **LEI Nº 6.880, de 09 de dezembro de 1980**. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [1980] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6880.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.8>

80%2C%20DE%209%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201980&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20dos%20Militares.&text=Art.,dos%20membros%20das%20For%C3%A7as%20Armadas>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. Constituição Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [1998] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. LEI Nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994.

Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [1994] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. LEI Nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [1994] Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. LEI Nº 10.741, de 01 de outubro de 2003.

Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [1996] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 145, de 15 de outubro de 2004.

Dispõe sobre a Política Nacional de Assistência Social. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [2005] Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. DECRETO nº 10.113, de 26 de novembro de 2019. Institui o Programa Viver – Envelhecimento Ativo e Saudável. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [2019] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10133.htm>. Acesso em: 07/11/2021.

BRASIL. NSCA 163-1, de 21 de fevereiro de 2020. Norma do Comando da Aeronáutica. Dispõe sobre o Sistema de Serviço Social no âmbito do Comando da Aeronáutica. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [2020] Disponível em:

<ftp://ftp.dirap.intraer/Assessoria%20de%20Servi%20Social/Legisla%20F5es/Sistema%20de%20Servi%20Social/_Publica%20NSCA%20163-1.2020.pdf>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. LEI Nº 14.533, DE 11 DE JANEIRO DE 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República [2023] Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm>. Acesso em: 02/12/2023.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim do Século, 2003.

BRISOLARA, C. B. C. **A representação Publicitária de Idosos Utilizando Dispositivos Móveis**: uma análise da velhice retratada na propaganda brasileira. Dissertação (Mestre em Comunicação e Linguagem) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagem, Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, p. 133. 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

CAPITANINI, M. E. S. **Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CARVALHO, V. A.; CARAMELLI, P. Brazilian adaptation of the Addenbrooke's Cognitive Examination-Revised (ACE-R). **Dementia & Neuropsychologia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 212-216, abr./jun. 2007

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999 p.21 - 84.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CETICBR, C. R. D. E. P. O. D. D. S. D. I. TIC Domicílios - **Uso da internet pelo brasileiro**. CETIC BR, 2017. Disponível em: <resumo_executivo_tic_domicilios_2021.pdf (cetic.br)>. Acesso em: 01/09/23.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAMON, E. M. Q. O.; CHAMON, M. A. Representação Social e Risco: Uma Abordagem Psicossocial. *In*: CHAMON, E. M. Q. O. (org.). **Gestão de Organizações Públicas e Privadas**: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

CHAMON, E. M. Q. O.; LACERDA P. G.; MARCONDES, N. A. V. Um Breve Revisar de Literatura sobre a Teoria das Representações Sociais. **Revista Ensino Educacional Ciências Humana**, Londrina, v.18, n. 4, p. 451-457, 2017.

CHAMON, M. A.; CHAMON, E. M. Q. O. **Instalação do software IRaMuTeQ**. Versão 1. Campos do Jordão, SP, 2021. Relatório não publicado.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CLAY, E.; CHAMON, E. M. Q. O.; RODRIGUES, A. M. Representações Sociais Sobre os Alimentos Orgânicos para Agricultores: Uma Revisão da Literatura Nacional. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 35, p. 243-273, 2016.

COSTA, E. de O. **Uso de Tecnologias por Idosos**. Dissertação (Mestrado em *Magister Scientiae*) - Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, p. 98. 2018.

COSTA, R. S. S.; DUQUEVIZ, B. C.; PREDROZA, R. L. S. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revista quadrimestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional**, SP. volume 19, número 3, Setembro/Dezembro de 2015: 603-610.

DANIEL *et al.* **Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. Análise Psicológica**. 2016, 4 (XXXIV): 353-364. [https:// doi: 10.14417/ap.1020](https://doi.org/10.14417/ap.1020).

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 12, nº. 34, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=203:rbc34&catid=69:rbc34&Itemid=399>. Acesso: 01/05/2021.

DEBERT, G. G. **Pressuposto da reflexão antropológica sobre a velhice**. En Grin G. D. (coordenação) *Antropologia e Velhice*. Campinas, IFCH/ UNICAMP, 1994, p. 7-30.

DEUS, S. de. Envelhecimento, Desigualdades Sociais de Raça/Etnia e políticas Públicas. In: TEXEIRA, *et al.* (org.). **Políticas Sociais de Cuidados de Pessoas Idosas em Contextos Nacional e Internacional**. Curitiba: Editora CRV, p. 67-90, 2023.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”, **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n79, p.257-272, ago2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 01/09/23.

FREITAS, F. de. **Validação do Instrumento “Teste deu Cérebro” para Idosos**: versão para ipad. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.88. 2019.

GADOTTI, M. (2000). **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em Perspectiva, 14(2), 3-11.

GAIGE, D. S. **Devagarinho a gente pega o jeito: um estudo antropológico sobre envelhecimento e mídias digitais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 180. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL BRASILEIRO. – Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao>. Acesso em: 23/07/20.

JODELET, D. **Representações sociais e triangulação**: uma aplicação em psicologia social da saúde (pp. 668-672). Paris: Larousse, 1991.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.679-712, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922009000300004>.

KACHAR, V. **A terceira idade e o computador**: interação e transformações significativas. A Terceira Idade, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 5-21, abr. 2000.

KACHAR, V. **Terceira Idade & Informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KACHAR, V. **Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital**. Revista Kairós Gerontologia, v. 13, n. 2, p. 131-147, nov. 2010.

KENSKI, V. M. **Aprendizagem mediada pela tecnologia**. Revista Diálogo Educacional, 4(10), 47-56, 2003. Acesso: 10 jun. 2014. Disponível: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=786&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 20/07/22.

KENSKI, V. M. Novas Tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, nº 8, 58-71, 1998.

KRUG, R.de R.; D'ORSI, E; XAVIER, A.J. Associação entre o uso de internet e a função cognitiva de idosos, estudo longitudinal populacional Epifloripa Idoso. **Rev. Brasileira Epidemiologia**, v. 22, e190012, p. 1-12, 2019.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998, p. 260.

LÉVY, P. **Cibercultura** (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999, p. 212.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, 34, 2000.

MARCONDES, N. A. V.: BRISOLA, E. M. A. Análise por Triangulação de Métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, 20(35), 201–208. <https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>.

MARX, K. **Ciência da filosofia do direito de Hegel**. Introdução. *In*: Temas de Ciências Humanas nº 2. São Paulo, Grijalbo, 1977.

MEIRELLES, R. Idoso Conectado: cresce o número de pessoas com mais de 60 anos de idade que usam a internet no Brasil. **Revista Brasileiros** 2016. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/09/idoso-conectado2/>>. Acesso em: 08/09/2021.

MELLIS, Fernando. (2018) **Número de idosos no Brasil deve dobrar até 2042**, diz IBGE. *Portal R7*. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/numero-de-idosos-no-brasil-deve-dobrar-ate-2042-diz-ibge-25072018>> 25 jul. 2018. Acesso em: 27/01/24.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (org.) **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. Das Representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. *In*: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 45-66.

MOSCOVICI, S. **O fenômeno das representações sociais**. *In*: MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p.29-110.

MOSCOVICI, S. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURA, T. **Iconografia de Idosos em comunicações marcárias publicadas nas mídias sociais**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 225. 2017.

MUSTAFÁ, M. A. S. M. Tendência ultraneoliberal das políticas públicas e envelhecimento no contexto da pandemia de covid-19: uma reflexão ética. *In*: TEXEIRA, *et al.* (org.). **Políticas Sociais de Cuidados de Pessoas Idosas em Contextos Nacional e Internacional**. Curitiba: Editora CRV, p. 43-66, 2023.

NERI, A.L (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288p.

PAIVA, S. O. C.; BENEDITO, J.C; CAVALCANTE, P. F. Envelhecimento e políticas públicas em contexto da pandemia por covid-19: um breve ensaio sobre Três notas essenciais. *In*: TEXEIRA, *et al.* (org.). **Políticas Sociais de Cuidados de Pessoas Idosas em Contextos Nacional e Internacional**. Curitiba: Editora CRV, p. 23-42, 2023.

PAIXÃO, T. Z; FREITAS, M. do D. D. Processo de formação e inclusão tecnológica para a terceira idade. **Revista Eletrônica de Extensão**, ISSN 1807-0221, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 41-54, 2017.

PALMONARI, A.; CERRATO, J. Representações Sociais e Psicologia Social. *In*: ALMEIDA, Angela. M. O.; SANTOS, Maria de Fatima S.; TRINDADE, Zeidi. **A Teoria das Representações Sociais 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 402-441.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9. N. 5, October (2001). Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso: 03/05/2021.

REIS, D. S. M. Idosos: qualidade de vida, capital social, respeito e reconhecimento em políticas de saúde. In: MATOS, Heloiza (org.) **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

SALES, *et.al.* Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de software educativo. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(4), pp.63-81. 2014, dezembro. ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

SALES, *et.al.* Tecnologias digitais de informação e comunicação via *Web*: Preferências de uso de um grupo de usuários idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(3), pp.59-77. 2014 setembro ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

SANTOS, A. G. dos. **Tecnologias Comunicacionais e Idosos: aproximação ou distanciamento? O caso da associação dos funcionários públicos de São Bernardo do Campo/SP**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Estudo e Pós Graduação em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, p.137, 2017.

SANTOS *et.al.* A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology Communication Research**, Florianópolis, v. 24, e2058, p. 1-8, dez. 2018.

SANTOS, A. G. **Letramento Digital e Inclusão Social do Idoso**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, p. 128. 2018.

SILVA, A. de, S. de. Envelhecimento em contexto da pandemia da covid-19: a reprodução das desigualdades de raça/etnia no adoecimento e mortalidade. In: TEXEIRA, *et al.* (org.). **Políticas Sociais de Cuidados de Pessoas Idosas em Contextos Nacional e Internacional**. Curitiba: Editora CRV, p. 91-102, 2023.

SILVEIRA, M. M. da; PORTUGUEZ, M.W. Efeitos do computador na cognição, estado emocional, qualidade de vida e habilidade Manual do Idosos. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.35, e3522, p. 1-10, nov. 2017.

SILVEIRA, M. M. da. **Desempenho cognitivo, estado emocional, qualidade de vida e habilidade motora manual de idosos participantes de oficinas de informática**. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 158. 2015.

SILVEIRA, S, A. **Exclusão Digital** – a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SIMOES, C.de A. **Idosos e Internet: mediações nos usos de serviços bancários digitais.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia. Universidade Federal do Pará, Belém, p. 132. 2019.

SOUZA, M.A.R. et al. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP.** 2018; 52: e03353. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>

TORRES, *et al* (Org). **Promoção à saúde e qualidade de vida da pessoa idosa.** Curitiba: CRV, 2022.

VIANA, J. A. L. **O uso das tecnologias de Informação e comunicação na terceira idade e a vulnerabilidade à engenharia social.** Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós Graduação em Administração. Universidade da Paraíba, João Pessoa, p. 107. 2017.

ORGANIZATION WORLD HEALTH. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan – Americana de Saúde, 2005. Título original: Active ageing a policy framework.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Caro participante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa intitulada REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESSOAS IDOSAS SOBRE OS IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, que se refere à dissertação de mestrado de Larissa Soares Franco Miranda, matrícula 10103456, no Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (UNITAU), tendo como professora orientadora, a Profa. Dra. Patrícia Diana B. de S. e C. Ortiz Monteiro. O objetivo geral deste estudo é analisar as representações sociais de pessoas idosas sobre as tecnologias digitais de informação e comunicação. Os objetivos específicos correspondem a: apresentar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa; discutir os impactos que as TIC's podem causar na população idosa imersa na era digital; compreender as crenças, atitudes sobre as TDICs e se estas influenciam o comportamento dos idosos; conhecer as motivações que levam ou não as pessoas idosas a participarem de oficinas de informática. Os sujeitos pesquisados serão os idosos vinculados ao Grupamento de Apoio de São José dos Campos (GAP-SJ). A pesquisa terá como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário e entrevista semiestruturada, fundamentados em um roteiro prévio de perguntas. A aplicação da entrevista será realizada de forma individual, por meio de uso de gravador, caso o sr./a sra. permita, e respeitando as medidas de biossegurança de controle e prevenção da pandemia do COVID-19, ou seja, distanciamento de dois metros, uso de máscara cobrindo nariz e boca e álcool nas mãos, caso a pesquisa seja realizada de forma presencial. Os dados obtidos por meio desta entrevista serão utilizados somente para fins de pesquisa, como em nossa dissertação de mestrado e em artigos científicos. Nestes, o anonimato do sr./ da sra. será garantido, sua identidade não será divulgada, sendo plenamente guardada em sigilo. Esta pesquisa respeita os preceitos éticos da Resolução 466/2012 e não oferece riscos a sua integridade física, mental e emocional como participante, mas no mínimo pode provocar um desconforto pelo tempo exigido para discussão das perguntas ou um constrangimento pelo teor delas. Entretanto, para evitar que ocorram, o sr./ a sra. possui a liberdade de retirar sua permissão de participação a qualquer momento, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para si. Mesmo assim, caso haja algum dano ao participante, será garantido ao participante procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização. Vale destacar que, se o sr./ a sra. aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão sobre as representações sociais das tecnologias digitais de informação e comunicação, precipuamente no que concerne às percepções dos/as idosos do GAP-SJ sobre este. Ressaltamos que o sr./ a sra. tem o direito de ser mantido/a atualizado/a sobre os resultados parciais e finais da pesquisa. Esta não lhe trará despesas pessoais e também não oferece compensação financeira pela sua participação. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será impresso em duas vias, uma delas ficará com o pesquisador e a outra com o sr./ a sra. Em qualquer etapa do estudo, o sr./ a sra. poderá contatar as pesquisadoras para o esclarecimento de dúvidas sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa ou para retirar o seu consentimento de utilização dos dados coletados. Para tanto, o sr./ a sra. poderá entrar em contato com as responsáveis: Larissa Soares Franco Miranda, telefone: (12) 9 91455956 (email: larissa_sfm2@hotmail.com) e Patrícia Diana B. de S. e C. Ortiz Monteiro, telefone: (12) 9 997089488 (email: patyortizmonteiro@terra.com.br), assim como com o Comitê de Ética

em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Centro – Taubaté,
telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

Consentimento Pós-Infomação:

Eu, _____,
RG _____, confirmo que Larissa Soares Franco Miranda explicou-me os
objetivos desta pesquisa, bem como os procedimentos utilizados para minha participação e
esclareci minhas dúvidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido e concordei em dar meu consentimento como participante desta pesquisa.

São José dos Campos/ SP, ____ de _____ 20____.

(Assinatura do participante)

(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE II

Roteiro do Questionário

Naturalidade: Idade: Identidade de Gênero:
Estado civil: Cor/etnia:
Escolaridade: Renda Bruta:
Posto/Graduação/Função Condição de Trabalho:
Condição de moradia: Condição de energia: Condição de saneamento básico:
Usuário da Proteção Social Básica: Usuário da Proteção Social Especial:
Possui doença crônica: Possui doença grave? Usa medicamento controlado?
Possui deficiência? Se sim, qual?
Qual o recurso de saúde (sus, particular) utilizado?

Roteiro da Entrevista

1. O que o(a) senhor(a) pensa sobre o uso atual das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs)? Conte-nos como era antes e como é hoje a relação das pessoas, em geral, com as tecnologias de comunicação e informação.
2. Você acha que as TDICs influenciam a sua vida? De que forma?
3. Qual sua impressão sobre os impactos que as tecnologias digitais de informação e comunicação tem atualmente, na vida das pessoas? E na sua vida?
4. Quais as vantagens e desvantagens do uso das TDICs na vida das pessoas? E na sua vida?
5. Na opinião do(a) senhor(a), como deveria ser o uso apropriado das TDICs?
6. Com a pandemia COVID -19, em que mudou a relação das pessoas com as TDICs, na opinião do(a) senhor(a)?
7. Quando, onde e como o(a) senhor(a) faz uso das TDICs? Se não faz uso, por quê?
8. O que o motiva o(a) senhor(a) a usar, ou não, as TDICs?
9. Na opinião do(a) senhor(a), quais os fatores limitantes para uma ideal apropriação dos meios tecnológicos?
10. O(a) senhor(a) já participou de alguma oficina de informática ou de algum curso de aprendizagem sobre o uso de alguma TIC? Se sim, quantos e quais? Se não, por quê?

APÊNDICE III

INFORMAÇÃO PESSOAL



MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
GRUPAMENTO DE APOIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Ofício s/nº
Protocolo COMAER nº 67720.007737/2020-51

São José dos Campos, 29 de setembro de 2020.

Da 1º Ten QOAP LARISSA SOARES FRANCO MIRANDA
Ao Sr. Chefe do GAP-SJ

Assunto: Autorização de Pesquisa Científica para Mestrado Acadêmico.

1. Ao cumprimentar o Senhor na presente oportunidade, passo a tratar sobre a intenção de pesquisa no Grupamento de Apoio de São José dos Campos (GAP-SJ), com vistas à elaboração do documento de Dissertação, exigido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, para a conclusão do curso de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.
2. A referida pesquisa, intitulada *Representações Sociais das Tecnologias da Informação e Comunicação para Pessoas Idosas*, sob responsabilidade da pesquisadora responsável Larissa Soares Franco Miranda, matrícula nº 10103456, tem como objetivo analisar as representações sociais das tecnologias da informação e comunicação para idosos participantes de oficinas de informática. Assim sendo, os sujeitos pesquisados serão os idosos vinculados ao Grupamento de Apoio de São José dos Campos, em especial os participantes da Oficina de Informática para Pessoa Idosa, projeto social coordenado pelo Serviço Social do GAP-SJ.
3. Destarte, solicito a autorização para realizar a pesquisa científica, bem como ter acesso as informações e aos documentos necessários para o desenvolvimento do trabalho.


LARISSA SOARES FRANCO MIRANDA 1º Ten QOAP

ANEXO II



MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
GRUPAMENTO DE APOIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA

Eu, **Luís Fernando Marques Barbosa**, na qualidade de responsável pelo **Grupamento de Apoio de São José dos Campos**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **Representações Sociais das Tecnologias da Informação e Comunicação para Pessoas Idosas** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora **Larissa Soares Franco Miranda**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária para a realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da Universidade de Taubaté - CEP/UNITAU para a referida pesquisa.

São José dos Campos, 19 de outubro de 2020.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'LFB', is written over the printed name and title.

LUIS FERNANDO BARBOSA MARQUES Cel Int
Chefe do GAP-SJ